



VIVENDO UM GRANDE AMOR

IZOLDINO RESENDE

ERNESTO

O belíssimo enredo do livro *RENUNCIANDO POR AMOR* revela a história de André e Esther, que, após várias reencarnações vivenciando um amor intenso, mas egoísta, tiveram a oportunidade de reparar os erros de outrora. Eles foram separados, ainda crianças, e tiveram de se dedicar, cada qual, ao compromisso assumido no plano espiritual. Assim, com afeição e renúncia, superaram os obstáculos e lutaram para alcançar o êxito, contando com a Misericórdia Divina, que sempre nos dá uma chance de recomeçar!

VIVENDO UM GRANDE AMOR é a sequência da história, em que os protagonistas têm a oportunidade de se reencontrar, após terem concluído parte importante da grande tarefa que lhes cabia.

Depois da resistência a todas as dificuldades e ao tempo, ao completarem sessenta anos de idade, nos quais ficaram separados por quarenta e sete anos, reencontram-se para viver uma linda história de amor.

Percebemos, nesta história, que a melhor forma de sermos felizes é corrigindo os erros do passado, aproveitando as oportunidades que o Senhor nos proporciona e, principalmente, aprendendo a renunciar em nome do trabalho edificante.

"Não é Deus quem nos condena a viver presos, indefinidamente, aos problemas, nós é que nos condenamos quando abrimos mão da responsabilidade de agir para a solução das nossas dificuldades. "

Amor, essência divina que cura todas as dores da alma e cicatriza as feridas do coração, liberta nossa consciência dos equívocos do passado e traz luz e esperança para que possamos vislumbrar os novos horizontes de um futuro promissor!

"Para, assim, vivermos um grande amor".

IZOLDINO RESENDE

Izoldino Resende de Moraes, comerciante e médium por mais de 30 anos, ocupou o cargo de presidente da Aliança Municipal Espírita de Santa Luzia, sendo também presidente do Conselho Espírita da Bacia Alto Rio das Velhas. Fundador e dirigente do Grupo Espírita Eurípedes Barsanulfo da cidade de Santa Luzia.

ERNESTO MACÊDONIO

Foi frei franciscano, fundador da ordem Casa de Maria, na Espanha, nas proximidades de Madri, no ano de 1750.

Desencarnou na época da inquisição, trabalhando incessantemente no processo de crescimento e bem-estar dos necessitados.

ÍNDICE

Prefácio

Capítulo 1: Uma Nova Etapa de Vida

Capítulo 2: Reencontro no Plano Espiritual

Capítulo 3: Proteção Espiritual

Capítulo 4: Cometendo os Mesmos Erros do Passado

Capítulo 5: O Acidente

Capítulo 6: Atendimento aos Necessitados

Capítulo 7: A Nova Vida!

Capítulo 8: A Família Reunida

Capítulo 9: Tristes Consequências

Capítulo 10: A Dor do Erro

Capítulo 11: Novo Lar

Capítulo 12: A História de um Grande Médium: irmão Alberto ...

Capítulo 13: A Oportunidade da Colheita

Capítulo 14: Descobrimos os erros do passado

Capítulo 15: As Consequências dos Nossos Erros!

Capítulo 16: A Nova Oportunidade!

Capítulo 17: Tempo de Recomeçar

Capítulo 18: A Bênção do Recomeço

Recomeço

PREFÁCIO

Amor, essência divina que cura todas as dores da alma e cicatriza as feridas do coração, liberta nossa consciência dos erros do passado, trazendo luz e esperança para que possamos vislumbrar novos horizontes de um futuro promissor!

O amor dignifica, perdoa e compreende, dissipando as trevas da ignorância, fazendo-nos perceber o verdadeiro sentido da vida, aceitando e compreendendo com raciocínio lógico o porquê de estarmos aqui.

Esther e André estavam muito emocionados por tudo o que estava acontecendo em suas vidas desde que se reencontraram, e a felicidade se instalou no coração de ambos. Agora poderiam viver e aproveitar plenamente essa dádiva do Criador. Esse amor que transcendeu o tempo, superou a distância e venceu todas as dificuldades!

Num misto de alegria e tristeza, preparavam a viagem que os levaria ao encontro de seus próprios destinos, vivendo uma nova experiência. De agora em diante, estariam no comando e assumiriam a responsabilidade pela derrocada ou pela vitória da missão cumprida.

Por um lado, sentiam muita alegria por estarem realizando o sonho de uma vida inteira, e, por outro, a tristeza causada pela despedida das filhas do coração de Esther, que a amavam intensamente, deixou a saudade que marcaria profundamente o íntimo de sua alma.

Iniciando uma nova fase, os recém-casados embarcaram para a cidade onde André morava e militava no trabalho social de ajuda e amparo aos mais carentes da região.

A rodoviária daquela pequena cidade do interior de Minas Gerais foi o palco das despedidas, com muitas lágrimas, tanto para os que ficaram como para os dois, que seguiram outro rumo nessa nova etapa de vida.

Certamente, seguirão a bússola do amor, esse amor que os manteve firmes no compromisso do trabalho assumido no plano espiritual em benefício do próximo. Esqueceram, de vez, o passado de egoísmo, onde o amor os cegou para as questões do espírito e viveram somente um para o outro, sem pensar na continuação do amor de Deus na imagem do semelhante.

Estarão livres para seguir a nova etapa e ainda terão o auxílio e o amparo de seus amigos espirituais, que os intuirão a melhor rota a seguir. Estando de posse do livre-arbítrio, poderão se conduzir e estender o amor de várias formas, sendo multiplicadores desse tesouro que os libertará das armadilhas arquitetadas por eles mesmos!

Que Deus os ampare nessa caminhada, para que realmente possam viver um grande amor!

Eva Pereira Silva 2/12/2012

CAPÍTULO 1

UMA NOVA ETAPA DE VIDA

No caminho com destino a São Paulo, Esther e André presenciavam a grande beleza da natureza: os campos verdejantes, o desenvolvimento da agricultura e o progresso que já avançava pelas terras brasileiras.

Esther fez um breve comentário sobre um dos livros do nosso querido Chico Xavier, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*:

- Aqui, também, é um celeiro do mundo. Tantas terras produtivas que poderiam ser cultivadas!
- O Brasil tem condições de alimentar muitas pessoas. Tenho certeza de que chegará uma época em que ninguém mais vai passar fome. Os países serão solidários uns com os outros, e as terras brasileiras poderão contribuir muito para essa solidariedade. Aqui, tudo o que se planta colhe.
- É um grande celeiro de onde o mundo espera receber ajuda.

Quando o ônibus atravessou o Rio Grande, Esther ficou surpresa com o tamanho do rio, que, até então,

ela não conhecia. As águas tão puras e cristalinas pareciam o mar. Do outro lado do rio, a beleza da natureza também a encantou profundamente. Olhava as terras à sua frente, grandes plantações de milho que se perdiam na imensidão. Era tempo da colheita, e Esther ficou abismada com o tamanho das máquinas que seriam usadas. Várias colheitadeiras recolhendo o milho e transportando-o para os caminhões que as acompanhavam.

Naquele momento, ela olhou para o céu e viu o azul infinito e, em pensamento, disse:

"Obrigada, meu Deus, por ter me dado a oportunidade de ver tanta beleza na Terra!

Ah, quantas vidas dependem daquele rio! Quantas cidades ele deve abastecer!

Quantas pessoas são beneficiadas com os peixes desse rio! Quantas pessoas são favorecidas com tantos grãos de alimentos colhidos nestas terras brasileiras!

O estado de São Paulo tem uma terra muito fértil, fácil de plantar e de colher. A terra é preparada com as máquinas, e os homens de hoje em dia não precisam mais utilizar sua força no cabo da enxada.

Tudo é cultivado mecanicamente".

André, observando o grande silêncio de Esther, perguntou:

— Querida, pela sua fisionomia, você está vivendo um momento de muita paz!

— Sim, meu amor, veja...

Passou voando um bando de passarinhos que cobriram a frente do ônibus e seguiram pela lavoura de milho fazendo a maior algazarra.

— Meu querido, eu não sabia que o estado de São Paulo era um grande celeiro de alimentos que pode prover o mundo. Estou surpresa com o progresso, como são feitas as plantações aqui com essas máquinas gigantescas. Não sei por que ainda existe fome no mundo, em meio a tanta fartura!

— Realmente, querida! A humanidade sofre com a fome porque as pessoas ainda não aprenderam a dividir o pão. Às vezes, me pergunto: Por que muita gente ainda passa fome no Brasil, um país que produz tanto? Sabemos, minha querida, que muitas pessoas ainda estão vivenciando o grande processo da Lei de Causa e Efeito. Diante do progresso do mundo atual, com o mundo em provas e expiações, ainda é necessária essa grande desigualdade.

— Quando o mundo estiver em fase de regeneração, essas diferenças diminuirão.

— Nesta atual encarnação, não conseguiremos alcançar o bom tempo da colheita, mas tenho certeza de que nas futuras o vivenciaremos. O nosso papel, agora, como filhos de Deus, é semear a semente do bem no coração daqueles que nos procuram e que está em nosso alcance ajudar. Esse será o nosso objetivo.

— Vamos continuar nosso trabalho aproveitando a oportunidade de estarmos juntos.

— Tenho certeza de que seremos muito felizes. Mas não vamos nos esquecer dos nossos compromissos espirituais, necessitamos deles para manter nossa real felicidade.

— Só somos felizes quando temos paz de espírito; e só o trabalho, o devotamento ao nosso semelhante, o esforço para mudar nossas imperfeições vão contribuir para a permanência da nossa felicidade interior.

— O contrário disso será uma vida infeliz, sempre em conflitos. Por isso temos de procurar estar sempre equilibrados para que possamos crescer cada vez mais e realizar o imenso trabalho espiritual que nos aguarda.

Com esse diálogo e outras meditações, chegaram à casa de André e foram recebidos por seus amigos.

A casa estava em festa, à espera dos recém-casados.

Foram recebidos com muito amor e carinho. Todos sentiram uma grande simpatia por aquela linda e encantadora senhora de sessenta anos, que ainda trazia em seus traços físicos a beleza e o encanto que, mesmo com a passagem do tempo, continuavam intactos.

Nas dependências da Casa Espírita, no plano físico, todos estavam intensamente felizes por tudo o que estava acontecendo naquele momento. Era uma festa cheia de alegria entre grandes amigos, todos com muita euforia, representando, assim, a imensa família universal. Nas dimensões espirituais da Casa, onde existe um trabalho atuante, a alegria era maior, muito mais que no plano físico. Lá se encontravam vários trabalhadores reunidos, também em festa, pois todos os presentes torciam para que aquele reencontro acontecesse.

Muitos espíritos que trabalhavam na Casa Espírita Adolfo Bezerra de Menezes, fundada por André, já conheciam o trabalho de Esther e os amigos espirituais que trabalhavam ao lado dela nas dimensões física e espiritual do Lar Bezerra de Menezes, onde Esther cuidava de crianças e adolescentes.

As duas equipes espirituais, tanto do orfanato como do asilo, estavam sempre em contato. Isso favorecia muito o trabalho no plano físico. Mantinham a ligação entre os dois dirigentes encarnados, que beneficiava a ambos em seus encontros no mundo espiritual em desdobramento. O trabalho em prol da caridade, no plano físico, é acompanhado pelos amigos espirituais e concretizado no plano espiritual, e muitas vezes ele não começa na Terra, mas nas dimensões espirituais. Essas duas Casas Espíritas já existiam no mundo espiritual antes de André e Esther reencarnarem. Eles foram preparados para que, no tempo certo, viessem a implantar o trabalho no plano físico. Essa foi a missão deles.

CAPÍTULO 2 REENCONTRO NO PLANO ESPIRITUAL

Dona Laura, mãe de Esther desencarnada, estava radiante; e Marina, mãe de André desencarnada, estava extremamente feliz por ver seu filho ao lado de quem tanto amava, alguém que ele tanto procurou e nunca desistiu de encontrar, mesmo que fosse no último dia de sua vida. Para André, era como se tivesse ganhado um grande prêmio. Tendo seu sonho realizado, a felicidade daquele casal invadia o coração de todos os que estavam por perto.

— Marina, você está vendo como nossos filhos estão felizes? Não só eles, mas todos os trabalhadores da Casa. Veja como o amor sublima as dimensões espirituais, numa festa de alegria como esta!

— Sim, Laura, olhe as flores do jardim como estão bonitas! Até nossos irmãos desencarnados que continuam hospedados nas dimensões da Casa Espírita estão felizes porque essa festa transcendeu a vida física!

— Realmente, Marina. Muitas flores desabrocharam! Parece até que estamos na época da primavera, pela quantidade de flores que nasceram de ontem para hoje!

Não era primavera, mas a força do pensamento de alegria, paz e felicidade muda a visão dos lugares, por meio do pensamento positivo, irradiamos luz. E essa luz tem condições de se materializar e criar lindas dimensões, que vêm favorecer nossa felicidade, buscando nos alegrar pela visão espiritual.

— Laura, estou sentindo falta de uma pessoa, um benfeitor muito importante!

— Eu sei, Marina, você está sentindo falta do senhor Joaquim. Depois de sua desencarnação não tivemos mais sua presença. Mas, com certeza, ele está por aqui.

— Fomos convidados por nosso instrutor espiritual, Ernesto, para comparecermos a uma reunião. Ao chegar a um salão muito bonito e confortável, já se encontravam vinte espíritos sentados em círculo. Nossos lugares estavam livres, nos aguardando. Sentamos e tivemos uma grande surpresa.

— Laura, você está vendo quem está ao seu lado?

Laura observou e viu, bem pertinho dela, o senhor Joaquim.

— Que prazer, senhor Joaquim! Estava sentindo sua falta nesta linda festa!

— Laura, minha querida, eu estive sempre aqui. Depois de minha desencarnação, cheguei a esta Casa Espírita, nas dimensões espirituais, onde passei alguns dias em recuperação e fui muito bem acolhido pelos benfeitores. Eu não conhecia os planos para o futuro da Casa, que se materializou na Terra pelo esforço de André. Até então, não tínhamos conhecimento da programação divina para a grande missão do meu filho amado, que no fim de minha vida não me abandonou, e esteve até o fim cumprindo sua missão ao meu lado.

Marina, abraçando o senhor Joaquim, disse:

— Sinto pelo senhor toda a gratidão do mundo! Foi o senhor quem nos deu a oportunidade de conhecer a doutrina espírita, que nos trouxe a felicidade, fortalecendo nosso coração. Não tivemos nenhuma dificuldade no nosso desenlace, pois a doutrina espírita nos esclareceu. Trouxe-nos consolo por meio do conhecimento espírita. Tive muita facilidade para perdoar o doutor Luiz. Nossos benfeitores espirituais estiveram sempre ao nosso lado, nos amparando nas horas em que mais precisamos.

— O espírito que nos acompanhou nesse processo de obsessão, eu o adotei como filho amado e quero conduzi-lo nas mesmas pegadas por onde o Cristo passou um dia. Recebê-lo-ei na Terra novamente como filho, quando Deus me der a oportunidade de retornar ao plano físico.

Senhor Joaquim, sorrindo e abraçando-a, disse:

— Realmente, minha filha, somente o amor constrói a felicidade no coração de quem sabe renunciar a si mesmo em favor dos outros. Aquele que muito ama não tem necessidade de perdoar, porque não se sente ofendido. Vejo você na classificação de quem ama muito.

Marina sorriu e disse:

— Ainda não estou nessa condição, senhor Joaquim, estou longe de alcançá-la.

— Somente Jesus nos demonstrou esse grande amor. Realmente eu o perdoei, mas tive de deixar o tempo passar, não foi tão fácil assim. Precisei me preparar espiritualmente para perdô-lo, não somente a ele como também ao doutor Luiz. Jesus perdoou aqueles que o crucificaram na própria cruz, sendo torturado. Então podemos nos classificar como espíritos em busca do amor.

Os dois se abraçaram e sorriram. Não poderiam continuar o assunto, pois a reunião estava se iniciando. Naquele momento, todos já estavam sentados, cada um em seu lugar. Em volta da mesa enorme havia vinte e quatro famílias, que estavam ligadas ao mesmo projeto reencarnatório, pois faziam parte de uma grande família universal que há milênios estava unida, passando por muitas experiências na Terra; ora como pais, ora como filhos, irmãos ou cônjuges.

Em seguida, tivemos uma grande surpresa, quando o senhor Joaquim nos pediu a palavra.

— Querido irmão Ernesto, antes de iniciar a prece, eu queria agradecer a todos a oportunidade que tive na Terra de conviver com meu filho em uma encarnação passada. Descobri, ao despertar no mundo espiritual, o grande amor, carinho e afinidade que sentia por André. Imaginava que alguma ligação muito forte já havia acontecido entre nós, só não sabia que na minha última encarnação fui seu pai.

— Agradeço a Deus por essa experiência que tive. Aprendi muito com ele e sou muito feliz, também, por ter colaborado com sua missão na Terra.

— Realmente, senhor Joaquim, para todos nós foi uma grande oportunidade por não termos falhado tanto como em outras tarefas que assumimos com o intuito de fazer o melhor. Na penúltima encarnação de André e Esther, nós também ficamos com essa responsabilidade, mas não conseguimos fazer muita coisa para ajudá-los. Por isso eles tiveram de passar por essa provação, mas, como o Pai Celestial sempre sabe como conduzir os nossos passos para que caminhemos no rumo certo, pela Lei de Causa e Efeito, nada pode ficar fora do lugar. No universo tudo é perfeito. Deus só cria a perfeição.

— Nós é que tentamos desarmonizar a obra do Pai. Assim, somos convidados ao reajuste.

— Aquilo que fizemos um dia temos o compromisso de assumir.

— Podemos considerar, senhor Joaquim, que tudo o que o Pai criou é perfeito, mas tudo o que destruimos devemos refazer. Muitas vezes, somos obrigados a passar pela dor para encontrarmos o verdadeiro valor do amor.

— Queremos agradecer ao nosso Pai Celestial, ao nosso Mestre Jesus e também ao nosso benfeitor Alan Kardec, aos desbravadores, codificadores da doutrina espírita que tantas oportunidades nos deram por trazer à Terra, por intermédio de nosso Mestre Jesus, a equipe do Espírito de Verdade, coordenada diretamente por Cristo, para revelar ao homem a imortalidade da alma, a reencarnação, a pluralidade dos mundos habitados, a Lei de Causa e Efeito e a grande Lei do Amor e da Caridade.

— "Mestre Jesus, nós te agradecemos do fundo do coração o amor que o Senhor tem pela humanidade.

— Muitas vezes, não conseguimos compreender nosso dever na Terra em razão da nossa pobreza espiritual e, mesmo assim, somos consolados quando estudamos seus ensinamentos no Evangelho, que é a boa nova, repleto de ensinamentos tão profundos que qualquer um, se puder estudar somente as bem-aventuranças, terá condições de se transformar. E se vivenciarmos tudo o que está contido nesse código moral, poderemos mudar nosso mundo interior.

— Assim, Mestre Amado, nós te agradecemos por mais uma tarefa cumprida."

— Sabemos que para André e Esther é como se aqui terminasse uma grande provação.

— Mas, como ainda estão reencarnados na Terra, necessitando continuar no planeta, a partir de hoje estão iniciando uma nova etapa de vida, na qual o proceder dos dois marcará seu futuro.

— Começarão a escrever, agora, seu próprio destino. Que Deus os ampare nesse recomeço!

O senhor Joaquim olhou para Mariana e falou:

— Dona Mariana, quero agradecer-lhe por ter estado sempre do nosso lado, nos amparando, nos momentos mais difíceis da vida física. Reconheço o esforço que a senhora despendeu conosco para que

pudéssemos conduzir essa tarefa recebida do Pai Celestial.

— Senhor Joaquim, eu é que tenho de agradecer-lhe por ter cuidado do meu neto, conduzindo-o na doutrina espírita. Quero te contar uma coisa importante: o senhor renunciou por amor até sua própria saúde para que André pudesse conhecer profundamente a doutrina espírita, para que pudesse passar por sua provação na Terra: viver quarenta e sete anos longe de quem tanto ama sem perder a esperança de, um dia, encontrá-la. Sabia e reconhecia a afinidade que existia entre vocês, assim como ele o reconhecia como pai. Sabia que nunca o abandonaria. Sempre que teve oportunidade de exemplificar e ensinar, o senhor não perdeu tempo. Mesmo passando pela grande provação da pobreza, conseguiu ajudar muitas pessoas na Vila das Flores. Muitas vezes, eu o vi deixar de comer um prato de sopa para que alimento pudesse matar fome de uma criança que você nem conhecia. O senhor, por várias vezes, alimentou-se simplesmente de um copo com água. Os amigos espirituais ali presentes colocavam energias reparadoras naquela água. Como espírito encarnado, não notou, porque só preocupava com os sofredores, os doentes e os desamparados. Jamais pensou em si mesmo. O senhor tem um grande mérito aqui no mundo espiritual, tanto que poderá escolher o tempo que quer viver nesta dimensão.

— Nem todos os que se encontram aqui, nesta grande família, têm essa oportunidade.

— No momento, nossa maior oportunidade é voltar à vida física para continuar nossos trabalhos. Todos aqueles que estavam em volta da mesa se emocionaram.

* * *

Quem visse Esther nunca imaginaria que tivesse sessenta anos, pois aparentava bem menos, por ser uma linda mulher. Com André não era diferente, seus traços físicos aparentavam bem menos.

Sabemos que quando a pessoa está envolvida com o trabalho em favor do próximo, o tempo passa e ela rejuvenesce, ao invés de envelhecer. O exercício do amor e da caridade faz com que nossos músculos se movimentem cheios de energias de vida, sem contar com a satisfação e o bem-estar que sentimos.

Tudo isso nos traz um semblante feliz, refletindo a luz que brilha em nossa alma.

Quem muito ama é uma pessoa alegre e feliz!

André estava diante de linda festa de recepção, em que todos fizeram questão de cumprimentá-los, entregando-lhes vários presentes, com muitos abraços apertados. E ele percebeu, pela visão espiritual, que sua mãe e sua avó também estavam ali presentes.

Toda a família espiritual de André e Esther estava naquele ambiente de paz e amor ouvindo o espírito sublime de Mariana. Todos se abraçaram espiritualmente num gesto de agradecimento ao senhor Joaquim, por ter conseguido reconduzir aquelas duas ovelhas que estavam perdidas, trazendo-as para o grande aprisco, para que o bom pastor pudesse continuar conduzindo seu rebanho.

Marina falou:

— Senhor Joaquim, eu também quero agradecer-lhe os cuidados que teve com meu filho e a oportunidade de ter conhecido o Evangelho, por seu intermédio, quando estive na Terra.

— Quando soube que André estava com o senhor, fiquei muito feliz. Com a chegada de meu esposo ao mundo espiritual, fiquei muito preocupada com André, tão jovem e órfão de pai e mãe.

— Mas fiquei extremamente feliz em saber que, na verdade, ele estava órfão apenas de mãe.

— Agradeço muito ao senhor, ao nosso instrutor Ernesto e a muitos outros espíritos iluminados que se encontram conosco, pois foi essa equipe aqui presente a responsável pelo maravilhoso trabalho que os dois executaram na Terra.

— Agora sinto como se estivesse terminado uma grande empreitada, que foi realizada por muitos.

— Sem o apoio de todos não teria sido possível o êxito. Sinto-me como um lavrador recebendo o pagamento do patrão por ter terminado uma importante tarefa, que, para mim, foi muito lucrativa espiritualmente. Sinto que esses bens espirituais são verdadeiros, não passam com a Terra, nos acompanham pela eternidade. Somente com o esforço próprio para nossa mudança interior é que colocamos mais um ponto de luz em nosso corpo espiritual.

— Assim teremos forças para iluminar as trevas.

— Cada tarefa que executamos no campo do bem é um ponto de luz que acendemos.

— Quando concretizarmos todas as nossas missões, nos tornaremos estrelas. Aí, sim, poderemos dizer que somos luz. Mas, até chegar lá, teremos de passar por várias provações, e a Terra é uma escola bendita. Felizes daqueles que não perdem tempo, que são bons alunos. A maior parte dos matriculados

nessa grande escola são alunos repetentes. Estão sempre faltando nas tarefas escolares e deixando de fazer seus deveres. No fim da vida, grande parte é reprovada, e recomeçar é um pouco mais difícil.

— É um tempo que passa e não volta mais.

— Mas não estamos aqui para falar dos que estão vivendo no caminho da porta larga, mas sim para agradecer a Deus a oportunidade de nos reunir em família e homenagear os dois encarnados.

— Essa grande festa na Terra está sendo feita também aqui, já que todos nós conseguimos realizar nossa missão na vida física. Sabemos que o sonho de todos era de que um dia André e Esther se reencontrassem. E, de agora em diante, eles passarão a escrever seus próprios destinos, recomeçando uma missão na Terra, que terá suas consequências na próxima reencarnação.

— Que Deus nos abençoe! Vamos fazer o que pudermos para ajudá-los, mas terão total liberdade para fazer o que quiserem. Na vida anterior, viveram sessenta anos juntos, felizes e gozando de todos os bens materiais, mas, infelizmente, não se preocuparam com as questões espirituais. Por isso, nesta atual reencarnação, foram afastados um do outro, para que, por meio da dor, do sofrimento e da saudade pudessem ocupar a mente cuidando dos mais necessitados, pois é consolando o próximo que seremos consolados.

Assim, aquela reunião foi encerrada no mundo espiritual e todos voltaram ao seu trabalho nas colônias espirituais onde cada um militava. O Lar Bezerra de Menezes e o Asilo Bezerra de Menezes, fundados por André, existiam nos dois planos de vida, e o trabalho em ambas as dimensões era imenso.

André e Esther, depois daquela linda festa, retornaram ao lar, que já estava todo preparado à espera do casal, onde iniciariam uma vida diferente, como cônjuges. Ambos já contavam com sessenta primaveras. Nesta atual encarnação, estavam tendo a primeira experiência de vida a dois, em família.

Estavam livres para agir sem nenhuma interferência espiritual. Foi um momento de grande emoção. André não conseguiu conter as lágrimas. Esther não sabia o que estava acontecendo, já que não tinha vidência. Assim que teve oportunidade, perguntou a André por que estava chorando tanto, por que ficou tão emocionado daquele jeito.

E André disse:

— Meu amor, eu vi todos os nossos familiares aqui presentes.

— Papai e mamãe estavam aqui?

— Seu pai não estava, mas estavam sua mãe, vovó, papai e mamãe. Senti, também, a presença de outros amigos espirituais que sempre me acompanharam. E foi por isso que não consegui conter as lágrimas de emoção.

Esther olhou para o céu e disse:

— Obrigada, mamãe, por sua presença.

Assim começou uma nova vida para os dois, dando continuidade aos trabalhos que André e vários outros irmãos faziam na Casa Espírita. Esther participava de todos os trabalhos da Casa com muito amor, dedicação e carinho, mas o que mais gostava era das obras sociais. Participava, também, das reuniões mediúnicas.

Com o passar do tempo e a convivência do dia a dia entre os dois, as lembranças do passado foram voltando, aos poucos, em forma de intuição, despertando em Esther a necessidade de viajar e conhecer outros lugares, onde os dois poderiam aproveitar melhor o tempo juntos.

Dessa forma, começaram a se afastar das atividades da Casa nos fins de semana, viajando para as praias ou para alguns pontos turísticos do estado de São Paulo, como o Rio Jordão.

Aquela sequência de passeios foi aumentando e deixou de ser somente nos fins de semana.

Às vezes, passavam até uma semana fora. Assim, reduziram os trabalhos na Casa, diminuindo os compromissos.

André não era mais o mesmo de antigamente, quando trabalhava o tempo todo na Casa Espírita, vivendo em prol do semelhante. Esther, que também vivia para os necessitados, nessa altura só aparecia na Casa Espírita duas vezes por semana.

Os passeios foram aumentando e a participação na Casa Espírita diminuindo. Para quem frequentava a Casa todos os dias, dava para observar uma grande diminuição da responsabilidade e dos compromissos ante o trabalho que haviam se comprometido a realizar na seara de Jesus.

CAPÍTULO 3

PROTEÇÃO ESPIRITUAL

Os Protetores espirituais já estavam preocupados com a vida que os dois estavam levando.

Dona Laura falou com Marina:

— Você não está preocupada com nossos filhos?

— Sim, Laura, estou muito preocupada. Não imaginava que eles voltassem a cometer os mesmos erros de outrora. Eles estão perdendo tempo e oportunidade de dividir esse amor com todos os que sofrem e estão em volta deles. Estão sendo tão egoístas quanto antes. Isso poderá acarretar muito sofrimento para ambos.

— Realmente, Marina, eu não sabia que o comodismo também era um vício. Mas, vendo o que está acontecendo com nossos filhos, descobri que a diversão em excesso também pode se transformar em vício, em querer estar sempre aproveitando os prazeres da vida material. Eles não estão preocupados com o trabalho espiritual, acomodaram-se. As lembranças de um passado distante estão, pouco a pouco, influenciando os dois a essas viagens longas e constantes. Poderiam muito bem aproveitar a vida a dois trabalhando juntos no serviço do amor em prol dos mais necessitados. Mas como trazem de vidas passadas o vício do egoísmo, mesmo com tanto tempo de experiência que passaram nessa atual encarnação ajudando o próximo, as influências estão fazendo com que se desviem da sua missão redentora.

— Marina, o que podemos fazer para ajudá-los? Não quero que sofram tanto como já sofreram.

— Laura, quando participamos daquela reunião, o benfeitor Ernesto disse que podemos somente orar por eles. O destino deles está em suas próprias mãos. Não podemos interferir. Eles estão reprogramando suas próximas reencarnações.

— Mas sabemos a força que tem a prece, e não podemos deixar de orar.

— Quando estivermos em condições de entrar em sintonia com eles, vamos ajudá-los mais diretamente.

— Da forma como estão vivendo, nem por intuição os nossos bons pensamentos chegarão até eles.

— Não estão receptivos aos nossos conselhos.

— Eu também tentei, Marina, e várias vezes fiquei junto de Esther. Mas em nenhum momento ela pressentiu minha presença, muito menos captou minha intuição.

— Eu também sinto a mesma coisa com relação a André. Mesmo ele tendo a mediunidade de vidência, não consegue entrar em sintonia comigo. Não vamos desanimar, minha amiga.

— Continuaremos com nossa luta para que eles não venham a se comprometer mais e passar por experiência tão difícil como essa pela qual passaram nesta atual encarnação.

Realmente era um momento de grandes transformações na vida de nossos personagens.

Os amigos espirituais estavam muito preocupados com o que se passava, com a mudança de comportamento deles e o afastamento do trabalho espiritual, pelo qual eram responsáveis em razão do conhecimento que possuíam do cristianismo redivivo, que é o espiritismo.

Dona Laura, Marina, Mariana e o senhor Joaquim estavam sempre por perto, depois da união do casal, inspirando-os sobre a responsabilidade do trabalho em favor do semelhante.

Laura, um pouco triste, disse para Marina:

— Marina, estou um pouco decepcionada com a transformação que estou vendo acontecer com nossos filhos. É como se eles estivessem vivendo uma fantasia de adolescentes. Esqueceram-se dos anos que passaram e da responsabilidade para a qual foram convocados pela lei de Deus.

— Sinto que estão perdendo a oportunidade de dar continuidade ao trabalho. Os vícios do passado estão retornando. Veja que absurdo o que a minha filha está falando para André!

— Realmente, dona Laura, eu também estou descontente em ver a vulnerabilidade do espírito encarnado que acha que a Terra é um campo de lazer, esquecendo-se da grande bênção da reencarnação, que é a oportunidade que o espírito tem para evoluir. Quando ele passa a pensar que seu trabalho não tem mais importância, principalmente quando atua em favor do próximo e da transformação interior, perde o sentido viver no corpo físico. Poderá ser substituído a qualquer momento para retornar à vida espiritual, até por uma proteção divina. Isso pode acontecer para que o espírito não venha a cair em desequilíbrio e

prejudicar sua encarnação. Se não está sendo útil na Terra, ele não está conquistando nada importante para si nem para seu próximo. Não há mérito em outros trabalhos executados por ele em favor dos semelhantes. As leis do merecimento retiram esses espíritos da Terra, e eles voltam ao mundo espiritual para evitar que se compliquem ainda mais. Muitos acham que isso é um desfavorecimento para eles, mas não é. É uma proteção divina, porque sabemos que só de não fazer o bem já estamos fazendo o mal, como afirma o *Livro dos Espíritos na pergunta:*

"Bastará não fazer o mal para ser agradável a Deus e assegurar sua posição futura?"

"Não, é preciso fazer o bem no limite de suas forças, porque cada um responderá por todo mal que resulte do bem que não haja feito."

O senhor Joaquim também estava ouvindo o diálogo entre Esther e André e ficou muito preocupado.

— O que o senhor acha que está acontecendo com nossos filhos?

— Marina, esse é o maior erro que muitos espíritos estão cometendo, ao julgarem que a velhice é sinônimo de descanso, momento de repassar aos jovens as experiências adquiridas. Muitos acham que sua missão já está cumprida, como se a vida na Terra houvesse um prazo definitivo para o cumprimento dos nossos deveres. O homem só pode dizer que cumpriu seu dever na Terra quando retorna ao mundo espiritual. Enquanto estiver na vida física, tem de continuar a luta até o fim de suas forças.

— Enquanto ele puder se locomover e estiver em plenitude de sentimentos e pensamentos, é útil para a sociedade.

— Conhecemos muitos espíritos que são totalmente dependentes dos outros, por alguma enfermidade, mas que, mesmo assim, continuam divulgando o espiritismo.

Observamos a trajetória de um grande missionário que passou pela Terra, que foi capaz de aceitar a dor e o sofrimento e lutar contra eles. Estou falando de Jerônimo Mendonça, que viveu muitos anos em uma cadeira de rodas, mas isso não foi impedimento para desenvolver seu grande trabalho.

— Foi obrigado a construir uma cama adaptada para que pudesse deitar de forma que suas dores fossem aliviadas. E, mesmo assim, viveu muitos anos. E, mesmo depois que perdeu a visão, continuou na luta, divulgando o espiritismo.

— Quem ouvia as palestras de Jerônimo Mendonça sentia-se envergonhado por achar que já estava fazendo o suficiente. Ele tinha uma voz linda e suave, que soava forte quando falava.

— Foi um grande exemplo de renúncia e coragem. Deixou de ser o "coitadinho" para ser servidor de Jesus. Fundou várias obras sociais em sua cidade, que têm continuidade até os dias atuais por intermédio de seus seguidores.

— O homem vive uma fantasia na Terra e, muitas vezes, acha que tem um tempo definido para sua desencarnação, esquecendo-se de que esse tempo pode ser alterado. Há pessoas às vésperas de sua partida para a vida maior que continuam sonhando com questões materiais que lhes tragam comodidade, esquecendo-se de que o conforto duradouro é a paz espiritual. Vivem na fantasia diante da impossibilidade de compreender a finalidade da reencarnação.

— Infelizmente, nossos filhos estão passando por essa sedução. Estão repetindo, inconscientemente, os vícios da última encarnação, quando viveram sessenta anos no puro egoísmo, sem contribuir para sua própria transformação, esquecendo a responsabilidade de ajudar o próximo com amor.

— Sabemos que distribuía dinheiro para que outras pessoas pudessem fazer a caridade.

— Era o que faziam com a freira Terezinha, do orfanato, quando ela os procurava.

— Esther estava sempre pronta a enfiar a mão no bolso e pegar uma boa quantia em dinheiro para doar.

— Mas o compromisso dela não era esse, e sim adotar crianças órfãs como seus filhos do coração.

— Quando Esther chegava ao orfanato, irmã Terezinha a recebia com muito amor e carinho.

— Irmã Terezinha, trouxe uma doação em dinheiro para a senhora usar em sua magnífica obra de caridade, que eu admiro tanto!

— Muito obrigada, minha filha, que Deus a abençoe! Espere, filha, vou trazer um lindo presente para você!

— Sempre que irmã Terezinha recebia uma criança bonita, pensava que seria um ótimo filho para aqueles dois, que eram seus grandes amigos.

A surpresa era uma linda criança. E, colocando-a no colo de Esther, dizia:

— Leve-a, minha filha, veja como é linda! Ela se parece tanto com você!

— Ah, irmã! Quem me dera! Se eu pudesse, a levaria! Mas eu não nasci para ser mãe!

— Já estamos com uma viagem programada para a semana que vem!

— Mas vocês acabaram de chegar! Tudo bem, minha filha, sua ajuda vai ser muito valiosa para nós.

Esther sempre saía rapidamente, como se fosse um beija-flor. Para não assumir o compromisso de ser mãe, ela rejeitava todas as crianças que lhe eram apresentadas. Queria somente estar livre para viajar pelo mundo afora, como o fez.

— Imagine se eles tivessem posses agora, como tiveram na encarnação anterior?

— O que eles estariam fazendo?

— As mesmas coisas: viajando e conhecendo o mundo, esquecendo-se que a melhor viagem que fazemos é para dentro de nós mesmos, para conhecer nosso mundo interior, onde aprendemos a lidar com nossos valores, vícios e tendências maléficas que ainda carregamos diante do nosso quadro evolutivo.

— Você concorda, Mariana?

— Sim, senhor Joaquim. Vejo nossos filhos como se fossem adolescentes vivendo na fantasia.

— E isso tem ocorrido com muitas pessoas encarnadas que estão vivendo um reencontro amoroso.

— Tenho observado nas Casas Espíritas pessoas que chegam a certa idade querendo aposentadoria espiritual, achando que estão velhas e não podem mais trabalhar na mesa mediúnica ou na área social e fraternal. Deixam a tarefa para os jovens, para que possam dar sua contribuição.

— Esquecem que o espírito não envelhece. Para o espírito o que conta não é a idade, e sim a eternidade.

— Isso prejudica o desenvolvimento espiritual dos que têm mais experiência, porque sabemos que a doutrina é transformadora. Às vezes, eles se sentem melindrados e se afastam do trabalho.

— E, mesmo com muitos anos de conhecimento doutrinário, ainda não conseguiram combater o melindre. Existem muitos espíritas cristãos que conseguem vivenciar os ensinamentos recebidos, mas há, também, uma grande parte deles requerendo a aposentadoria e, muitas vezes, para ficar em casa sem fazer nada, causando problemas para a família.

A nossa preocupação é que nossos filhos estão escrevendo seu destino, que pode não ser uma reencarnação favorável para o bem-estar dos dois. Precisarão passar por outras oportunidades para se libertar desse grande vício que atinge a humanidade, que é o comodismo, a ilusão, a fantasia que o conforto do dinheiro oferece. Muitas vezes, é necessário passar por várias encarnações para que o espírito possa mudar essa postura.

— Senhor Joaquim, já que Deus nos dá somente o que precisamos, imagino que dará um maravilhoso presente a André e Esther: uma nova encarnação para que eles possam superar esse egoísmo.

— O amor entre os dois é realmente verdadeiro. São muitos os laços que os prendem um ao outro, mas é necessário que esse amor possa se espalhar e render muitos frutos, sendo multiplicador de valores.

— O amor é como um adubo que fortalece as plantas e as sementes semeadas, mas não pode ficar entre quatro paredes, precisa transcender. Para o egoísta, as quatro paredes representam o lar, e para quem ama significam o mundo. Para o amor não existe distância nem limite. Quanto mais se ama, mais se tem amor para dar. É isso que nossos filhos não estão compreendendo. No momento, só podemos ajudá-los com a oração.

Mariana falou:

— Então vamos aproveitar o momento oportuno e orar em favor de nossos filhos, para que eles possam ser mais sensíveis à responsabilidade que ainda existe para eles, que é a continuação do trabalho.

— Eles não têm direito à aposentadoria. Vamos orar:

"Senhor Jesus, exemplo de amor e caridade, nós suplicamos suas bênçãos em favor dos nossos filhos e de todos os que estão passando pelo mesmo processo de comodismo que eles. Que eles possam acordar da fantasia e reconhecer a importância da vida na Terra e o trabalho em prol do crescimento espiritual.

Que eles possam ser bons alunos e continuar no caminho seguro, onde a caridade e a fraternidade são a luz e o consolo para as pobres mães e pais aflitos que procuram as Casas Espíritas gritando por socorro a um ente querido, que já se foi ou que ainda está com eles, envolvido no vício das drogas, que aos poucos vem destruindo a paz nos lares. A juventude anda perdida, e é muito difícil se libertar dos vícios.

A grande besta do Apocalipse se levantou e está incendiando o coração das mães, que passam por provações dolorosas com seus filhos nessa área. A humanidade, Senhor Jesus, precisa reconhecer o valor dos ensinamentos deixados para nós em Seu Evangelho, que devem ser espalhados pelo mundo para que

todos possam compreender a riqueza e a liberdade que vamos encontrar em suas páginas.

Obrigado, Senhor Jesus, por estar aqui vendo a fantasia da minha filha do coração.

Que isso possa servir de lição àqueles que estão buscando o mesmo caminho.

Reconhecemos que, atualmente, eles estão programando para si mesmos uma reencarnação com muitas dores, por não estarem dando continuidade à tarefa que assumiram, que é continuar o trabalho em prol do semelhante. Obrigada! Obrigada, Jesus!".

CAPÍTULO 4 COMETENDO OS MESMOS ERROS DO PASSADO

Cinco anos se passaram, e os dois viviam somente para aquele grande amor.

Não mais auxiliavam os necessitados, que precisavam das migalhas do amor que eram derramadas por eles quando estavam em plena atividade nas obras sociais.

Os compromissos doutrinários foram ficando em segundo lugar. Em primeiro plano vinha a felicidade dos dois, sempre juntos e fazendo o que mais gostavam: passeando.

Um dia, eles foram para Caldas Novas, uma linda cidade no estado de Goiás, onde ficariam por quinze dias aproveitando as deliciosas águas quentes do lugar. Dizem que aquelas águas rejuvenescem.

Maravilhados com tanta beleza e felicidade, esqueceram-se do mundo lá fora, de que existia alguém à sua espera.

Perante o mundo espiritual, o trabalho deles na Terra não estava mais dando frutos.

O reencontro dos dois foi como um encerramento das suas atividades. Passaram a viver somente um para o outro, curtindo demasiadamente o amor que sentiam. Esqueceram-se de que o amor real deve ser estendido a toda a humanidade. Esse amor direcionado apenas a uma pessoa pode nos levar ao desequilíbrio, a processos de obsessão profundos.

Em um diálogo entre Esther e André, ela se lembrou:

— André, meu grande amor, você sabe a importância do dia de hoje?

— Como vou esquecer? Hoje é nosso aniversário, cinco anos juntos. Sei os dias, as horas e os minutos que convivo com você.

— Estou matando a saudade do tempo em que ficamos separados. Agora o tempo, para mim, tem muito valor. Cada dia que Deus me der de vida para estar ao seu lado é mais um dia de felicidade neste mundo.

— Estou recuperando o tempo perdido.

— Eu também sinto isso, meu amor, por isso temos de aproveitar bem nossa velhice, viajar e conhecer o mundo. Se pudéssemos, iríamos para a Europa, Estados Unidos e até o Japão eu gostaria de conhecer com você. Eu viajaria o mundo inteiro, pena que não temos dinheiro para isso.

— Eu também tenho a mesma vontade, mas tenho certeza de que, mesmo sem poder fazer viagens pelo mundo afora, poderemos viajar pelo menos aqui por perto. Já conhecemos juntos tantos lugares bonitos!

— Gostei muito desse último lugar a que fomos, Caldas Novas. Se pudesse, todos os meses voltaria lá.

— Quem sabe, um dia, poderemos nos mudar para lá? A Casa Espírita está muito bem, tem um bom grupo de trabalhadores, não precisa tanto de nós. Já fizemos a nossa parte, agora vamos deixar para os outros, que são jovens.

— Acredito que já cumprimos nossa missão na Terra; cuidei de muitas crianças e você de muitos velhinhos. Agora é o momento de aproveitarmos a nossa vida passeando, porque não sabemos quanto tempo temos para viver aqui, já estamos com sessenta e cinco anos. O destino nos separou por muito tempo, portanto, vamos curtir esse tempo que nos resta, aproveitando-o ao máximo.

— Realmente, meu amor, você tem razão, mas ainda sinto falta das reuniões, principalmente das mediúnicas, quando os espíritos traziam seus problemas e pediam ajuda; quando se comunicavam por intermédio dos médiuns. Sinto muita falta desse trabalho e vejo que ainda posso ser útil a esses irmãos.

— Eu também sinto isso, meu amor. Poderíamos participar uma vez por mês, mas temos de aproveitar o resto de nossa vida para vivermos juntos. Não sabemos por quanto tempo estaremos na vida física, por isso precisamos aproveitar.

Ao retornarem para casa, seguiram para o Centro Espírita, e na reunião mediúnica André recebeu uma mensagem de um grande amigo espiritual que trazia essas explicações:

— Meus irmãos, que Jesus nos abençoe. O Mestre, modelo e guia da humanidade, que nos deixou o grande exemplo do trabalho em favor do próximo, em todos os seus ensinamentos sempre nos dizia que devemos exercer a caridade por meio do perdão e do amor. Suas colocações me chamaram muito a atenção, principalmente a passagem que diz: "Fora da caridade não há salvação".

— "Ora, quando o Filho do Homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

— Então, dirá o rei aos que estiverem à sua direita:

- Vinde, benditos de meu pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo, porquanto, tive fome e me destes de comer; estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver.

— Então, responder-lhe-á o justo ao senhor: quando foi que o vimos com fome e lhe demos de comer ou com sede e lhe demos de beber? Quando foi que o vimos sem teto e o hospedamos, ou despido e o vestimos? E quando foi que o soubemos doente ou preso e fomos visitá-lo?

— O rei lhes responderá:

- Em verdade vos digo que todas as vezes que isso fez a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.

— Dirá, em seguida, aos que estiverem à sua esquerda: Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; porquanto, tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes.

— Também eles replicarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer; com sede e não te demos de beber; sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos?

Ele então lhes responderá:

— Em verdade vos digo que todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequeninos, deixastes de tê-la para comigo mesmo.

— E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (*Mateus, cap. 25, 31 a 46.*)

— Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para tentá-lo: Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna?

— Respondeu-lhe Jesus: que é que está escrita na lei? Que é que lês nela?

— Ele respondeu: amará o senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo.

— Disse-lhe Jesus: respondeste muito bem; faze isso e viverás.

Mas o homem, querendo parecer que era um justo, disse a Jesus: Quem é o meu próximo?

— Jesus, tomando a palavra, lhe disse: Um homem que descia de Jerusalém para Jericó caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto.

— Aconteceu, em seguida, que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante.

— Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante.

— Mas um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o em seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: trata muito bem deste homem e tudo o que dispenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

— Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões?

— O doutor respondeu: aquele que usou de misericórdia para com ele.

— Então vai, disse Jesus, e faze o mesmo. (*Lucas, cap. 10, 25 a 37.*)

— Terminando esta colocação, os apóstolos compreenderam que para exercer a caridade é preciso amar e compreender cada vez mais. E a vida na Terra é cheia de oportunidades de exercer essas tarefas, que foram colocadas em nossa vida para nosso crescimento e evolução.

— Para muitas pessoas, a vida na Terra é curta, mas elas aproveitam tanto esse pouco tempo que chegam a fazer muito mais que aqueles que viveram muitos anos, que tiveram muito tempo e não realizaram quase nada. Podemos considerá-las como os trabalhadores da última hora.

— "O reino dos céus é semelhante a um pai de família, que saiu de madrugada, a fim de assalariar trabalhadores para sua vinha. Tendo convencionado com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma, disse-lhes: ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável.

— Eles foram.

— Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: por que permaneceis aí o dia inteiro sem trabalhar? É, disseram eles, que ninguém nos assalariou. Ele então lhes disse: ide vós também para a minha vinha.

— Ao cair da tarde, disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios:

— Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até os primeiros.

— Aproximando-se, então, os que só na undécima hora haviam chegado, recebeu um denário cada um.

— Vindo, a seu turno, os que tinham sido encontrado em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais, porém, recebeu apenas um denário cada um. Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família, dizendo:

— Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós, que suportamos o peso do dia e do calor?

— Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: meu amigo, não lhe causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a dar a este último tanto quanto a ti.

— Não me é, então, lícito fazer o que quero? Tens mau olho, por que sou bom?

— Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (*Mateus, cap. 20,1 a 36*)."

— Queremos dizer, meus irmãos, nós, que militamos no espiritismo, que temos muito ainda a fazer neste mundo. Há muitos lares que necessitam de esclarecimentos. Não podemos perder tempo nem oportunidades. Cada dia é um momento; e cada minuto que passa e não servimos é um momento de perda de oportunidade de ajudar alguém.

— Por isso, meus queridos irmãos, devemos estar sempre orando para aqueles que sofrem e também para que encontremos mais forças para continuar o trabalho. Às vezes, temos necessidade de renunciar um pouco a nossa vida cotidiana, que nos dá prazer, mas devemos trabalhar em favor dos que sofrem.

— Não podemos desconsiderar os anos de trabalho prestado nessa doutrina, que abre a nossa visão de vida como filhos de Deus, crescendo espiritualmente nas grandes oportunidades de realização do trabalho em prol daqueles que buscam essa ajuda. Temos de contribuir e fazer a nossa parte, dando o máximo de nós, não somente o conhecimento, mas também o esforço físico para servir os que sofrem.

— Jamais poderemos buscar na seara do trabalho espírita aposentadoria por tempo de trabalho, achando que estamos velhos e inúteis ou que os jovens estão aí com toda sua energia para fazer a nossa parte.

— É como um barqueiro que abandona seu barco, deixando-o ser levado pela correnteza, sem equilíbrio necessário e destino certo.

— Cada um tem o seu papel na Terra, e só podemos dizer que estamos livres desse trabalho quando o Papai do Céu nos chama para prestarmos contas da nossa consciência no tribunal divino. Enquanto estivermos no caminho, jamais devemos permanecer parados, temos de continuar trabalhando.

— Sabemos que há muitos irmãos que ainda se encontram na Terra e que já não necessitariam mais estar aqui, mas, diante do trabalho dedicado ao próximo, Deus prolonga sua vida dando-lhes oportunidade de permanecer na Terra.

— Por isso vos digo que o trabalho edifica e modifica nossas ações, a maneira de viver e pensar.

— Lembrem-se dos ensinamentos de Jesus, quando disse: "*Eu não vim para ser servido, vim para servir a todos*".

CAPÍTULO 5 O ACIDENTE

Terminada a belíssima explanação daquele irmão, o casal voltou para casa em silêncio.

E, ao chegar em casa, Esther falou:

— André, estive meditando sobre aquela mensagem que falava do trabalho. Será que isso não tem alguma coisa a ver com a nossa vida, com nosso afastamento das atividades?

— Realmente, eu também estou pensando nisso. Creio que aquele irmão veio abrir nosso coração para que possamos mudar nossa forma de viver. Acho que devemos diminuir os passeios e ficarmos mais presentes no trabalho.

— Eu também penso que pode ser isso, mas creio que já executamos nossa missão.

— Às vezes, eu ficava até alta madrugada olhando as crianças que ficavam doentes; em outras não chegava a dormir nem uma hora por noite. Passava a noite toda entre elas.

— Eu também, às vezes, passava a noite toda sentado na cadeira ao lado de um ancião que estava agonizando. Quando começava pegar no sono, um deles me chamava para levá-lo ao banheiro.

— Era sempre assim, todas as noites. Mesmo assim, sinto que aquela mensagem foi para chamar a nossa atenção para o trabalho. Esse nosso afastamento pode estar nos prejudicando diante da vida espiritual.

— Mas quanto ao especial, cujas passagens compramos para o fim de semana? perguntou Esther.

— Nós iremos, já está tudo programado. Quando voltarmos da viagem, vamos reduzir essas andanças e nos dedicar mais à Casa Espírita, aproveitando melhor o nosso tempo.

Chegou o fim de semana, e eles seguiram no especial para mais uma viagem de lazer que duraria 15 dias.

Às vinte horas, embarcaram em um ônibus de turismo. Nessa viagem havia algumas pessoas mais velhas, mas a maior parte dos passageiros era constituída de jovens.

No caminho, muitos jovens estavam bebendo dentro do ônibus e fazendo todo o tipo de bagunça, já que muitos viajavam para curtir as férias.

Aquele som de música alta, com letras que incentivavam a pornografia e o desequilíbrio, causava um incômodo muito grande no ambiente.

André começou a passar mal dentro do ônibus. Podia presenciar alguns espíritos obsessores que traziam desequilíbrio na área do sexo e do alcoolismo juntos daqueles jovens.

Ele, então, convidou sua companheira para fazer uma prece em favor da harmonia do ambiente.

Os dois começaram orar pedindo à espiritualidade que amparasse e protegesse aquele ônibus com seus passageiros e para que aqueles jovens pudessem voltar ao equilíbrio, ajudando, também, as entidades que estavam junto deles.

A oração foi muito importante, pois, ao terminá-la, André sentiu a presença de sua avó Mariana, que disse a ele:

— Meu filho, continue em oração, porque, infelizmente, vocês estão passando por um momento de grande provação. Por mais que queiramos ajudá-los, não vamos conseguir, porque os espíritos que estão aqui não conseguem nos ver. A faixa vibratória em que eles se encontram é muito baixa, por causa do desequilíbrio que apresentam. É impossível que percebam a nossa presença. Vamos fazer um elo de proteção para vocês dois e para alguns que não se encontram ligados ao mesmo desequilíbrio.

— Temos de proteger, principalmente, o motorista, que já está vibrando na mesma sintonia desses jovens.

A viagem continuou. Houve momentos em que conseguiram até cochilar.

Esther falou:

— Graças a Deus, o barulho acabou, eu já não estava aguentando mais.

Ela mal terminou a frase, e o barulho recomeçou, desta vez ainda mais forte.

Os jovens estavam completamente desequilibrados e contaminavam o ambiente com seus palavrões, cantando músicas indecentes e fazendo todo tipo de piadas imorais.

O veículo trafegava por um trecho de alto risco na rodovia perigosa. Em certo momento, o motorista cochilou e o ônibus desceu ribanceira abaixo, dando cambalhotas, e o desespero foi total.

As pessoas gritavam enlouquecidas, pedindo socorro. Os passageiros eram jogados de um lado para o outro, atingindo, com muita força, as paredes do ônibus. Os vidros das janelas foram quebrando e as

pontas atingiam as pessoas. Muitos passageiros tiveram seus corpos engastalhados nas janelas do veículo.

Dessa triste forma, a maioria dos passageiros foi mutilada pelo peso do ônibus e o atrito com as pedras. À medida que algumas pessoas iam desencarnando, outras ficavam desacordadas, e o terrível barulho foi cessando. No fim do precipício, o veículo parou completamente.

André, depois de alguns minutos de silêncio, aos poucos foi voltando a si fora do corpo físico.

Levantando-se com a cabeça ensanguentada, olhou para os lados e não viu Esther.

Foi se equilibrando devagar e saiu andando entre aqueles corpos dilacerados.

Com muita dificuldade, saiu à procura de sua companheira.

Não conseguiu encontrá-la, porque o corpo dela havia sido jogado para fora do ônibus.

Mas ele via as pessoas que estavam com ferimentos mais leves pedindo socorro desesperadamente.

Não sabia o que fazer, se socorria aquelas pessoas ou se procurava seu anjo amado.

Era um momento de grande turbulência em sua mente: sentia o momento do ônibus descendo ladeira abaixo e agora via as pessoas com seus corpos totalmente mutilados. Percebeu que entre eles havia alguns em situação melhor, que não tinham se machucado tanto. André tentava ajudar os que estavam tentando sair do ônibus em busca de socorro. No entanto, tocava nas pessoas, mas não conseguia ajudá-las. Conversava com elas e não obtinha resposta, pois não percebiam a presença dele.

Em vão tentava ajudar aqueles irmãos. Não encontrou sua esposa e pensou: "Certamente ela foi jogada para fora do ônibus e saiu para tentar subir a ladeira, deixando aquele buraco escuro".

Subiu alguns metros e encontrou sua esposa descendo ladeira abaixo, indo à procura dele.

Ao se encontrarem no meio do declive, junto dos corpos mutilados que haviam sido jogados para fora do ônibus, ele falou:

— Graças a Deus estamos bem, não estamos tão machucados!

— É mesmo, meu amor, Deus é tão bom para nós! disse ela. Este ônibus deu tantas cambalhotas e estamos aqui vivos. Fui jogada para fora, acho que isso me salvou. Parece que dormi por alguns instantes.

— Eu também, disse André. Dormi não sei por quantos minutos. Quando acordei, vi aquela confusão toda dentro do ônibus, tantos corpos mutilados, tantos gritos de socorro!

Dizendo isso, convidou-a para ajudá-lo a socorrer aquelas pessoas, e falou:

— Está muito difícil, porque elas não me escutam. Já conversei com elas, até gritei, mas não me ouvem. Parece que todos ficaram surdos ou muito perturbados e não conseguem me perceber.

Aproximando-se de algumas pessoas, eles tentavam ajudá-las, mas chegaram à conclusão que realmente não conseguiam fazer nada.

André falou:

— Vamos até a estrada em busca de socorro para esses nossos irmãos.

Subiram a ladeira, chegaram à estrada e fizeram sinal para os carros que passavam, mas nada dava certo, porque as pessoas nos carros não conseguiam vê-los.

Depois de muito tempo, um dos passageiros do ônibus, que estava em condição melhor, conseguiu chegar no alto da serra. Fez sinal e o carro parou. Entraram em contato com o Corpo de Bombeiros e com a Polícia, para que viessem socorrer as vítimas do acidente.

André ouviu a conversa:

— Uma grande tragédia aconteceu aqui. O ônibus perdeu o controle e desceu ribanceira abaixo.

— Lá dentro há muitas pessoas machucadas e muitos mortos. Se o socorro chegar rápido, poderá salvar muitas vidas.

André falou para Esther:

— Vamos tentar ajudar.

Quando estavam descendo a ladeira, encontraram o corpo de Esther todo machucado no chão.

Quando ela viu seu corpo ali, chamou André e mostrou-lhe. Ele levou um grande susto e falou:

— Ah! Meu Deus! Não faça isso comigo! Leve-me junto com ela, não quero ficar mais uma vez sozinho.

— Quanto tempo sofri longe dela...

— Calma, meu querido, disse Esther, pelo que estou vendo, só falta encontrar seu corpo para também confirmar sua morte. Acho que estamos na outra dimensão da vida.

— Não sei se você notou, mas, quando conversávamos com as pessoas, elas não nos ouviam e ninguém nos respondeu.

— Você sabe que quando a gente desencarna, as pessoas não nos veem nem nos ouvem.

— Vamos ao ônibus procurar seu corpo, creio que você também desencarnou.

Desceram a pirambeira o mais rápido que puderam e entraram no ônibus para procurar pelo corpo de André. Não demorou muito e o encontraram debaixo de algumas cadeiras retorcidas.

Seu corpo estava deformado e a cabeça partida ao meio, confirmando que ele também havia passado para a outra dimensão da vida.

Muito emocionados, os dois se abraçaram, e ele falou:

— Agora vamos orar, pois somente a espiritualidade superior poderá nos ajudar.

— Na condição de desencarnados, não temos como ajudar ninguém. Necessitamos, também, de ajuda, somos tão enfermos quanto eles.

E começaram a orar, pedindo a Deus, à equipe espiritual de Doutor Bezerra de Menezes, aos espíritos socorristas daquela estrada, que pudessem estar ali para ajudar a todos.

A oração, feita com muita fé e fervor, dizia assim:

"Meu Pai Celestial, aqui estamos diante do Senhor, pedindo Sua misericórdia em favor de todos nós, que nos encontramos nesta situação de sofrimento, passando pela transição da vida física para a espiritual.

Permita, Senhor Jesus, a presença dos benfeitores para que possam nos amparar e socorrer.

O Senhor, que tem tanta compaixão dos sofredores, mande-nos o auxílio nesta hora de desespero pela qual passamos. Envie-nos sua equipe socorrista para atender as vítimas deste trágico acidente, principalmente os jovens, cujo estado emocional foi muito afetado e se encontram fora de si.

Peço a proteção dos benfeitores espirituais para iluminar este ambiente contra as investidas de espíritos malfazejos que podem atacá-los, tornando-os seus prisioneiros."

Após a prece de André, Ernesto, que estava presente, explicou para a equipe espiritual que já se encontrava ali, no local do acidente:

— A desencarnação numa circunstância dessas é muito difícil para o espírito, porque chega muito rápido, em alguns minutos, e é difícil para ele reconhecer que está em outra dimensão.

— No caso de André e Esther foi fácil, porque, como espíritos, têm conhecimento sobre a imortalidade da alma. Mesmo tendo desencarnado, eles não se assustaram, porque sabem que é uma lei natural e biológica, e que todos os seres vivos passam por isso. Mas acreditamos que muitos dos que desencarnaram neste acidente tinham grande dificuldade para aceitar a partida. Por mais que tenhamos tentado explicar, não conseguiram nos ouvir nem sentiram nossa presença, tamanho era o tumulto pelo qual passava seu espírito, vendo a cena sendo repetida inúmeras vezes, o ônibus rodopiando diante do precipício de 300 metros de altura. Imaginem quantas cambalhotas esse veículo deu até chegar ao fim?

— A destruição do ônibus era total, assim como a dos corpos, que foram esmagados, tendo sido jogados de um lado para o outro do ônibus. Por isso precisamos ter muita paciência, compaixão e orar muito por aqueles que desencarnam nesse tipo de acidente.

Alguns dos espíritos que tinham acabado de desencarnar, em poucos segundos, seguiam para suas casas e tentavam se comunicar com seus parentes, que não os compreendiam porque não percebiam a presença deles. Um desses espíritos ficou vagando por seu lar em grande conflito. Saía de um quarto e entrava no outro, passando pela sala, tentando acender as luzes, mas não conseguia. Chegando à cozinha e ouvindo o barulho do freezer, ficou impressionado e pensou: "Será que houve um curto-circuito aqui em casa e queimou todas as lâmpadas, sobrando somente a fiação das tomadas? A geladeira continua ligada, porque estou ouvindo o barulho". E, indo até seu quarto, viu que sua esposa estava deitada.

E perguntou a ela se havia acontecido um curto-circuito, mas ela não lhe respondeu.

Ele a sacudiu para acordá-la, mas não conseguia nada. Olhando para o lado, viu que uma sombra estranha se aproximava, e ele começou a falar:

— Saia daqui, me deixe em paz!

Discutiu por um bom tempo com a entidade, mas nem imaginava quem pudesse ser.

Em espírito, agarrou sua esposa, levando-a até a cozinha, ouvindo um barulho semelhante ao de uma panela de pressão prestes a explodir. Não conseguindo nada, começou a chamar o nome da esposa repetidas vezes. Gritava desesperadamente, mas de nada adiantava, pois ela não o ouvia.

Parecia que lá fora havia pessoas querendo invadir o seu lar.

Aqueles instantes foram como um grande pesadelo para aquele espírito, até que, com um grito bem alto, ele conseguiu despertar. Ele, na verdade, não estava dormindo, mas em estado de profunda perturbação. Ao despertar, retomou sua consciência. Em seguida, descansou um pouco, sentou-se na beirada da cama e passou a observar a própria casa. Aos poucos, já que a noite tinha passado, ele podia ver melhor os objetos, cada um em seu lugar; e a esposa, que até então não tinha notícia do acidente.

Ele lhe dizia que estava sangrando e pedia a ela que o levasse ao hospital, pois tinha passado por um acidente no ônibus, mas ela não conseguia ouvi-lo. Como ele falava e não era correspondido, transportou-se para o local do acidente e viu seu corpo debaixo do ônibus.

Tentou puxá-lo, mas não conseguiu. Começou, então, a chorar e a gritar desesperado.

A perturbação era tão grande, que cada um criava um quadro para si mesmo, um cenário próprio.

É muito difícil para um espírito compreender a dificuldade do outro, pois no momento de perturbação ele fica completamente só.

A perturbação após a desencarnação é tão acentuada que, muitas vezes, o desencarnado não consegue perceber a presença de outros que também desencarnaram no mesmo momento que ele.

Seu pensamento se fecha diante da situação, que deixa marcas muito profundas.

Alguns espíritos saíam pelo mato afora correndo desesperados, chegando ao fim da pirambeira e gritando por socorro. Outros pulavam na carroceria de caminhões, sendo levados até a cidade e, ao chegar, procuravam pelos hospitais para cuidar de seus ferimentos. Outros conseguiam chegar a seus lares. Eles pensavam na família e, de repente, estavam em seu próprio lar.

O grupo de espíritos afins que estava dentro do ônibus fazendo baderna continuou junto, pois eles estavam alcoolizados. O corpo perispiritual deles estava completamente desequilibrado.

Nenhum deles tinha condições de tomar alguma atitude, em razão da influência do álcool.

A afinidade que havia entre eles fez com que se transformassem numa gangue.

Mas a espiritualidade estava presente, e eles não estavam desamparados. No entanto, a agitação era tão grande que eles não percebiam a ajuda dos benfeitores. Poucos optaram pela oração, e esses conseguiram ser beneficiados, mas para os que não se lembraram de Deus o conflito continuou.

É natural, para o espírito que desencarna, passar por esse tipo de perturbação, e pode-se viver essa situação por horas, dias, anos e até séculos.

Os espíritos nos confirmam em *O Livro dos Espíritos*:

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

163. *Ao abandonar o corpo, a alma tem imediata consciência de si mesma?*

— *Consciência imediata não é a palavra; ela fica algum tempo em estado de perturbação.*

164. *Todos os espíritos experimentam, no mesmo grau de intensidade e pelo mesmo tempo, a perturbação que se sucede à separação da alma do corpo?*

— *Não; depende de sua elevação. Aquele que já está purificado se reconhece quase que imediatamente, porque já se desprende da matéria durante a vida corpórea, ao passo que o homem carnal, cuja consciência não é pura, conserva por muito tempo a impressão da matéria.*

165. *O conhecimento do espiritismo exerce uma influência sobre a maior ou menor duração da perturbação?*

— *Uma grande influência, pois o espírito compreendia antecipadamente sua situação; mas a prática do bem e a consciência pura exercem maior influência.*

A maior parte dos espíritos que desencarnam volta para o seu lar e, muitas vezes, continua vivendo com seus familiares, causando mal-estar, não por maldade, mas pelas interferências que fazem nos pensamentos dos encarnados. Mesmo desencarnados eles podem se comunicar conosco pelo pensamento e nos influenciar. Isso pode acarretar um processo de obsessão. Muitas vezes, os familiares com os quais esse espírito desencarnado tem mais afinidade passam a ser sugestionados por ele.

É um processo obsessivo que, se não for tratado, pode prejudicar os familiares.

Posso também dizer aos leitores que a melhor forma de ajudar um parente desencarnado é a prece, o envolvimento com a Casa Espírita, procurando reuniões públicas ou sessões de tratamento espiritual às

quais ele poderá vir conosco, principalmente na hora da prece. Na Casa Espírita, mentalizá-lo sentado ao nosso lado e, quando entrarmos na cabine de passe, transmitir as emanções benéficas que recebemos a ele.

No momento em que você chama esse espírito que o acompanha com a intenção de auxiliá-lo, ele terá a oportunidade de ouvir as explicações e passa a entender que realmente não pertence mais ao mundo físico, e sim ao mundo espiritual. Começa a perceber a presença dos benfeitores espirituais da Casa Espírita e aceita ser socorrido por eles. Assim, muitos ficam internados nas dependências dos hospitais da Casa Espírita, localizados nas dimensões espirituais. Não importa o tamanho da casa, mesmo que pequena no plano físico, pode ser um grande hospital de socorro preparado para receber milhares de espíritos no plano espiritual.

O mais importante é que o parente encarnado cultive a prece, a boa sintonia, emitindo sempre pensamentos positivos. Não devemos lembrar dos momentos difíceis, de tristeza ou mágoa que passamos com nosso irmão que se foi, mas sim das horas felizes que estivemos juntos.

Ao sair da Casa Espírita, peça a ele para ficar lá, pois ali é o melhor lugar para que ele possa ser esclarecido e amparado. E, aos poucos, vamos ajudando nossos familiares desencarnados que nos acompanham.

Isso aconteceu com Manuel, que também desencarnou naquele acidente. Dois meses depois, ele ainda estava com a família, e começou se entristecer ao observar que em seu próprio lar ele não estava sendo reconhecido. Conversava com a esposa e os filhos e até com os visitantes e parentes, mas ninguém percebia sua presença. Passou a ficar triste, deitado na cama de casal, sem querer sair do quarto. O desgosto fez com que ele se recolhesse. Ele não assimilou sua situação, mesmo tendo visto seu corpo debaixo do ônibus. Ele sentia seus órgãos físicos funcionando normalmente. Era muito difícil para ele compreender o que, realmente, estava acontecendo.

Como ele não tinha ligação com nenhuma religião, nenhum vínculo com as questões espirituais, dificilmente compreenderia que não estava mais vivendo a vida física. Para ele, era como se estivesse dentro de um pesadelo, num sonho que não tinha fim, sem conseguir acordar para a verdadeira realidade.

Assim, dois meses se passaram e Manuel continuava naquela tristeza sem fim.

E Tereza, sua esposa, começou a sentir uma enorme saudade. Lembrando-se muito do marido, começaram a se comunicar em pensamento. Muitas vezes, ela respondia às perguntas dele.

Nesses momentos ele sentia um pouco de alívio e conforto. Até que os vizinhos, os amigos, vendo sua transformação, começaram a se preocupar com ela, que passou a se isolar, não saía mais de casa, não atendia quem a chamasse no portão. Tereza começou a passar por um processo horrível de solidão, ficando mais tempo no quarto, mesmo durante o dia. Passava muitas horas sentada na cama e pensando no marido.

Tereza morava ao lado de Sandra, mas não sabia que a vizinha frequentava uma Casa Espírita, na qual fazia um tratamento espiritual. Sandra tinha uma enorme chaga na perna, e havia muitos anos buscava tratamento para o problema, mas não conseguia alcançar a cura. Às vezes a ferida se fechava por alguns dias, mas voltava com maior intensidade. Até que ela ficou sabendo que em um bairro perto de sua casa existia a Casa Espírita Bezerra de Menezes, que fazia tratamento espiritual, onde muitas pessoas tinham sido curadas de suas enfermidades físicas. Sandra fazia esse tratamento havia três meses, e no segundo mês a ferida fechou e não voltou mais.

Sandra, um dia, teve a oportunidade de conversar com a vizinha Tereza e contou-lhe de sua enfermidade:

— Tereza, sofri muito com uma enfermidade que tive. Fazia de tudo para me livrar da terrível chaga, que sangrava e ficava na carne viva, e só consegui me curar fazendo um tratamento em uma Casa Espírita.

— Eu posso levá-la para conhecer essa Casa. Lá, fazemos o tratamento físico e o espiritual.

— Quem sabe seu marido está precisando de ajuda espiritual? Vai ser bom para você também, porque ouvirá importantes ensinamentos que te ajudarão a se livrar dessa tristeza. Essa angústia poderá te levar a um processo de depressão profunda. Se você não se cuidar, vai piorar cada vez mais.

— Como vou me livrar dessa dor? Minha vida não tem mais sentido. Nada mais tem graça sem o meu marido, mesmo sabendo que ele me traía às escondidas. As viagens prolongadas que ele gostava de fazer

sozinho. Sabia que ele saía para se divertir com outras mulheres, mas, mesmo assim, eu contava os dias para ele chegar. Superei tudo porque o amo profundamente.

— Minha amiga, se você o ama, agora é o momento de demonstrar esse amor ajudando-o, porque ele não voltará mais. O processo da morte é uma coisa natural, biológica, que ocorre com todos nós.

— Todos vão passar por isso. Mas a vida continua, ninguém morre. Foi isso o que descobri na Casa Espírita e nas mensagens consoladoras que encontramos nos livros do nosso amado Chico Xavier, que mostram a continuação da vida. Você não pode perder essa oportunidade de ajudar seu marido e de se ajudar também.

— Hoje o estudo da noite será feito por um psicólogo, que fará maravilhosa palestra.

— Vamos lá, tenho certeza de que gostará muito. O tema de hoje será sobre depressão, explica o processo de como a pessoa entra em depressão.

— Sandra, minha amiga, você acha que isso resolve alguma coisa?

— Vamos pelo menos tentar, você não perderá nada. Não é longe e vamos de carro.

— A reunião termina cedo.

— Dê-me um tempo para que eu possa me arrumar e vamos.

Assim, no horário combinado, elas se foram.

Como Manuel estava muito apegado à esposa, entrou no carro e foi com elas.

Chegando à Casa Espírita, elas entraram e ele se sentiu um pouco receoso.

Tereza foi apresentada aos recepcionistas da Casa.

— Seja muito bem-vinda, senhora! Meu nome é Leandro! Em que posso ajudá-la?

— Não sei, meu filho, depois que meu marido morreu parece que estou enlouquecendo!

Após a prece inicial, Tereza foi convidada a passar pelo atendimento fraterno, onde pôde desabafar, falar um pouco da perda de seu marido.

Quando ela começou a falar do esposo, Leandro disse a ela:

— Minha querida, seu marido é um homem muito bom e te amava profundamente.

Neste momento em que estamos dialogando, mentalize-o sentado aqui ao seu lado.

O espírito vai onde está seu pensamento. Você, ao imaginá-lo ao seu lado, com certeza o atrairá para cá também. Quem sabe ele esteja até lá fora?

Tereza fechou os olhos e mentalizou Manuel bem ali ao seu lado.

O orientador pediu um minuto de silêncio para fazer uma prece em favor de Manuel.

Tereza o acompanhou na oração, convidando-o, em pensamento, para ir até lá.

Ao terminar a prece, Manuel já estava sentado ao lado da esposa ouvindo as orientações, no atendimento fraterno, daquele tarefeiro dedicado, que estava trabalhando com amor e carinho.

E assim ele pôde esclarecê-la.

Ao terminar o momento de orientação fraterna, Tereza foi convidada a se sentar bem à frente, para ouvir melhor a palestra que estava começando.

E assim iniciou a palestra daquela noite:

"Meus irmãos, vamos elevar o pensamento a Deus, nosso Pai, e ao nosso Mestre Jesus.

Vamos mentalizar, neste momento, a presença de nossos familiares que retornaram ao mundo espiritual e que podem estar aqui ao nosso lado neste momento, aproveitando esse grande banquete espiritual.

Lembrem-se de Jesus quando disse: *"Vinde a mim todos vós que estais cansados e aflitos que eu vos aliviarei. Tomai meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, porque encontrareis repouso para vossas almas, porque é suave meu jugo e leve meu fardo"*.

Todas as dificuldades, meus irmãos, com Jesus, conseguiremos superar.

O fardo fica leve e o jugo fica suave. Jesus nos pede que cumpramos somente o nosso dever de amar uns aos outros como ele nos amou. Jesus é a Boa Nova, é a esperança. A vida é eterna.

Tanto faz se estamos em um corpo de carne ou fora dele, mas estamos vivos. E que nossos familiares que se encontram entre nós possam compreender que estão vivos. E, observando o ambiente onde se encontram, vejam que existem muitos benfeitores espirituais para ajudá-los a permanecer firmes na caminhada nessa dimensão espiritual, que para muitos desencarnados ainda é desconhecida.

Por isso o mestre nos disse: *"Não se turbe o vosso coração! Crede em mim, crede em Deus.*

Na casa do Pai há muitas moradas".

E que Deus vos abençoe!”

Manuel ouviu tudo prestando muita atenção, e permaneceu o tempo todo ao lado da esposa durante a reunião. No fim, foi com ela à cabine de passes.

Retornando ao lar, ele próprio começou incentivar a esposa a voltar à Casa Espírita.

Dois meses se passaram, e Tereza continuou frequentando a Casa. Manoel aceitou ser ajudado pelos benfeitores espirituais e ficou internado nas dimensões espirituais para se recuperar.

Tereza, por sua vez, também se curou da angústia que se apossara de seu ser, decorrente do processo obsessivo causado pela influência do esposo, que a acompanhava. Essa foi uma porta aberta para ela ingressar no espiritismo. Por meio do trabalho social, envolveu-se no atendimento às famílias necessitadas e encontrou uma razão de viver, descobrindo e vivenciando os melhores momentos de sua vida.

Apesar das dificuldades pelas quais passou com a perda do marido, Tereza conseguiu encontrar uma luz que libertou seu coração, mostrando a ela uma nova forma de viver no mundo, entendendo que a maior felicidade é quando doamos o que temos de melhor em favor de nossos irmãos necessitados e a felicidade está dentro de todos nós. Somos felizes na mesma proporção que fazemos os outros felizes. O perdão que merecemos receber de Deus equivale a nossa capacidade de perdoar nosso próximo. Assim, a história de Tereza foi encerrada, trazendo valores espirituais para sua caminhada rumo ao progresso e à continuação da vida física, e uma nova programação divina se descortinou a sua frente. Passou a ser um farol no meio das trevas, uma orientadora da família em seus diversos problemas cotidianos. De obstáculo para a família, ela passou a ser a salvadora de todos. Um anjo guardião. Essa é a transformação da água em vinho, como Jesus realizou um dia, e assim também podemos nos transformar. O vinho significa a pureza de coração.

CAPÍTULO 6 ATENDIMENTO AOS NECESSITADOS

De repente, um grande clarão iluminou o local, e muitos dos que haviam desencarnado puderam ver aquela luz. No meio da claridade, surgiram várias entidades espirituais com as mãos estendidas sobre as vítimas.

Foram todos socorridos e amparados por aqueles irmãos.

Os que não quiseram acompanhá-los se afastavam para as trevas. Olhando para a escuridão, era possível ver muitos espíritos com a vestimenta de carrascos, com chicote na mão, esperando para dominar os que estavam sob seu comando, sendo influenciados por eles. Entre eles estavam alguns daqueles jovens que estavam em desequilíbrio dentro do ônibus.

Aqueles, porém, que se encontravam em harmonia, seguiam a luz clara e forte que iluminava todo o ambiente.

Alguns daqueles espíritos ainda estavam agonizantes dentro de seus corpos, apegados aos seus restos mortais, e conseguíamos ver o trabalho da espiritualidade cortando os laços que prendiam o espírito ao corpo. À medida que faziam os desligamentos, o espírito saía livre para receber a ajuda dos benfeitores espirituais.

As pessoas que estavam em melhores condições, com ferimentos sem gravidade, recebiam o passe magnético, sendo envolvidas em energias reconfortantes, e a melhora acontecia gradualmente. Eram ouvidos muitos gritos de socorro, principalmente dos que acabavam de acordar dizendo que não aguentavam mais tanta dor. Muitos tinham fraturas nas pernas, nos braços, nas costas e escoriações no corpo, em razão do tombo. Muitos passavam por uma situação difícil e ainda corriam o risco de morrer. Alguns deles não resistiram aos ferimentos e desencarnaram no hospital. A tragédia foi realmente muito grande. E diante dos mentores espirituais apareceu aquela que André tanto gostaria de rever naquele momento difícil de sua vida: sua avó Mariana. Ela surgiu envolta em luz e acompanhada por dois amigos espirituais.

Dona Mariana olhou para André e disse:

— Filho, vem comigo, a sua hora chegou, já cumpriu seu papel na Terra.

Ele olhou para Esther e falou:

— Minha querida, vovó nos chama.

— É sua avó esse espírito tão iluminado?

— Sim!

Os dois saíram acompanhando a equipe espiritual.

Quando já estavam bem distantes, dona Mariana falou para Esther:

— Vamos visitar algumas das suas filhas que estão fora do corpo físico, no desdobramento do sono, para dar a notícia a elas?

Chegaram à casa da filha, que estava fora do corpo físico, mas nas mesmas dimensões da casa.

E, ao ver sua mãe de criação, foi logo dizendo:

— Que felicidade em vê-la, há tanto tempo espero por esse dia! Depois que a senhora se casou, afastou-se de nós, nem imagina a falta que nos faz. Lembro-me da senhora todos os dias e faço orações em favor da sua felicidade.

— Obrigada, minha filha, por tudo o que você está fazendo por mim. Estou aqui para avisá-la que não estou mais entre vocês, que fiz a transição para o mundo espiritual. Avise para suas irmãs que eu e André sofremos um acidente de ônibus em que muitas pessoas desencarnaram.

— Não se preocupem conosco nem com o local onde nossos corpos serão enterrados, pois, para nós, tanto faz que seja aqui, em Minas Gerais, ou no estado de São Paulo. Não temos nenhuma preocupação com nossos restos mortais. Apenas agradecemos a Deus pela oportunidade que nos deu de convivemos por tantos anos. Amo muito todas vocês e jamais as esquecerei.

André e Esther, antes de partirem para a outra dimensão, visitaram muitos amigos, tanto do lado de André como do lado de Esther. Assim, no dia seguinte, ao despertarem no corpo físico, todos, sem saber por que, estavam muito melancólicos. Isso acontecia em razão das lembranças registradas pelo espírito durante a vigília. Amanhecera com o coração apertado, com a impressão de que alguma coisa muito grave estava por acontecer.

Intimamente, eles estavam preparados para receber aquela triste notícia.

Às 14 horas daquele dia, os amigos foram avisados do acidente. Os que estavam mais próximos vieram e, juntos, decidiram enterrá-los no estado de Minas Gerais, já que o acidente ocorreu lá, e porque Esther tinha muita afinidade com suas filhas de criação. E também porque teriam dificuldade em levar os corpos para o estado de São Paulo. Assim, os restos mortais dos dois foram enterrados em uma pequena cidade no estado de Minas Gerais.

Dona Mariana perguntou-lhes:

— Vocês gostariam de acompanhar o velório, a entrega dos seus restos mortais, esse corpo que lhes deu a oportunidade de cumprir sua missão?

Os dois disseram:

— Sim.

Assim, iniciaram a visita pelos amigos de André, em São Paulo, no Núcleo Espírita Adolfo Bezerra de Menezes. Viram o grupo de trabalhadores da casa, médiuns e alguns voluntários reunidos em volta de uma mesa, fazendo a leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Eles se preparavam para fazer uma prece em favor do fundador da instituição.

Quando terminaram a oração, todos elogiaram André. Os que conviveram com ele durante muitos anos e viram o sofrimento dele, causado pela falta de Esther, falavam com certa tristeza na voz:

— Eles ficaram tanto tempo separados e, quando conseguiram se reencontrar, desencarnaram.

Ficaram tão pouco tempo juntos!

— Os dois estavam tão bem, aproveitando a vida, viajando como se estivessem em lua de mel e, de repente, Deus os leva assim, de uma hora para a outra!

— Trabalharam tanto tempo afastados um do outro, sentiram tanta saudade, fizeram tudo para ficar juntos e são retirados da vida física tão tragicamente, tão depressa e tão cedo.

André e Esther, ouvindo aquelas lamentações, começaram a se entristecer. E dona Mariana lhes disse:

— Vamos embora daqui.

E, dizendo isso, pôs-se em oração pedindo a Deus que protegesse a chegada dos dois ao mundo dos espíritos; rogando que os benfeitores espirituais daquela casa, que havia dado tantas oportunidades às pessoas necessitadas, pudessem ajudá-los no retorno à pátria espiritual.

A pequena Casa Espírita onde os dois seriam velados estava preparada para receber seus corpos. Eles participaram das orações junto daqueles que os amavam, e uma das filhas de Esther, que morava com ela em São Paulo fez uma declamação em agradecimento àquela mãe que cuidou dela com tanto amor e carinho, recebendo-a em seus braços, doando todo seu afeto a uma filha do coração.

“Não me esqueço do cuidado que mamãe Esther teve com todas as crianças que passaram pelo orfanato.

Eu, como uma das primeiras a chegar, ajudei-a a cuidar das crianças mais novas que chegavam, completamente desnutridas, muitas desenganadas pelo médico por falta de alimentação, nas condições precárias de suas famílias, já que nesta região há muita miséria. Somente agora que as coisas melhoraram por aqui. Em comparação com trinta ou quarenta anos atrás, é como se hoje estivéssemos vivendo no céu.

Na época, minha mãe Esther fez uso de todas as economias que havia adquirido como herança em nosso favor.

Às vezes, ganhava algumas doações, mas isso não era o suficiente, devido à situação precária, onde não somente os pobres passavam dificuldades, mas também os fazendeiros considerados bem de vida. O tempo da seca aqui era muito difícil, e fazia com que se perdessem todas as plantações, o gado morria de fome e sede.

Mesmo assim, mamãe Esther nunca desanimou, nem pensou em sair daqui. Sabia que aqui estava sua missão.

Depois que todas se casaram e cada uma formou sua família, ela ainda continuou nos dando orientações e nos conduzindo para sermos boas mães. Hoje vemos seus netos bem-educados e seguindo o caminho do bem.

Receberam da mãe a educação que mamãe Esther um dia passou para elas. O conhecimento espírita nos dá um melhor entendimento das leis de Deus. Por meio da reencarnação, aquele que era empregado outrora amanhã poderá ser o patrão. Mamãe Esther passou para nós esses conhecimentos para que pudéssemos ter mais carinho e afeto com nosso próximo, reconhecendo nele nosso irmão.

Em muitos momentos de sua vida, percebíamos sua tristeza, a saudade profunda, a melancolia.

Às vezes, ela acordava chorando e formávamos uma roda de crianças em volta dela, abraçando-a.

E todos, muito preocupados, perguntávamos:

- Mamãe, por que está chorando? Ela sempre nos respondia assim:

- Eu choro de emoção por ter vocês comigo! Choro de alegria porque Deus colocou vocês em meu caminho.

Eu, que era a mais velha, tinha certa desconfiança do que se tratava, por causa da aliança que ela sempre usava no dedo. Às vezes, ela falava que já era casada e que um dia se encontraria com o amor da sua vida.

Eu sabia de tudo, mas os mais jovens não sabiam que ela carregava uma grande dor em seu coração.

Mas, para não nos deixar tristes, sempre arrumava uma desculpa, e tudo acabava em brincadeiras e muitas gargalhadas.

Dessa forma, ela também se sentia consolada com nossos gestos e atitudes de carinho. Mas ela sofreu muito.

Somente quem conheceu seu passado sabe o quanto uma pessoa pode sofrer. Mas o trabalho preenchia o seu tempo, trazendo consolo e força, ajudando-a superar as provações do mundo. Mamãe Esther foi um grande exemplo de vida para todos nós. Mostrou-nos que ajudar o próximo é a melhor forma de sermos consolados, que resolvendo o problema dos outros, os nossos seriam resolvidos. Esses valores ela nos passou por meio de sua vivência, enquanto esteve entre nós. Tenho certeza de que onde ela estiver o Pai Celestial sempre estará abençoando-a e amparando-a.

Reconhecemos as dificuldades vividas e sofridas pelos dois até que conseguiram cumprir suas missões na Terra.

E, quando conseguiram concluir a tarefa, reencontraram-se, mas viveram juntos somente cinco anos.

Não sei se tenho o direito de questionar por que Deus não deu mais tempo a eles. Sabemos que nossa vida está nas mãos do Pai. Talvez eles não tivessem méritos para viver nem esses cinco anos, ou nem um dia, mas com as bênçãos do trabalho em favor do próximo receberam essa recompensa do Pai, para que pudessem se reencontrar e viver juntos durante cinco anos, muito bem vividos. Poucos casais conseguem ser tão felizes quanto eles foram.

Aos sessenta e cinco anos, trocavam carinhos como se fossem dois jovens apaixonados. O amor de duas almas afins é diferente do amor por outro tipo de interesse. Acredito que os dois estarão juntos por muito tempo perante a eternidade”.

Todos ali choraram emocionados com aquelas palavras. Para muitos presentes aqueles fatos eram desconhecidos.

— Se não fosse mamãe Esther, com certeza, eu não estaria aqui. Fui uma criança muito doente até os sete anos de idade, e a paciência que ela tinha comigo era muito grande. Além de ser uma pirralhinha, era muito mal-educada. Às vezes, sinto-me arrependida por ter respondido e desobedecido tanto.

— Mas pude aprender muito com sua paciência.

— Sinto que estão por perto e felizes. E me pergunto por que Deus não deu mais tempo a eles para

permanecerem juntos na Terra. Mas sinto que continuam juntos. Tiveram o grande mérito de desencarnar juntos pelo grande trabalho prestado em favor do próximo.

— Daqui a pouco, os corpos estarão chegando, e eu gostaria que o velório fosse rápido, pois o estado em que eles se encontram é muito delicado. O pessoal da funerária queria até lacrar os caixões, mas pedi que não o fizessem, que dessem um jeito. Assim, fizeram uma preparação nos corpos, mas o velório tem de ser o mais rápido possível, e o enterro terá de ser feito hoje ainda. Marquei para as seis horas da tarde.

— É o tempo necessário para o pessoal de São Paulo chegar e ficar pelo menos algumas horas com eles.
— Sabemos que não estão preocupados com o estado dos seus corpos, tenho certeza de que estão muito felizes, melhores do que nós, porque puderam cumprir suas tarefas na Terra, e nem sempre isso é possível.

André e Esther, naquele momento, abraçaram suas filhas e os netos que ali se encontravam.

Os amigos de São Paulo foram chegando e sendo abraçados por todos. Os corpos chegaram e os caixões ficaram um do lado do outro.

Puderam abraçar e consolar todos os seus amigos, que oravam agradecendo a Deus pelo tempo em que estiveram juntos. Somente elogios eram dirigidos a eles. Eles, realmente, deixaram grandes pegadas por onde passaram. Essas pegadas se transformaram em luz para iluminar o caminho daqueles que vinham atrás.

Dona Mariana perguntou ao casal:

— Vocês gostariam de ir até o cemitério? André respondeu:

— Não é necessário, para mim já é o bastante. Só de ver meus familiares e amigos já me sinto muito feliz.

— Eu também estou à disposição da senhora para nos levar aonde merecemos, disse Esther.

— Agradeço a Deus a oportunidade de rever meus amigos. Não sabia que a minha vida, para eles, era tão importante assim. Estou muito contente por receber tantos elogios. Acho que não sou merecedora disso tudo. Na verdade, sempre tive uma grande equipe ao meu lado, ajudando-me a realizar o trabalho.

— Tenho certeza de que fui muito mais ajudada por eles do que ajudei. Foram essas meninas que criei que me deram forças para vencer na vida. Se não fosse por elas, tenho certeza de que teria caminhado para o suicídio.

— Ninguém imagina a falta que André me fazia. Muitas vezes, entrava em desespero de tanta saudade, vontade de revê-lo e começava a chorar. Nesses momentos, elas se aproximavam de mim e ficávamos chorando juntas. Eu sempre dizia que o meu choro era de emoção por tê-las ao meu lado.

— O carinho e o sorriso delas secavam minhas lágrimas. Esse amor é que me deu força para viver.

— Essas meninas só vieram acrescentar à minha felicidade, dando-me motivação e fé para continuar minha trajetória na Terra.

André perguntou a sua avó:

— Para onde a senhora vai nos levar?

— Para minha casa.

— Que bom, vovó, a senhora tem uma casa?

— Tenho uma casa em uma linda cidade que chamamos de Colônia Espiritual Nova Esperança.

— Que nome bonito, vovó, fica muito longe daqui?

— Não se preocupe, para nós não há distância. Você pode escolher: ir devagar, olhando os lugares por onde passaremos, ou ir de uma vez!

— Para mim, tudo é uma grande surpresa. Estou encantado com a dimensão espiritual, o trabalho com os espíritos recém-chegados da Terra e com os que se encontram internados aqui recebendo ajuda dos benfeitores espirituais.

— Meu filho, aqui vivemos a realidade. Tudo o que temos aqui é muito mais perfeito que na Terra.

— Será necessário passarmos pelas regiões umbralinas. Não há como chegar sem fazer essa passagem.

— Devemos manter o pensamento ligado a Deus, em agradecimento e em prece, para que não sofram nenhuma influência dos irmãos que se encontram em desequilíbrio.

Fazendo uma linda prece e segurando nas mãos uns dos outros, começaram a andar.

Passaram por regiões de muito sofrimento, gritos, blasfêmias, espíritos revoltados, muitos querendo vingança, outros dizendo que jamais perdoariam, outros gritando palavras de condenação.

No percurso, eles encontraram um dos jovens que estavam no ônibus com o qual ocorrera o acidente.

O jovem estava muito triste. Eles o chamaram para segui-los, mas o jovem não percebeu a presença deles. Fizeram de tudo para serem notados por ele, mas o rapaz não conseguia notar, por estar ainda muito ligado à matéria.

Esther, então, perguntou:

— O que podemos fazer para ajudá-lo? Dona Mariana respondeu:

— Somente o tempo. No momento, é impossível essa ajuda, porque o coração dele ainda não se abriu para as questões espirituais. Ele não tem sentimentos nem desejo de fazer uma prece, o que daria a abertura de que necessitamos para ajudá-lo. Mas não se preocupem com isso, há várias equipes espirituais para ajudá-lo.

André, Esther e Mariana tiveram a oportunidade de ver os jovens, que estavam no ônibus causando desequilíbrio, vinculados aos espíritos trevosos, que os acompanhavam nessa passagem pelas regiões umbralinas. Os espíritos os levavam para o abismo profundo. Vendo a situação triste e dolorosa, tentaram socorrer o grupo, mas, na medida em que se aproximavam dos jovens, eles se afastavam do reflexo da luz em busca das trevas, como alguém caminhando em direção a uma caverna com potente lanterna para iluminar. Os espíritos que não gostam da luz sempre vão em busca da total escuridão. Tentaram ajudá-los, chamando-os para os seguirem, mas, quanto mais eles chamavam, mais os jovens se afastavam. Muitos estavam tristes, mas não tinham capacidade nem força suficiente para tomarem uma decisão: a luz ou as trevas?

— Esther, isso acontece, também, com muitos encarnados. Muitas vezes são chamados para ir a uma reunião produtiva para seu progresso espiritual em uma Casa Espírita ou a qualquer outro templo religioso, mas preferem continuar buscando os bares, para dar vazão a seus vícios, optando pela vida fácil por meio de roubos ou latrocínios. Quando falamos que devemos perdoar sempre, muitos continuam se vingando ou explorando outras pessoas, principalmente os próprios familiares.

— Quando tentamos abrir os olhos de alguém para as questões espirituais, mostrando que a vida na Terra é uma passagem muito curta, não demonstram interesse.

CAPÍTULO 7 **A NOVA VIDA!**

Quando saíram da escuridão, passaram a ver trechos de campos floridos, muita água nas fontes cristalinas, e perceberam que realmente estavam em uma dimensão tão bonita quanto a Terra, muito evoluída em termos de paisagem e pureza espiritual.

Havia flores de várias espécies, sendo que algumas eram conhecidas. Eles observaram equipes espirituais levando espíritos retirados daquela região de sofrimento, bosques e pássaros diferentes dos conhecidos na Terra, muito mais sublimes. Grandes cachoeiras desciam dos altos montes que existiam em volta da cidade, onde o ar parecia ser magnético.

Esse ar magnético protegia a cidade das investidas de espíritos malfazejos, para que não tivessem acesso aquele ambiente, que estava em uma atmosfera muito mais evoluída que aquelas regiões pelas quais tinham passado.

Ao entrar na cidade, perceberam que tinha o formato de um grande círculo. À medida que atravessavam os edifícios, passavam por muito verde, muitas árvores floridas, não muito altas, em uma planície onde se podia enxergar muito longe através das cabeceiras das árvores. Conforme caminhavam, viam praças cheias de flores e jasmims de todas as cores, sendo que algumas delas não eram conhecidas na Terra. Eram flores de muita beleza e aromas que inebriavam o nosso ser.

— Que cidade maravilhosa é esta, dona Mariana?

— Esta cidade chama-se Colônia Nova Esperança. Nova significa: conquista, talentos, aprendizados e oportunidades. Esperança: calma, fé e tempo. Somente a calma, a fé e o tempo poderão nos dar esperança. Esperar é para quem pode e acredita que um dia vai receber. Então, meu filho, aqui é a cidade da oportunidade e do trabalho.

— Vovó, quem fundou esta cidade?

— Meu filho, nós o chamamos de Tio Eurípedes porque, para nós, foi um grande exemplo de trabalho, quando passou pela Terra.

— A senhora está falando de Eurípedes Barsanulfo?

— Sim, meu filho. Esse grande homem viveu no plano físico e, enquanto esteve encarnado, executou um grande trabalho. É muito conhecido por nós, que militamos na doutrina espírita. Além disso, Eurípedes Barsanulfo é um grande amigo de Jesus e de Maria Santíssima. Na época em que Cristo passou pela Terra, ele esteve com o mestre. Foi o primeiro a ser martirizado em nome da Boa Nova, em nome do Messias prometido, por não concordar com os fariseus e sacerdotes. Foi considerado um blasfemador das ideias judaicas, e isso o levou a ser condenado à fogueira. Assim como ele, outros também passaram pelas mesmas condenações, por não aceitarem a forma pela qual o judaísmo perseguia o Messias prometido.

— Todos esperavam que Ele viesse em um carro de ouro e com um enorme exército celestial para combater os romanos da escravidão judaica, mas Ele nasceu em lar humilde, trazendo em si a simplicidade, mostrando que somente se combate o mal com o bem. Infelizmente, muitos judeus não estavam preparados, e ainda viviam as leis de Moisés, esquecendo-se que a missão do Messias era trazer a Lei de Amor.

— Somente observando a lei do amor o homem será plenamente feliz. Por mais que o mal seja astuto, o amor sempre vence, porque é perseverante. O amor é criação de Deus, enquanto o mal é a ignorância dos homens.

— Entre todos os espíritos missionários que vieram ao mundo depois de Jesus, Eurípedes Barsanulfo é o único que conhecemos que teve a oportunidade de ver o Mestre.

— Gostaríamos de narrar esse fato real, para maior compreensão do leitor amigo, em uma mensagem que veio pelas mãos abençoadas do nosso querido Chico Xavier, numa mensagem de Hilário Silva, que se encontra no livro *A Vida Escreve*:

VISÃO DE EURÍPEDES

Começara Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da mediunidade, em Sacramento, no estado de Minas Gerais, a observar-se fora do corpo físico, em admirável desdobramento, quando, certa feita, à noite, viu a si próprio em prodigiosa volitação. Embora inquieto, como que arrastado pela vontade de alguém num torvelinho de amor, subia, subia... Subia sempre.

Queria parar e descer, reavendo o veículo carnal, mas não conseguia. Braços intangíveis tutelavam-lhe a sublime excursão. Respirava outro ambiente. Envergava forma leve, respirando num oceano de ar mais leve ainda...

Viajou, viajou, à maneira de pássaro teleguiado, até que se reconheceu em campina verdejante.

Reparava na formosa paisagem, quando não longe avistou um homem que meditava envolvido por doce luz.

Como que magnetizado pelo desconhecido, aproximou-se.

Houve, porém, um momento em que estacou trêmulo.

Algo lhe dizia, no íntimo, para que não avançasse mais.

E, num deslumbramento de júbilo, reconheceu-se na presença do Cristo.

Baixou a cabeça, esmagado pela honra imprevista, e ficou em silêncio, sentindo-se como intruso, incapaz de voltar ou seguir adiante. Recordou as lições do Cristianismo, os templos do mundo, as homenagens prestadas ao Senhor, na literatura e nas artes, e a mensagem d'Ele a ecoar entre os homens, no curso de quase vinte séculos...

Ofuscado pela grandeza do momento, começou a chorar...

Grossas lágrimas banhavam-lhe o rosto, quando adquiriu coragem e ergueu os olhos, humilde.

Viu, porém, que Jesus também chorava...

Traspassado de súbito sofrimento, por ver-lhe o pranto, desejou fazer algo que pudesse reconfortar o Amigo Sublime... Afagar-lhe as mãos ou estirar-se à maneira de um cão leal aos seus pés...

Mas estava como que chumbado ao solo estranho...

Recordou, no entanto, os tormentos do Cristo, a se perpetuarem nas criaturas que até hoje, na Terra, lhe atiram incompreensão e sarcasmo... Nessa linha de pensamento, não se conteve.

Abriu a boca e falou suplicante:

- Senhor, por que choras?

O interpelado não respondeu.

Mas, desejando certificar-se de que era ouvido, Eurípedes reiterou:

- Choras pelos descrentes do mundo?

Enlevado, o missionário de Sacramento notou que o Cristo lhe correspondia agora ao olhar.

E, após um instante de atenção, respondeu em voz dulcíssima:

- Não, meu filho, não sofro pelos descrentes, aos quais devemos amor. Choro por todos os que conhecem o Evangelho, mas não o praticam...

Eurípedes não saberia descrever o que se passou então.

Como se caísse em profunda sombra, ante a dor que a resposta lhe trouxera, desceu... Desceu...

E acordou no corpo de carne.

Era madrugada.

Levantou-se e não mais dormiu.

E, desde aquele dia, sem comunicar a ninguém a divina revelação que lhe vibrava na consciência, entregou-se aos necessitados e aos doentes, sem repouso sequer de um dia, servindo até a morte.

Eurípedes Barsanulfo teve uma missão extraordinária em todos os setores da vida.

Atuou na política, na sociedade, no colégio Allan Kardec, com sua obra espetacular, onde implantou a pedagogia de Pestalozzi. Isso mudou os costumes da época, porque os professores usavam, naquela ocasião, a palmatória e grãos de feijão para castigar os alunos indisciplinados. Eurípedes substituiu tudo isso pela pedagogia do amor, em 1907, quando fundou o Colégio Allan Kardec, revolucionando a pedagogia no Brasil e no mundo.

Em sua farmácia, Eurípedes atendia todos os que procuravam, gratuitamente, com o auxílio de suas irmãs. Quando acabavam os remédios que ele próprio manipulava, fazia uso de todos os recursos para curar seus enfermos, inclusive utilizando medicamentos de laboratórios que também manipulavam em sua farmácia, mas que precisava de dinheiro para comprar. Quando se esgotavam seus recursos financeiros, aparecia uma moça de branco. E quando todos estavam preocupados com a falta de dinheiro, Eurípedes falava:

— Não se preocupem, a moça de branco apareceu e os remédios virão.

Misteriosamente, algum dos fazendeiros da região comprava os remédios para ele manipular e fazer os medicamentos de laboratório. O mês de outubro era muito especial para ele.

Eurípedes desencarnou em 1º de novembro de 1918, com apenas trinta e oito anos de idade.

Retornou à pátria espiritual, pois havia cumprido sua missão na Terra. Quando se aproximou o tempo de seu retorno ao mundo espiritual, ele passou a não dormir mais, e, mesmo assim, numa visão, teve um encontro com Jesus. Nessa época, a cidade de Sacramento tinha seis mil habitantes, e nesse mês de outubro Eurípedes atendeu trinta mil pessoas, dando receitas, e, por esse motivo, não tinha tempo para dormir. Nesse período, a gripe espanhola grassava em todos os cantos do Brasil, e milhares pessoas morriam em decorrência da peste, para a qual não existia a cura. Somente Eurípedes, na cidade de Sacramento, conseguia obter a cura. Ele também havia contraído o vírus da gripe, e estava ciente disso. Sua missão havia terminado, mas tinha de concluir esse trabalho. Em uma manhã, ainda no mês de outubro, sua mãe entrou no quarto de Eurípedes e viu que ele não havia dormido, nem deitado na cama, que estava do mesmo jeito do dia anterior.

— Meu filho, você não dormiu? Você não pode fazer isso, você não aguenta trabalhar dia e noite!

— Você já está doente, com o vírus da gripe! Precisa tomar remédios, descansar e se cuidar!

Ele levantou os olhos, deixou cair algumas lágrimas e disse:

— Minha mãe, como posso dormir com tanto sofrimento, tanta dor e tanta doença?

— Sim, meu filho, mas você precisa descansar um pouco!

Ouvindo o apelo da mãe, Eurípedes deitou e acordou nos braços de Jesus. A evolução de Eurípedes Barsanulfo transcende a nossa linha de raciocínio.

— Para mim, disse André, foi um grande mestre, o grande apóstolo da caridade.

— Tive o privilégio de conhecer sua biografia e também sua cidade natal, Sacramento.

— Meu filho, estamos sobre a cidade de Sacramento, em uma dimensão muito alta.

— Esta cidade espiritual foi construída acima da cidade do nosso querido mestre da caridade.

— Quando estivermos com tempo, visitaremos a cidade. Lembre-se que, para isso, teremos de passar novamente pelas regiões umbralinas pelas quais passamos para chegar aqui.

André lhe perguntou:

— Mas não estamos em uma dimensão espiritual que fica acima da cidade de Sacramento?

— Sim, meu filho, mas umbral significa portal entre o plano inferior e o superior.

— A Terra está dentro desse portal, que é o umbral. Não tem como ir à Terra sem passar por ele. Portal é o limite entre uma dimensão e outra.

— Então, vovó, os que desencarnam não podem vir diretamente para uma dimensão espiritual superior como esta, sem passar por lá?

— Não, meu filho, essa passagem é necessária, mas depende da evolução do espírito.

- Quando o espírito é evoluído, isso acontece de forma diferente. Essa passagem é tão rápida quanto um relâmpago, mas, nas condições em que vocês estão, tivemos de passar por lá.

Durante a caminhada, quando estávamos andando pela cidade, observamos várias entidades caminhando de um lugar para outro. Algumas entravam em edifícios, outras saíam deles.

Deu para observar que a cidade era muito movimentada. O que mais nos surpreendeu foram as fontes cristalinas, grandes quedas-d'água descendo sobre as fontes cheias de raios de luz, de todas as cores, que brilhavam como se fossem cristal. Ficamos encantados diante da beleza daquela paisagem natural.

Parecia que o Sol de lá clareava mais que o da Terra, era como se estivéssemos mais próximos dele.

André perguntou:

— Vovó, estamos muito distantes da Terra?

— Não, pelo menos não tão distantes assim. Na verdade, estamos até bem próximos dela.

— Por que aqui o Sol brilha mais do que na Terra?

— Ah! Meu filho, este Sol que vemos é o mesmo que ilumina a Terra. A diferença é que em outras dimensões da vida, quando estamos no mundo espiritual, nossa visão é mais completa e perfeita do que quando estamos na Terra. E aqui temos mais tempo para observar as coisas.

— A vida na Terra é cheia de turbulências em razão das dificuldades que a própria vida nos impõe. Quase não temos tempo de reparar na natureza. Mas, se olharmos bem para a Terra, veremos muitas belezas! Basta ter tempo para isso. A Terra é um lindo jardim, mas ainda há muitas coisas lá para ser cultivadas, principalmente a semente do amor e da fraternidade.

Andaram mais um pouco e chegaram à casa de Mariana, que os convidou para entrar, dizendo:

— Entrem, a casa é de vocês.

Os visitantes entraram na casa e observaram uma sala ampla, com poltronas confortáveis e lindos quadros que representavam a passagem de Jesus pela Terra. Olhando para aqueles quadros, seus olhos se enchiam de lágrimas. A pintura era tão perfeita que parecia real, como se Jesus estivesse ali presente. E isso despertava no coração dos recém-chegados um estado emotivo tão forte que era impossível conter as lágrimas.

Dona Mariana falou:

— Meus filhos, lembrem-se de que estamos no mundo espiritual. Tudo o que virem aqui é muito mais perfeito e real do que viam na Terra, então, controlem suas emoções.

Aos poucos, os dois foram enxugando as lágrimas e Esther falou:

— Que lugar maravilhoso e encantador é esta cidade! Observei que em todos os edifícios há um grande trabalho. Gostaria de conhecer as atividades que são realizadas aqui e de rever pessoas que, até agora, não pude encontrar, que são a mamãe e o papai. Você, André, está muito bem com sua avó.

— Estou muito bem, mas também gostaria de rever a mamãe e o papai.

De repente, dona Mariana entrou trazendo os pais de André e a mãe de Esther, e foi um momento de muita alegria e emoção, de confraternização entre eles. Puderam abraçar seus familiares e matar a saudade que há muito tempo traziam no coração.

CAPÍTULO 8 A FAMÍLIA REUNIDA

Abraçaram-se e não puderam conter a grande emoção daquele tão esperado momento.

As lágrimas descera mais uma vez.

Esther ficou preocupada ao ver que seu pai não estava junto de sua mãe, e perguntou:

— Mamãe, onde está o papai?

— Minha filha, seu pai está um pouco distante daqui, ainda não tem condições de vir para cá.

— Ele necessita muito das nossas orações. Ainda se encontra aprisionado em regiões de sofrimento, causado pela mágoa que ainda carrega no coração. O arrependimento não dá sossego à sua alma aflita.

— Já o visitamos várias vezes. Estamos esperando o momento certo para recolhê-lo daquela região de sombras.

— Mamãe, faz tanto tempo que o papai desencarnou! Ele ainda permanece nessa região?

— Minha filha, Deus sempre nos dá tempo, mas, se não modificarmos nosso comportamento e sentimentos, não sairemos das trevas da ignorância. Podemos viver por muitos anos nessas regiões de sofrimento. Enquanto o espírito não despertar para a luz, ela não se acende em seu coração.

— E essa luz está dentro de nós mesmos.

— A ação da prece, o arrependimento e a humildade em reconhecer os erros e suplicar a Deus por perdão auxiliam o espírito a receber ajuda para sair das trevas da ignorância em que se encontra.

— Seu pai minha filha, ainda não despertou para esses sentimentos, e permanece em grande sofrimento.

— Tenho o visitado constantemente, e sempre estamos em grupo rogando em oração para que, quando despertar, estejamos ali para socorrê-lo.

— Minha filha, há muitas coisas que você ainda não sabe sobre seu pai. Sua grande invigilância o levou a terríveis sofrimentos. Era um homem que convivia com muitas mulheres, frequentava as casas de boemia, onde conseguia várias parceiras. Sendo muito obcecado pela sexualidade, nunca me respeitou.

— Eu sabia de tudo, mas tolerava. A maior tragédia aconteceu com Marina. Após ter sido sedada por medicamentos, ele cometeu um dos atos mais dolorosos e hediondos, cujo arrependimento consome o espírito, que leva anos para conseguir se perdoar. Veja na tela como tudo aconteceu.

Marina, como fazia todos os dias, chegou bem cedo ao casarão. Bateu à porta, doutor Luís correu para atendê-la e foi logo dizendo:

— Entre e, se você puder, sirva-me o café, pois hoje estou um pouco atrasado e preciso chegar mais cedo ao consultório.

Antes de entrar, Marina perguntou pela patroa.

— Ela não está passando muito bem, está deitada dormindo até agora, disse, mentindo.

— Está com muita dor de cabeça. Dei alguns remédios a ela e agora conseguiu pegar no sono.

— Passou a noite toda acordada.

Marina perguntou pela menina, e ele respondeu que ela ficara na cidade com a tia Cláudia, que também não estava passando muito bem e estava sozinha. A menina estava lhe fazendo companhia.

Marina entrou e foi para a cozinha preparar o café.

Em seguida, veio servir o café para o patrão, que parecia estar mesmo com muita pressa.

Serviu-lhe café com leite.

— Eu vou tomar o café sozinho?

— Muito obrigada, doutor Luís, eu já tomei café em casa.

— O que é que tem se você tomar uma xícara de café? Não vai fazer mal! Eu não gosto de tomar café sozinho.

Ela colocou café na xícara e, antes que tomasse, ele lhe perguntou:

— Você ainda tem aqueles pãezinhos de queijo?

— Tem, doutor, mas é de ontem. Hoje fiz este bolo para o senhor.

Ele, para fazê-la sair da mesa, disse:

— Traga-os que vou comer uns dois.

Ela se encaminhou para a cozinha para pegar os pães de queijo. Aproveitando o momento da sua ida até a cozinha, ele colocou uma grande dose de sonífero na xícara de café dela.

Ela voltou para a mesa, serviu os pães de queijo a ele, que ficou conversando um pouco com ela, que, para se ver livre dele, foi logo tomando o café rapidamente.

Quando ele viu que ela já estava quase terminando de tomar a xícara de café, disse:

— Está um pouco frio esse pão de queijo, não daria para você esquentá-los um pouco no forno?

Ela pegou a bandeja de pão de queijo e a levou até a cozinha para esquentá-los.

Naquele momento, ele colocou mais café na xícara dela e mais sonífero.

Quando voltou com a bandeja de pão de queijo e a colocou na mesa, ele pegou um, colocou na boca e disse:

— Que gostoso! Está tão saboroso! Coma um para você ver como está delicioso.

Ela, então, pegou um pão de queijo, começou a comer e automaticamente pegou a xícara de café, sem notar que tinha mais café, e começou a beber.

Assim que esvaziou a xícara, começou a sentir sono, abriu a boca várias vezes, com o corpo todo bambeando.

— Não sei o que está acontecendo comigo, estou com muito sono, meu corpo está todo bambo.

Tentou, em vão, retirar a mesa. Pegou a bandeja e começou cambalear para lá e para cá.

E o doutor Luís levantou-se, foi até ela e a segurou, dizendo:

— Calma, calma, isso é queda de pressão, acontece. Você tem de se deitar um pouco para que possa melhorar.

Ele a pegou nos braços, levou-a para seu quarto e a deitou em sua própria cama.

Em segundos, ela estava ali dormindo profundamente, e ele observava aquele rosto lindo a sua frente, agora sob seu comando. Aqueles lindos lábios que há muito tempo sonhava em beijar.

Ele passou as mãos em seu rosto e em seus lábios. Começou a desabotoar a blusa dela e ficou a contemplar aquele corpo completamente perfeito. Corpo de sereia. Realmente era um corpo muito bonito, que não tinha nenhuma deficiência. Nem uma cicatriz sequer. Arrancou toda a roupa dela e começou acariciá-la dos pés à cabeça.

Naquele momento, o espírito obsessivo, que não estava aguentando mais esperar, queria de todo jeito aproveitar o momento para utilizar as energias sexuais e se sentir aliviado, pois havia muito tempo esperava por aquele momento. Estava completamente aflito e desesperado.

Situações que acontecem, muitas vezes, com um estuprador. Fica completamente desequilibrado.

Doutor Luís, envolvido pelas vibrações daquele espírito, tirou toda a roupa e começou a beijar e a acariciar aquele corpo tão lindo que estava ali a sua frente, totalmente entregue a ele.

Sem nenhuma compaixão, sem pensar que Marina estava desacordada, como um monstro selvagem, começou a ter relações sexuais com ela.

O espírito obsessivo, como em uma simbiose, sentiu-se aprisionado e dali não conseguiu sair mais.

A pobre vítima estava em seu período fértil e poderia engravidar facilmente.

A espiritualidade ali presente, aproveitando o momento de simbiose, realizou o processo de reencarnação daquele espírito obsessivo.

Ele entrou em processo de esquecimento e assim aconteceu o seu reencarne.

Depois que o doutor Luís fez tudo o que gostaria de fazer (ele que, como médico, tinha muito conhecimento em todas as áreas do corpo humano), começou prepará-la, fazendo a limpeza em seu corpo, tomando cuidado para que ela, ao acordar, não percebesse o que acontecera enquanto esteve desacordada. Vestiu-lhe a roupa e deixou-a sozinha no quarto. Foi para a cozinha e sentou-se à mesa de frente para a garrafa de café. Tomou café, não se sabe o quanto. Por uma hora ele permaneceu ali. Seu desespero era tão grande que acabou tomando toda a garrafa de café. Despertou em seu coração o arrependimento, já que, naquele momento, encontrava-se completamente só, livre da influência do obsessivo.

Aquela pobre coitada, que sofreu nas mãos dos dois obsessivos, o desencarnado e o encarnado, aos poucos foi se recuperando e voltando ao seu estado normal. Acordando, ela via uma cena em que o doutor Luís a acariciava, mas não registrava nada do estupro. Nessa hora, seu espírito estava longe, recebendo a proteção e o amparo da sua mãe, que se encontrava ali por perto, protegendo-a.

Não foi possível evitar o fato, até porque diante das leis reencarnatórias, em um passado distante, nossa irmã tinha débitos nessa área. Era muito importante quitar esse débito com esses dois espíritos: o doutor Luís e o obsessivo.

Marina levantou-se cambaleando e foi até a cozinha. Chegando lá, encontrou doutor Luís de cabeça baixa, como se estivesse dormindo.

Aos poucos, mesmo com o corpo todo mole, foi fazendo seu serviço diário.

Assim que começou a arrumar a mesa, o barulho das xícaras na bandeja fez com que o médico acordasse.

Olhando para aquela pobre mulher, sentiu-se completamente culpado.

Meio sem graça, perguntou:

— Está se sentindo melhor?

— Melhorei, agora estou bem.

— Passei muito mal, parece que tive um grande pesadelo.

— Você pode me contar como foi esse pesadelo?

— Não sei direito, mas parece que o senhor estava no quarto tocando em mim, mexendo comigo.

— Não sei como, mas eu via o seu vulto na minha frente.

— Isso deve ter acontecido por causa do medicamento que lhe dei para que pudesse se recuperar.

— Se eu não interferisse com o medicamento, você poderia ter morrido. Você teve uma queda de pressão muito grande e ainda não está bem. Pode ir para casa se recuperar, descanse e volte amanhã.

— Não posso ir agora, tenho de lavar roupa e limpar o quintal.

— Você pode ir embora, amanhã fará tudo isso. Amanhã a senhora estará bem. Ela achou muito estranho ele chamá-la de senhora. Ele sempre a chamou de você e nunca a tratou bem como naquele dia.

— Parecia outro homem. E, realmente, estava outro homem. Um homem arrependido, completamente transformado.

O homem arrependido tenta compensar o fato que o levou ao arrependimento.

No caso do doutor Luís, realmente, foi um grande crime: estuprar uma pessoa no estado de inconsciência, sem nenhuma compaixão.

Chegando em casa, Marina já estava totalmente recuperada. Começou a notar que intimamente estava diferente e percebeu, como qualquer mulher perceberia, que havia sido estuprada.

E pensou: "Meu Deus, o que aquele verme fez comigo? Aproveitou-se da minha situação, ali desmaiada! Foi um absurdo o que ele fez. O que faço agora, meu Deus? Se denunciá-lo ao meu marido, ele poderá matá-lo e ir para a cadeia. Se eu for tirar satisfação com ele, não adiantará nada. Mas parece que está arrependido, vi que seus olhos estavam muito vermelhos. Significa que chorou muito.

Posso dar o troco de outra forma: calando-me e não falando mais com ele. Mas como ficar calada diante de uma ofensa tão grande como essa? Jamais pensei que outro homem, que não fosse o meu marido, pudesse tocar em mim. Não concordo com a traição, mesmo sendo da forma como aconteceu.

Sinto que traí o meu marido".

No meio daquele conflito, de dúvidas e indecisão, ela começou orar. Chamou André e pediu que orasse com ela:

— Meu filho, vamos pedir à vovó que venha nos ajudar, porque estou completamente transtornada.

— Mamãe, alguma coisa aconteceu com a senhora na casa-grande?

— Não aconteceu nada, meu filho, só passei muito mal hoje. Mas vamos orar e pedir à mamãe que me aconselhe sobre que decisão tomar.

Fizeram algumas orações e abriram *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que caiu no tema "Perdão das ofensas". Com os maravilhosos ensinamentos daquela lição, ela pensou decidida:

"Não vou destruir a minha vida nem a vida de outras pessoas por uma coisa que desconfio que aconteceu, mas que não vi, não estava presente. Ali estava apenas o meu corpo. Não vou destruir minha vida por isso".

Sua mãe apareceu e falou com o menino:

— Meu netinho querido, diga à mamãe que ela deve perdoar, pois, na verdade, não acontece nada conosco se não tivermos de passar por aquilo. É uma forma de pagamento que ela fez.

Aquela criança, muito inteligente, repetia tudo o que sua avó lhe falava.

— Mamãe, vovó já foi embora.

— Então vamos orar agora para agradecer a Deus por esta oportunidade de quitação de mais uma dívida. Vamos pedir a Ele, também, que me dê forças para suportar essa dificuldade, esse peso na alma que terei de carregar pelo resto da minha vida.

Já o doutor Luís não tinha sossego. Via e revia a cena horrível praticada por ele contra aquela pobre e indefesa criatura. Até porque, na verdade, não era daquele jeito que ele a queria.

Ele queria que fosse naturalmente, conscientemente, e que ela também o quisesse.

Não poderia ter ficado com ela à força, como ficou. Mas o desespero o levou a essa situação grave, que marcou profundamente sua consciência. Carregaria aquele peso pelo resto da vida.

Assim, também, iniciou-se em sua vida uma grande provação. Uma provação para os dois, pois Marina engravidara de outro homem. Para uma mulher honesta e sincera, era uma tragédia moral.

Para ela, que era uma pessoa completamente moralizada, seria muito difícil passar por aquela prova. Mas, com a ajuda da mãe, seria mais fácil. Toda vez que pensasse e olhasse para aquela gravidez, iria ouvir a voz da sua mãe em seu coração e teria forças para seguir em frente.

No outro dia, doutor Luís, saiu mais cedo de casa para o trabalho.

Assim, quando Marina chegou, não o encontrou mais.

Laura, que era mesmo sua grande amiga, achou que alguma coisa estava estranha, pois a amiga estava diferente, muito triste. Não era a mesma Marina de sempre, alegre e sorridente, que chegava ali todos os dias. Parecia outra pessoa.

— O que aconteceu com você, amiga? Luís fez alguma coisa de ruim com você? Ele a maltratou?

— O que a deixou tão triste assim? Nem parece aquela amiga tão alegre, animada, sempre com um sorriso nos lábios.

— Não foi nada. É que ontem eu passei muito mal. Doutor Luís não contou o que aconteceu comigo?

— Não. Ele estava muito diferente. À tarde, quando foi me buscar na casa de Cláudia, estava muito silencioso, veio de lá até aqui sem dizer uma palavra. Não conversamos nada.

— Nem as brincadeiras de Esther o alegraram. Não sei por quê, mas estava muito triste.

Marina, então, contou a ela como tinha passado mal no dia anterior, chegando até a desmaiar.

Disse-lhe que ele a colocou na cama e que ela não sabe por quantas horas ficou desmaiada.

Laura, que não confiava muito no marido, falou:

— Será que ele não fez alguma coisa com você enquanto estava desmaiada?

— Não sei, não me lembro de nada. Quando acordei, ele estava sentado na cozinha, debruçado na mesa, e parecia que tinha chorado.

— Ai, meu Deus! O que será que ele fez? Você não notou alguma coisa diferente?

— Não, mas não se preocupe, minha amiga. Vamos limpar o quintal?

No fundo, ela sabia que havia sido estuprada... Não podia falar para não provocar um escândalo.

Lembrou-se dos ensinamentos de Jesus, quando Ele disse: *"o escândalo é necessário, mas ai daquele que provoca o escândalo"*.

— Há muitas coisas para fazer hoje; ontem deixei muita coisa sem fazer. Vou lavar as roupas e limpar o quintal.

— Se não der para fazer tudo hoje, amanhã ajudo você a arrumar a casa.

Marina, entre um afazer e outro, via a imagem do rosto do patrão a tocando, beijando e acariciando seu corpo. Ela via e revia essa cena revoltante e sentia muito nojo e raiva.

Dona Laura, aguardando o término do trabalho de Marina, chamou a amiga para sentar com ela à mesa para conversarem um pouco. E disse a ela que a admirava muito, porque, mesmo tendo uma vida financeira delicada, era uma mulher feliz.

E a humilde mulher confirmou:

— De fato, sou muito feliz. Amo profundamente meu marido, e meu filho é o maior tesouro que Deus me deu. Não me lembro, em toda nossa vida, desde os tempos de namoro, se houve um dia sequer em que eu e Mário tivéssemos uma discussão. Mas, ultimamente, estou sentindo em meu coração uma grande tristeza, um forte medo. Parece que alguma coisa muito séria está para acontecer comigo.

Dona Laura, ao ouvir as palavras de sua amiga, falou:

— É, amiga, realmente tenho notado que você está um pouco mudada. Não parece mais aquela que conheci, alegre e corajosa. Acho que há algo muito sério, e que não quer me contar.

— Desconfio, ainda, que Luís fez alguma coisa com você.

Marina insistiu em dizer que não, que realmente não se lembrava de nada.

Afirmava que estava desmaiada e não conseguia se recordar de nada, a não ser de um breve momento em que o doutor Luís a levava para o quarto, colocando-a na cama e examinando-a, coisa que, como médico, ele poderia fazer.

Dona Laura contou a Marina que, depois daquele dia, o doutor Luís estava muito diferente, muito triste, e chegava todos os dias embriagado. Declarou à amiga que já não estavam tendo mais uma vida sexual, que permaneciam juntos, mas, ao mesmo tempo, distantes um do outro.

Ele, definitivamente, não era mais o mesmo. Motivos não faltavam para ela desconfiar de que alguma coisa acontecera.

Marina, no intuito de reconfortar a amiga, disse que não deveria ser nada, e afirmou ter muita sorte por ter sua amizade, e que sempre que precisasse poderia contar com ela.

Nesse momento, dona Laura abriu seu coração para a amiga e disse que não tinha dúvidas de que aquela amizade tinha sido a melhor coisa que lhe acontecera na vida. Segundo a patroa, se não fosse o amparo verdadeiro da amiga, já teria se separado do marido e se mudado com a filha para a casa da irmã, na cidade. Acrescentou que sua irmã já lhe fizera esse convite, e, no fundo, seria bom para Esther, porque o colégio da menina ficava na cidade.

— Eu não posso sair da fazenda agora, pois tenho o pressentimento de que vai precisar muito de mim.

— Não quero que fique aqui sozinha. Você até poderia morar comigo na cidade.

— Dona Laura, gosto muito de morar na fazenda. Nasci, cresci e vivi toda a minha vida no campo.

— Foram poucas as visitas à cidade. Adoro o cheiro da terra molhada, quando a chuva cai, o contato com a natureza, tudo isso me traz muita paz.

— Realmente, percebo o quanto é ligada à criação de Deus, disse dona Laura.

— Quantas vezes já vi os pássaros comer em suas mãos. Vejo, também, o trato delicado que tem com as borboletas, que parecem reconhecê-la. Sem falar nas rosas, que são nitidamente suas amigas, pois você conversa com elas com muito carinho.

— Eu amo muito a natureza, e falo com as rosas porque acredito que, assim, elas ficam mais belas.

E dona Laura continuou:

— Na casa de minha irmã, há muitas rosas, no entanto, não são tão bonitas. Cláudia diz que não existe outro lugar com rosas tão lindas e vistosas quanto aqui na fazenda. O segredo deve ser mesmo seu amor por elas.

Marina sorriu, como forma de agradecimento, da conclusão da patroa.

Naquele instante, a conversa tomou um novo rumo. A empregada demonstrava tristeza, e a patroa, sempre atenta, interrogou-a sobre o que se passava.

Marina, em um tom melancólico, disse:

— Tenho, em alguns momentos, a impressão de que o meu tempo de vida está acabando.

— Como se fosse uma luz de vela que está se apagando vagarosamente. Tenho o pressentimento de que estou me despedindo de todos os que amo. A tristeza é muito grande quando penso em meu filho, ainda tão criança. Sei o quanto ainda precisa de mim.

Dona Laura, sem saber muito bem o que dizer para confortar aquele coração aflito, falou:

— Minha amiga, não se preocupe com isso, pois você é muito jovem e goza de boa saúde.

— Você vai viver muitos anos e poderá criar seus filhos e ser muito feliz.

Nesse instante, dona Laura abraçou a amiga, e as lágrimas foram inevitáveis em faces tão singelas, diante de uma amizade tão grande e um amor fraternal tão sincero.

CAPÍTULO 9 TRISTES CONSEQUÊNCIAS

— Observe, Esther, as consequências desse ato insano de seu pai.

Os dias se passaram, e a gestação de Marina não estava tranquila.

Ela ainda estava muito atormentada com que lhe acontecera, e isso se refletia em sua condição física.

Marina não conseguia dormir direito, sempre tinha fortes pesadelos. Nesses pesadelos, sentia sempre a presença do doutor Luís abraçando-a e acariciando-a. E se indagava: "Será, meu Deus, que esse homem continuará me perseguindo até mesmo durante o sono?".

Mas o que, de fato, acontecia era a lembrança do dia do estupro, que marcou sua alma profundamente.

Marina não presenciou a violência que sofrera, no entanto, seu espírito registrou as impressões, por intermédio do perispírito, daquele ato desmedido praticado pelo médico. Portanto, as visões durante o desdobramento aconteciam, pois Marina saía do corpo físico e revia a cena do estupro.

Mesmo que ela quisesse, não conseguiria ficar livre desses pensamentos de perseguição, por estar grávida daquele que cometeu um mal contra ela.

O motivo dessas lembranças era o ser que carregava em seu ventre como filho, o próprio obsessivo que levou o doutor Luís a cometer tamanha violência.

No fim da tarde, Marina despediu-se de dona Laura e voltou para o lar. Chegando em casa, o esposo já estava a esperando.

Ao entrar, Mário foi logo dizendo à Marina:

— Minha querida, o que está acontecendo com você? Ultimamente, te vejo tão triste!

— Mario, não sei dizer exatamente o que é, mas sinto que estou vivendo os últimos dias de minha vida.

Mário disse, para tranquilizá-la:

— Fique tranquila, meu amor, sei que vamos envelhecer juntos.

Marina, com o coração apertado, falou:

— Eu gostaria, meu bem, que Deus me concedesse esta graça! Isso é o que mais quero no mundo, ficar velhinha ao seu lado. Imagine nós dois sentados olhando para o horizonte, em uma cadeira, com os cabelos branquinhos. Eu seria a mulher mais feliz do mundo!

— Com certeza, meu grande amor, chegaremos lá, se Deus quiser! Vamos criar nossos filhos, ver nossos netos nascer e, se Deus permitir, conhecer nossos bisnetos.

Nesse momento, Marina entristeceu-se e fez um pedido ao marido com a voz embargada:

— Meu amor, nunca se afaste de nosso filho André por motivo algum. Eu te suplico, meu bem!

— Pare com isso, não gosto nem mesmo de pensar em ficar longe de você. Não fale essas coisas, porque senão amanhã não vou conseguir trabalhar de tanta preocupação.

— Vamos dormir.

No dia seguinte, levantaram-se bem cedo e cada um seguiu para o seu respectivo trabalho.

Marina observara que, depois da conversa que teve com o marido, sentiu que aquele sentimento angustiante já não se fazia mais presente em seu coração. Portanto, voltou à sua rotina normal.

Passaram-se ligeiros os meses para as pessoas daquela fazenda.

Marina chegava ao oitavo mês de gestação, e não se sentia bem. Tinha fortes dores de cabeça e um grande inchaço nas pernas. Decidiu, então, contar para a amiga Laura o que estava acontecendo com ela. A amiga se preocupou, e contou ao marido as queixas da amiga.

Doutor Luís convidou Marina para uma conversa sobre sua gravidez:

— Marina, o que está sentindo?

— Ultimamente, doutor Luís, sinto muita dor nos olhos. A sensação é que eles estão aumentando de tamanho, e, principalmente, muita dor de cabeça. Estou ficando preocupada.

— Olha, senhora Marina, o seu caso é grave. Amanhã, você vai me acompanhar e, então, fará os exames necessários. A internação é indicada, mas será só por alguns dias, o suficiente para ficar livre das dores de cabeça. A senhora pode arrumar suas coisas, porque amanhã iremos para a capital.

— O seu estado não é nada bom.

Doutor Luís colocou a esposa a par da situação de Marina. Dona Laura se desesperou e disse:

- O ideal não seria ir hoje?

Marina se pronunciou:

— Não precisa se preocupar, um dia a mais ou a menos não fará diferença. Iremos amanhã.

No entanto, dona Laura convenceu o marido e a amiga a irem para o hospital naquele momento.

E assim foi feito...

Laura e o doutor Luís colocaram-na imediatamente no carro e se dirigiram para o hospital na capital.

A viagem era longa, e o estado de saúde de Marina piorou durante o trajeto. Sentia que estava perdendo a visão, e as dores de cabeça se intensificavam. Todos estavam muito preocupados com o estado de Marina.

Logo que chegou, foi internada em estado grave.

Dona Laura estava muito apreensiva com o estado de saúde de sua melhor amiga, por isso não saiu de perto dela um só instante.

O estado de Marina foi se agravando progressivamente, e já não enxergava mais nada.

Às 19 horas daquele dia, os médicos deram a notícia sobre o estado de saúde de Marina e o filho:

— Está difícil o caso da nossa paciente. Precisamos tirar a criança de uma forma ou de outra, o caso dela é muito grave.

E, assim, o anestesista já foi preparando a mesa de cirurgia e encaminhando-a para o bloco cirúrgico. Enquanto o médico responsável relatava notícias sobre o estado de saúde de Marina, vamos observar o que está ocorrendo no bloco cirúrgico.

Ajunta médica se fazia presente. Eles se utilizaram todos os recursos de que dispunham para salvar mãe e filho, mas a situação estava muito complicada para os médicos, pois Marina sofrera uma parada cardíaca. Eles tentavam, em vão, reanimá-la. Tentaram salvar pelo menos a criança, mas não deu certo. Quando terminaram a cirurgia, o bebê e a mãe já estavam mortos.

Daquela mesa de cirurgia, mãe e filho retornaram ao Plano Espiritual, terminando, assim, mais uma missão na Terra.

No processo de desencarnação, estava presente a equipe espiritual, para ajudar no desenlace.

Mariana já aguardava a filha de braços abertos.

Logo que se viu fora do corpo físico, Marina avistou sua mãe, olhou-a feliz e falou:

— Não acredito, mamãe, que despertei a vidência. Estou vendo a senhora perfeitamente.

— Filha, de fato despertou, mas é uma vidência eterna, que nunca mais vai se acabar.

— Você está entre nós, aqui no Plano Espiritual.

— Mamãe, a senhora está me dizendo que desencarnei?

— Sim, minha filha querida.

— E meu filho, mamãe?

— Não se preocupe, há gente capacitada aqui no Plano Espiritual cuidando dele. Quem sabe agora aceita a oportunidade de se redimir de seus atos? Que não cometa mais os crimes que cometeu?

— Minha filha, todos nós merecemos uma nova oportunidade, e o Pai a dá a todos.

— Ele não quer o sofrimento de seus filhos, mas, sim, vê-los livres do mal.

Mariana disse à filha que deveriam ir ao encontro de André, pois ele estava desesperado sem notícias dela. No mesmo momento, fizeram-se presentes na casa-grande.

Elas encontraram André chorando copiosamente, sentado em um canto da cozinha.

Seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Quando ele viu o espírito de sua avó, levantou a cabeça e falou:

— Que bom que veio me visitar, vovó.

— André, meu querido, alegre-se! Eu trouxe sua mãe para visitá-lo.

O menino parou imediatamente de chorar e perguntou à sua mãe:

— Mamãe, você melhorou? Que maravilhoso você ter voltado!

Marina, então, envolveu o filho em um caloroso abraço e disse:

— Meu filho, estou aqui para te proteger. Não estarei mais ao seu lado como antes, mas, assim como sua avó, estarei sempre presente. Nós nos veremos sempre, não vou abandoná-lo jamais, sempre estarei perto de você em todos os momentos de sua vida. Quando precisar de minha ajuda, ore e peça a Deus, pois tenho certeza de que Ele permitirá que eu cuide de você, meu filho.

— Mamãe, você desencarnou? Já está no mundo espiritual com a vovó?

— Sim, meu filho, infelizmente, meu corpo não resistiu. Então voltei para nossa verdadeira pátria, o plano espiritual. Mas vou preparar essa casa para esperar você e seu pai, quando vierem ficar comigo.

— Agora me faça um favor: diga a seu pai que, onde ele estiver, que se lembre de mim, porque estarei sempre com nossa família.

— E diga a dona Laura que a amo e que agradeço, do fundo do meu coração, por tudo o que fez por mim. Peça-lhe para perdoar o doutor Luís por tudo o que fez a ela, pois ele precisa de muita ajuda e oração.

— Por ser um homem muito materialista, ele sofre por não saber onde pedir ajuda.

— Meu filho, somente quem crê na Misericórdia Divina consegue se libertar das amarguras do passado.

— Mamãe, eu quero te abraçar e te beijar.

— André, seria muito bom, eu também gostaria de poder fazer isso, mas não sentiria o meu corpo.

— Mesmo assim, mamãe, deixe-me abraçá-la.

Quando André abraçou o corpo da mãe, ela também correspondeu, mas ele não sentiu o seu corpo.

Ele sentiu a vibração de sua mãe, que lhe deu um beijo na testa e disse:

— Meu filho, fique tranquilo, pois terá de consolar seu pai. Procure por ele e diga-lhe o que aconteceu.

— Voltarei, meu filho, quantas vezes forem necessárias, para consolá-lo. Lembre-se de que Deus sempre ampara seus filhos e, antes de ser meu filho, você é filho Dele.

Os dois espíritos partiram, e André esperou que seu pai regressasse do trabalho.

Logo que seu pai chegou, André foi logo dizendo que sua mãe e sua avó Mariana haviam aparecido para ele. Contou-lhe que sua mãe tinha desencarnado. Falou sobre o recado que deixara para ele, sobre o sentimento de amor que sentia por sua família e que sempre iria ampará-los.

Mário disse ao menino, de modo ríspido, que isso que era fruto de sua imaginação, em razão da situação delicada em que sua mãe se encontrava. Em seguida, dona Laura entrou na casa desnorteada e avistou André chorando. Antes de falar qualquer coisa, ela perguntou ao menino:

— O que foi, André, por que está chorando assim?

— Dona Laura, a mamãe desencarnou, ela esteve comigo alguns minutos atrás.

E, com um olhar entristecido, dona Laura olhou para Mário e disse que, infelizmente, o pior tinha acontecido.

Nesse momento, Mário chorou ao confirmar que o filho dissera a verdade sobre a situação de sua esposa. Abraçaram-se os três e começaram a fazer uma oração.

Abriram *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e fizeram uma prece para aqueles dois espíritos que tinham acabado de desencarnar e retornar ao mundo dos espíritos.

Ao terminar a prece, dona Laura pediu a Mário que pegasse os documentos pessoais dele e de Marina para resolverem os trâmites legais do enterro.

Doutor Luís, que ficara o tempo todo em silêncio absoluto, pronunciou-se dizendo que todos iriam à cidade para providenciar o que fosse necessário para o velório de Marina.

O corpo físico de Marina estava ali, no caixão, juntamente com o de seu filho, pois logo que os médicos identificaram a morte dos dois, não tiraram o bebê da barriga da mãe. Estavam prontos para ser enterrados.

André, durante o velório, olhava, às vezes, para sua mãe e dava um sorriso.

Os presentes não acreditavam, pois era estranho uma criança não chorar a morte da mãe.

Em dado momento, sua amiga Esther, chorando muito, aproximou-se do amigo e perguntou:

— Por que você está rindo? Você deveria estar chorando porque sua mãe está morta.

— Minha mãe não está morta. Ela está ali sorrindo para mim, ao lado de minha avó.

— Esther ficou muito emocionada em saber que Marina estava presente.

Marina fora sepultada, e todos os amigos e familiares regressaram para suas casas.

Ela estava muito feliz por estar ao lado de sua mãe, no entanto, desejosa de saber quais eram as razões do seu regresso ao Plano Espiritual, e começou a se perguntar:

"Por que desencarnei tão cedo, se ainda poderia viver muitos anos? O que será de meu marido e meu filho sozinhos, meu Deus!?! André é ainda tão criança e precisa tanto de mim. Sentirei tanto a falta deles!"

— Mamãe, eu já sabia da minha partida, pois sentia, no fundo de minha alma, que os meus dias no corpo físico estavam por terminar, mas não esperava que fosse da forma como foi.

— Marina, minha filha, nosso destino está escrito. Tudo está na mão de Deus. Quando é chegada a hora de partir, não temos o que fazer, somente esperar que seja feita a Sua vontade, e não a nossa.

— Marina, minha filha, se os homens soubessem o quão decisivo é o desenlace do corpo físico para o corpo espiritual, se preparariam mais, a fim de que não fosse tão doloroso.

— Tenho observado sua dedicação aos estudos das obras da Doutrina Espírita. Se não fosse isso, com certeza, estaria muito perturbada e desesperada. No entanto, você pôde despertar no mundo dos espíritos consciente, em razão do seu conhecimento espiritual. Por isso, o seu tempo de dedicação aos estudos não foi em vão. Obteve o mérito de não ficar vagando nas regiões umbralinas, e no seu desenlace do corpo físico foi recebida por essa equipe espiritual. Foi um mérito adquirido por suas orações em favor do próximo, pois orava para todos os que sofrem. Eis aí a importância e o valor que tem a oração.

Marina interrogou sua mãe:

— Mamãe, como será a reação do Mário, já que ele é um homem muito católico?

— O meu filho, com apenas oito anos de idade, órfão de mãe! Que triste provação será para André.

— Meu Deus, como será a vida dele, de agora em diante, sem minha companhia?

— Minha querida filha, ainda não se sabe o que vai acontecer com eles. O destino deles está nas mãos do

Pai. O que posso dizer é que teremos a missão de ampará-los e orientá-los a seguir o bom caminho.

— Se eles estiverem preparados para receber nossos conselhos, por meio da intuição, mesmo passando por dificuldades, eles serão muito felizes.

— Marina, venha, para que os médicos possam cuidar do seu corpo perispiritual e fazer toda a preparação necessária para sua futura reencarnação na Terra.

— Fique tranquila, vamos cuidar de André, e lembre-se, também, da sua grande amiga Laura e do seu esposo, que se encontra completamente desesperado. Ele carrega em seu coração um remorso profundo, e agora será ainda maior, pois sente-se culpado por sua desencarnação.

— Então o que eu sempre desconfiava aconteceu realmente, o filho que eu estava esperando era mesmo do doutor Luís?

— Sim, minha filha. Você estava em seu período fértil no dia em que ele a estuprou.

— Seu espírito estava muito perturbado devido à medicação forte que você tomou sem saber.

— Ele aproveitou que você estava desmaiada e realizou seus loucos desejos. Esse espírito que você estava esperando era um obsessor que acompanhava o doutor Luís, provocando em seus pensamentos aquelas crises de loucura.

Marina queria, então, saber o que aconteceu com o espírito de seu filho.

— Ele foi levado para as regiões de tratamento ostensivo para crianças que acabam de chegar ao mundo espiritual.

— E você, Marina, também terá o papel de ajudá-lo, conversando e orientando-o, para que, quando se recuperar do processo de perturbação, não volte a cometer os mesmos atos de outrora.

André sempre ficava no jardim, próximo da natureza, pois sabia que era o lugar onde sua mãe mais gostava de ficar, e sempre que podia estava lá, no jardim que sua mãe ajudou a construir e a manter por longos anos com muito carinho.

O menino conversava com as flores e os pássaros, assim como Marina. Estes momentos, para André, passaram a representar um encontro, porque sempre que estava naquele local bucólico, a mãe aparecia e conversava com ele por alguns minutos.

Nessas conversas, André, várias vezes, perguntava para Marina quando iria levá-lo para viver com ela. A mãe dizia que sua estrada era muito comprida, mas que era cheia de flores.

Com esses constantes diálogos com André, Marina podia trabalhar com seu filho, de um modo amável e sutil, a paciência, a resignação, o carinho com o próximo, o amor aos animais.

Fazia isso por saber o quanto seria difícil a trajetória terrena de seu filho.

Marina sempre falava para André que para uma roseira crescer e ficar bela, antes de chegar a dar flores, nasciam os espinhos, e que ele ia trilhar um caminho como o das rosas. E assegurava-lhe que estaria sempre ao seu lado nos momentos de dor e de alegria.

O menino reclamou à mãe a necessidade de morar com ela. E a genitora, sabiamente, respondeu:

— Você ainda não pode, meu filho. O nosso Pai Maior deu a você um tempo diferente do meu na Terra.

— Este tempo é suficiente para fazer exatamente o que é necessário para a sua trajetória espiritual.

— É importante que saiba esperar, assim como eu esperei. Não se aflija, pois contigo sempre estarei.

Com as palavras confortadoras e benfazejas de sua mãe, o menino voltava para suas atividades rotineiras naquela fazenda.

CAPÍTULO 10 A DOR DO ERRO

Doutor Luís estava sempre triste, cada dia que passava sua tristeza era mais profunda.

Laura observava tudo. Vendo o sofrimento do esposo, propôs-se a ajudá-lo em franca conversa:

— Luís, parece que você está sofrendo mais com a morte de Marina do que o próprio marido dela.

— Pode confiar em mim, além de ser sua esposa, sou também sua amiga e estou disposta a perdoar qualquer coisa que tenha feito envolvendo Marina. Pode se abrir comigo, tenho quase certeza de que fez algo a Marina, e sei que isso está te matando. Pode me contar a verdade, pois, assim, talvez alivie sua consciência.

Doutor Luís poderia até esconder esse fato de Laura, mas jamais ocultaria alguma coisa de Deus.

— Marina nunca falou mal de você, somente do amor que tinha por mim e por nossa filha.

— Ela não queria destruir o nosso casamento. Agora que ela desencarnou, não está mais entre nós, abra-se para mim! Carregar esse sentimento sozinho é muito difícil.

Doutor Luís começou a chorar como uma criança que chora no colo de sua mãe, e falou:

— Realmente, era uma loucura o que eu sentia por aquela mulher. Ela estava sempre em minha mente em qualquer lugar em que eu estivesse. Eu já não tinha mais condições de atender os meus pacientes.

Quando ia atender alguém, era ela que eu via na minha frente. Eu estava enlouquecendo.

— Somente depois que tive um contato íntimo com ela, essas imagens desapareceram.

— Mas aí nasceu em meu coração o arrependimento, a tristeza e o remorso. De fato, não sei o que aconteceu comigo.

— Eu sei o que aconteceu com você: estava obsediado.

- O que é isso, mulher? Não sei do que está falando. Dona Laura explicou ao marido:

— Obsessão é quando um espírito domina a mente de uma pessoa. Quando você cometeu aquela loucura com Marina, foi um espírito que o obsediou e reencarnou, por isso ela engravidou.

— Então você ficou livre dessa entidade, porém, ficou com o peso na consciência e, como consequência, começou a se sentir culpado. O obsessor ficou distante de você, entrando em um processo de esquecimento, e não pôde mais influenciá-lo.

— Ficando livre da perturbação, despertou em você o sentimento de arrependimento, de tristeza e remorso. No entanto, eu o perdoo, meu bem, porque, se ela passou por isso, não foi por acaso.

— Nada acontece conosco sem a permissão de Deus. Não cai sequer uma folha de uma árvore se Ele não permitir.

— Mulher, não acredito no que está falando. Você sabe que sou ateu. Só sei dizer que, depois disso, desapareceu aquela loucura que eu sentia. Talvez seja por isso que a minha consciência está me cobrando. Mas, mesmo assim, não acredito. Gostaria que você não continuasse com esse assunto, pois ele não me interessa.

Dizendo isso, sentiu-se aborrecido e foi para o quarto.

Laura, como fazia sempre que estava angustiada, pegou *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e o abriu na lição "Perdão das Ofensas".

Com muito fervor, fez aquela lição do Evangelho e, em seguida, foi para a cama descansar.

No dia seguinte, tudo começou na mesma rotina de sempre. Laura continuava sofrendo profundamente com a falta que Marina lhe fazia, e pensava:

"Está muito difícil continuar vivendo aqui sem a companhia de minha amiga Marina.

Vou embora para a cidade e morar com minha irmã Cláudia."

Em seguida, procurou o marido e falou de seus planos. E doutor Luís respondeu:

— Concordo com você, também estou cansado desta casa que tanto tem me causado problemas.

— Vamos falar com sua irmã ou, então, alugar uma casa na cidade.

— Darei uma semana a você para que possa arrumar todas as coisas, providenciar tudo o que for necessário.

Laura pensava que não era mais possível continuar morando ali, pois se lembrava de Marina todo o tempo e não aguentava mais tanta saudade.

Doutor Luís foi para o trabalho. À tarde, voltou trazendo dois litros de uísque. Chegou em casa bêbado, e assim continuou até a madrugada.

No dia seguinte, dona Laura informou ao esposo:

— Irei com você para ajudar a procurar uma casa.

Em seguida, Laura foi até o quarto da filha chamá-la para irem à cidade.

— Minha filha, arrume-se, pois iremos com seu pai à cidade procurar uma nova casa para morarmos, não continuaremos mais aqui.

— Mamãe, eu gosto tanto desta casa!

- Eu também, minha filha, mas não podemos ficar aqui sozinhas. Você não está achando essa casa muito triste sem Marina?

— É muito triste mesmo, ela dava vida a esta casa.

Esther lembrou-se do seu amigo Andrezinho e falou para sua mãe:

— Mãe, e o André, como vai ficar? Podemos levá-lo conosco?

— Esther, se pudesse faríamos isso, mas André tem pai e, além disso, seu pai não aceitaria.

— Mas prometo-lhe que sempre a trarei para visitá-lo. Agora vá se arrumar, pois precisamos sair. Aquela família iria em busca de um novo destino.

Doutor Luís, que estava bebendo havia muitos dias, quase não se alimentava nem dormia direito.

Já não tinha o mesmo vigor de antes. Vários problemas de saúde se acarretaram, já estava iniciando um processo de profunda depressão. Seu estado físico e psicológico inspirava cuidados.

Naquela manhã, como em várias outras anteriores, ele quase não conseguiu abrir a porta do carro.

Laura, ao ver o estado em que o marido se encontrava, falou:

— Meu bem, não acha melhor voltar e tomar um banho, dar mais um tempinho para a gente seguir viagem? Você não está muito bem, é melhor descansar mais um pouco e depois iremos.

— Estou muito bem, todos os dias faço o mesmo trajeto e na mesma situação em que estou agora.

— Se nunca aconteceu nada comigo, não seria hoje que iria acontecer!

Entraram todos no carro e saíram com destino à cidade. Laura estava muito preocupada e começou orar em silêncio.

Andaram um bom trecho da estrada. A velocidade até que estava controlada, mas o médico estava muito fraco. A embriaguez e a falta de alimentação o debilitaram bastante e, assim, quando estavam passando em uma curva, que era chamada curva da morte, no alto de um despenhadeiro, ele cochilou um pouco e perdeu a direção. Seu carro saiu da estrada e caiu ladeira abaixo, capotou seguidas vezes, parou somente no fim daquele precipício.

Laura, que no momento orava ardentemente, viu o espírito de sua grande amiga Marina.

Ao se dar conta do que tinha acontecido, Laura se desesperou, preocupada com sua filha.

— Filha, você está bem?

— Estou bem, mãe. E você, como está?

— Estou sentindo muita dor de cabeça.

Naquele momento, Laura sofreu uma grave hemorragia interna. Assim, a genitora desencarnou nos braços da filha amada.

A menina olhou para o lado e viu que seu pai também estava muito machucado, com a cabeça toda ensanguentada. Desesperada, conseguiu sair do carro pelo vidro da frente, que estava quebrado.

Esther saiu andando apavorada em busca de ajuda. Não muito longe, avistou um homem.

Era Mário, que andava pela fazenda e, ao ouvir o barulho do carro caindo, estava indo ver o que tinha acontecido.

Esther, assim que avistou o empregado da fazenda, começou a gritar. Ele se aproximou e, ao reconhecer a garotinha, perguntou-lhe o que havia acontecido. Desceu rapidamente de seu cavalo, e a pequena criança contou-lhe tudo.

Mário montou novamente em seu cavalo, pôs Esther no colo e seguiu para o local do acidente.

Chegando lá, deparou com aquela situação irremediável. Os dois já estavam mortos.

Não havia mais o que fazer, a não ser chamar a polícia para fazer a remoção dos corpos.

Esther estava inconsolável. Como era difícil para Mário dar aquela triste notícia para a garotinha, mas tinha de fazê-lo.

— Minha filha, olhe os corpos de seus pais, estão mortos. Só nos resta chamar alguém para tirá-los daqui.

Mário saiu em busca de ajuda. Andou alguns metros e avistou um carro. Era um fazendeiro vizinho que passava por ali. Mário contou-lhe o acontecido e o motorista se propôs a ajudar, e foi para a cidade avisar a polícia sobre o local do acidente, para que tomassem as providências necessárias.

Mário, então, voltou para o local do ocorrido, junto de Esther.

Enquanto esperavam, Esther convidou o pai de seu amigo André para, juntos, fazerem uma prece em favor dos seus genitores.

Esther fez uma linda prece sentida, do fundo de seu coração, naquele momento de dor e angústia.

Ficou ali em oração, sem conter as lágrimas. Quando as autoridades competentes chegaram, um dos policiais disse a Mário que era melhor levar a menina embora. Não era bom que ela presenciasse aquela cena. Eram muito pesadas aquelas imagens para uma criança.

Verificando que a garotinha não apresentava ferimento algum, pediu que a levassem para casa.

Mas ela não aceitou a ideia de sair de perto dos pais.

— Esther, você precisa repousar, pois deve estar descansada para o velório.

— Vamos lá para casa, fique brincando com André.

Não tendo outra saída, ela aceitou.

Quando chegaram a casa, André já sabia o que acontecera, pois o espírito de sua mãe já o havia colocado a par de tudo. Falou para ele que a dona Laura estava muito bem, mas o doutor Luís precisava de muitas orações, pois não acreditava na vida após a morte. Mas os amigos espirituais iriam encaminhá-lo para um lugar que recebe e trata os espíritos que desencarnaram por mortes violentas e que não tinham preparo para tal situação.

Esther foi correndo ao encontro do seu amigo. Os dois se abraçaram e ficaram chorando em silêncio por longo tempo.

André não sabia o que falar para consolar sua amiguinha.

— André, agora não tenho mãe nem pai, só tenho você. André apertou-a nos braços e disse:

— Nunca irei me separar de você, pois você é muito especial para mim, um presente de Deus na minha vida.

— Tenha fé no Pai do Céu, porque iremos superar todos esses sofrimentos e, um dia, seremos felizes.

— Tudo passa. A nossa dor também vai passar. Não precisa se preocupar, cuidarei de você.

Os dois se sentaram um ao lado do outro e ficaram ali conversando.

— Você já sonhou comigo alguma vez? perguntou André.

— Já sonhei muitas vezes com você, sempre sonho que estamos brincando em um campo, andando a cavalo.

— Eu também tenho o mesmo sonho e, às vezes, pego uma flor do campo e dou a você.

— Que bom, André, que nos encontramos à noite, quando saímos do corpo, não é mesmo?

— Agora não podemos mais parar de estudar a Doutrina Espírita.

— Você sabe, Esther, como foi difícil para mamãe me ensinar a ler. Ela me ensinou para que eu pudesse ler o *Evangelho* e *O Livro dos Espíritos*, porque, na hora das dificuldades e necessidades, esses livros me consolariam. Parece até que ela sabia o que aconteceria conosco.

— Agora que perdi papai e mamãe, só tenho você, André. Você tem de tomar conta de mim e eu tomarei conta de você. Quando crescermos, casaremos e seremos muito felizes. Com o conhecimento da Doutrina Espírita, poderemos ajudar muita gente. Vamos dedicar a nossa vida em favor do próximo.

— Esse é o meu sonho.

André disse a Esther:

— Eu gostaria de ser muito rico, ter muito dinheiro para ajudar os que sofrem: os pobres e todas as pessoas que passam fome.

— Não se preocupe, André, com a herança que vou receber de papai e mamãe serei muito rica e, com toda essa riqueza, auxiliaremos muita gente. Poderemos fazer muitas coisas para ajudar essas crianças que sofrem e passam fome. Todas as vezes que eu ia à cidade com mamãe, via muitas crianças nas ruas pedindo esmola, sem ter um lugar para morar. Eu ficava morrendo de pena delas.

— Minha vontade era poder comprar uma casinha para cada uma e ajudá-las no que fosse preciso.

— Eu até pedia para minha mãe ajudar, mas ela dizia que poderia ajudá-las com algum dinheiro, mas comprar uma casinha para elas, isso ela não poderia fazer, porque não estava ao seu alcance, mas que rezaria para que Deus as ajudasse a conseguir um lugar para morar.

André lembrou-se do ensinamento de sua mãe:

— Sim, mamãe sempre dizia que, quando não conseguíssemos ajudar financeiramente alguém, poderíamos ajudar por intermédio da prece.

Depois de uma longa conversa com seu amiguinho, Esther lembrou-se do acidente, das últimas palavras de sua mãe, e um desespero muito grande tomou conta de seu coração. Abraçou bem forte André e desabou em doloroso pranto. Ainda em convulsivo choro, começou a perguntar por que havia acontecido aquilo com ela? Perder o pai e a mãe de uma só vez!

André, de modo amoroso, consolava Esther, dizendo:

— Esther querida, sei que será muito difícil para nós, vamos sentir muitas saudades das nossas mães,

mas temos uma certeza que nos consola: é saber que elas não morreram, continuam vivas e vão continuar a nos proteger. Se não acreditássemos nisso, seria muito mais difícil.

— Se eu soubesse o que iria acontecer, não os teria deixado entrar naquele carro.

— Jamais pensei que isso pudesse acontecer conosco.

— O que aconteceu com seus pais estava nos desígnios de Deus. A hora deles tinha chegado.

— Eles cumpriram sua missão na Terra. Foi feita a vontade do Papai do céu, que os chamou de volta para viver com Ele. Nós ainda temos muito o que viver.

— Ainda sou muito criança, será muito difícil viver sem meus pais. Agora, terei de viver na cidade com minha tia Cláudia, mas me sentirei muito sozinha, sem papai e mamãe e sem você ao meu lado.

— Você não ficará sozinha, eu cuidarei de você. Não deixarei nada de ruim lhe acontecer.

— Pode contar sempre comigo.

Esther parou de chorar e sentiu-se consolada e fortalecida nos braços daquele amigo, que ainda era tão criança, mas a fazia se sentir amparada e protegida. Ali se encontravam duas almas afins, uma confiava na outra, tendo, assim, sustentação para viver.

Os momentos de choro, desespero, tristeza e lamentações daquelas crianças foram passando e, de repente, chegou Cláudia, tia da menina.

Cláudia veio correndo em direção à menina, abraçando e levantando-a. E disse, muito emocionada:

— Obrigada, meu Deus, por ter livrado essa criança inocente da morte, a minha sobrinha Esther.

— Não sei o que seria de mim se, além de perder minha querida irmã, perdesse também Esther, que é como uma filha para mim. Muito obrigado, Senhor, por ter salvado a minha menina.

— Esther, arrume suas coisas para irmos embora desta casa.

Esther, que parecia aceitar mais aquela situação, falou para sua tia:

— Titia, a mamãe não morreu. Sabe, um dia me encontrarei com ela. Que Deus abençoe a sua vida e lhe dê muita saúde, para que possa viver muitos anos e me proteger. Agora eu só tenho a senhora, papai e mamãe foram embora e me deixaram. Mas, graças a Deus, não estou sozinha. Venha, André, me ajude a arrumar as coisas.

Saíram os dois correndo para o quarto. Esther somente pegou as coisas de que mais gostava, algumas roupas, sapatos e brinquedos.

Esther e Cláudia foram embora da casa-grande, que, a partir daquele dia, ficou fechada.

André sentiu uma dor muito forte, que tomou conta de seu coração, ao retornar ao casebre em que morava com seu pai. Sentia um vazio muito grande em sua vida, mas, ao chegar à sua pequenina casa e ouvir o cantar dos pássaros, o perfume das flores, aquele belo jardim, sentiu que eram as únicas coisas que tinha para se consolar.

André passava horas e horas na janela de seu quarto, olhando o belo jardim que sua mãe plantara.

Admirava as flores e os lindos pássaros que pousavam nelas. Via o vaivém dos beija-flores que, velozes como o pensamento, pousavam de flor em flor. Como era bela a natureza naquele pedacinho de mundo.

Nesses momentos, sentia muito forte a presença de sua mãe e ficava pensando:

"Onde estará mamãe neste momento? Será que Deus a levou para bem distante de mim?

Ou será que ela continua por aqui, entre nós?"

Assim André passava a maior parte do dia, meditando e fazendo perguntas para as quais, naquele momento, não obtinha respostas. E a vida seguiu seu curso naturalmente, entre saudades, dores e todas as provações pelas quais ele teria de passar para consolidar seus débitos com as sagradas e imutáveis leis de Deus.

CAPÍTULO 11 NOVO LAR

Depois de conversar um bom tempo com Esther, dona Laura perguntou a dona Mariana:

— Que casa linda a senhora tem. Como conseguiu uma casa maravilhosa como esta?

— Minha filha, quando eu e meu marido vivemos, na grande bênção da reencarnação que foi nos dada por Deus para que pudéssemos redimir nossas imperfeições morais, estivemos na Terra com um trabalho dedicado ao grande fundador desta colônia no plano espiritual. Trabalhamos muitos anos ajudando o

nosso próximo, em uma época muito difícil para se declarar espírita e vivenciar essa doutrina.

— Enfrentamos preconceitos de toda ordem. Houve dias em que, ao acordar de manhã, tínhamos nossa casa apedrejada. Chamavam-nos de bruxos, macumbeiros.

— Aos necessitados que nos procuravam, doentes da alma, já que não tínhamos condições financeiras para fazer uma obra social, dávamos tudo de nós: nosso sentimento e nosso grande amor.

— Suplicávamos ajuda ao mestre fundador desta cidade para socorrê-los, e grande parte deles saía dali curada, não por nós, mas pelos benfeitores espirituais e por seus próprios méritos.

— Quando retornamos ao mundo espiritual, pela desencarnação, viemos para cá nos braços dos benfeitores espirituais que sempre nos acompanharam na Terra, na realização daquele lindo trabalho.

— Quando chegamos a esta cidade maravilhosa, tivemos a grande surpresa de ver a beleza que ela tem.

— De lá para cá, foram feitas pequenas modificações, mas o projeto inicial da cidade, feita em espiral, continua do mesmo jeito. Tivemos a grande oportunidade de permanecer aqui por muitos anos.

— Quando André nasceu, já tínhamos desencarnado havia mais de 15 anos. Deixamos sua mãe ainda muito jovem. Ela também passou por muitas provações, assim como André, tendo perdido a mãe e o pai ainda muito criança e enfrentado o mundo sozinha, tendo apenas a companhia dos grandes amigos espirituais para auxiliar sua caminhada na Terra.

— Deus sempre coloca grandes amigos em nosso caminho para nos ajudar a superar nossas dificuldades.

— O reencontro com dona Laura nessa passagem na Terra, já que são almas de muita afinidade, era necessário, mesmo que por pouco tempo, com o objetivo de preparar vocês dois para o grande trabalho, a grande missão que deveriam cumprir na Terra: a obra social em favor do semelhante e o amor que devotaram a eles.

— Quando chegou o tempo de vocês retornarem, foram chamados ao mundo espiritual.

Assim também aconteceu conosco. Tivemos de voltar, mas sempre deixamos uma pequena lembrança no coração daqueles que nos procuravam. Tudo o que fazíamos era por amor. Não fazíamos nada em nossa homenagem, sempre em homenagem a esse grande mentor que hoje nos hospeda em sua cidade.

— Meus filhos, tenham muita calma e paciência, há muito tempo para conversarmos.

Esther falou:

— É, minha irmã, a senhora nem imagina como está a minha cabeça! Há tantas perguntas eu gostaria de fazer!

Dona Mariana falou:

— Eu sei, minha filha, mas gostaria de aproveitar este momento, que é o mais propício para dialogarmos sobre esses assuntos. Sua mãe está aqui e também o mentor espiritual que sempre a acompanhou na Terra.

— Há, também, uma grande equipe de benfeitores espirituais, que sempre os ajudou e auxiliou, inclusive assinando o compromisso da reencarnação de vocês, sendo fiadores e responsáveis pelos longos anos em que viveram na Terra.

— Enquanto isso, vocês podem curtir melhor a vista da cidade. Temos uma grande visão de vários departamentos que existem aqui, de atendimento aos necessitados e de auxílio aos que estão em processo de desenvolvimento intelectual, preparando-se para uma nova reencarnação na Terra.

Em outros setores da cidade, temos algumas escolas, e cada uma delas tem um objetivo.

André, ao ouvir com atenção, perguntou:

— Aqui as escolas são como as da Terra? Dona Mariana deu um sorriso e disse:

— Não, meu filho, estamos no mundo espiritual. Realmente, por mais que as cidades da Terra e as cidades espirituais sejam semelhantes, há diferenças no método de aprendizado e na forma como são construídas.

— Temos a oportunidade de trabalhar em comunidade, e cada um tem somente um objetivo: lutar contra as próprias imperfeições. Por isso, essas escolas são muito importantes para a preparação dos espíritos que vão voltar à Terra para lutar contra os vícios que trazem impregnados em seu corpo perispiritual, decorrentes de várias encarnações na Terra. Aqui, por exemplo, a pessoa orgulhosa vai frequentar as escolas que trabalham a humildade e a fraternidade.

— As escolas estudam mais o lado social, mostrando as partes onde há maior sofrimento.

— Muitas vezes, utilizamos imagens da Terra e de países que trazem compromisso nessa área, que são

mostradas aos estudantes para que possam se sensibilizar.

— Infelizmente, muitos não deram atenção as pessoas sofridas que viviam à sua volta, necessitando da caridade alheia. Não tiveram compaixão para ajudá-las. Muitos passaram a vida explorando esses pobres coitados. Perante a Lei de Causa e Efeito, tiveram necessidade de passar por reencarnações dolorosas e sofridas, já que não levaram a sério o ensinamento de Jesus: *"Amarás a teu próximo como a ti mesmo"*.

Há escolas em que o espírito trabalha o sentimento de egoísmo. Os alunos são aqueles que viveram na Terra voltados exclusivamente para os bens materiais. Não tiveram tempo de trabalhar o lado espiritual e queriam tudo para si mesmos, enchendo o saco da ganância, que tem boca, mas não tem fundo, por isso tudo o que se joga lá dentro desaparece.

— O ganancioso nunca está satisfeito com o que tem, está sempre querendo mais.

Mesmo sabendo que sua vida está por um fio, tem dificuldade em gastar o que tem em prol de sua própria saúde. Acredita que aquele dinheiro um dia vai lhe fazer falta. É uma cegueira total.

— Só pensa em si mesmo, não consegue observar os que estão à sua volta.

— Infelizmente, essa ainda é uma doença que atinge grande parte da humanidade.

— Não podemos condenar o avarento, pois a avareza é um vício difícil de ser superado.

— Por isso, existe a grande necessidade de passar por essas escolas no mundo espiritual, cada qual estudando seus próprios defeitos.

— Nesse trabalho são mostradas as causas do sofrimento pelo qual muitos passam em sua vida na Terra. Esther falou:

- Dona Mariana, imagino como devem sofrer as pessoas avarentas, muito apegadas aos bens materiais.

— Há aqueles que deixaram seus bens para trás, não puderam fazer bom uso deles, porque passaram o tempo todo somente trabalhando para adquirir mais e mais. E depois, quando retornam ao plano espiritual, veem outras pessoas destruindo o patrimônio que eles levaram uma vida inteira para construir.

— Minha filha, é muito triste. Quando recebemos aqui um espírito em tal condição, somos obrigados a interná-lo no manicômio, pois parece louco, em razão de sua revolta. Mas quando passa o período mais crítico e se inicia sua recuperação, aos poucos ele é preparado para frequentar as escolas.

— Estudando vão compreender melhor como lidar com a avareza, para quando tiverem nova oportunidade de reencarnar no corpo físico.

— A avareza é um dos maiores defeitos do homem. A humanidade ainda é muito doente.

— Todos temos, ainda, muitas coisas a vencer. De acordo com as provas que encontramos na Terra, muitos dos vícios que se encontram adormecidos em nós acordam. E, quando acordam, é como se você despertasse uma fera, pois é obrigado a lutar com ela, dominando a si mesmo.

— Aqui na cidade não temos somente o lado negativo. Muitos espíritos que cumpriram seu dever na Terra chegam aqui em ótimas condições. Temos mães que tiveram como missão na Terra educar seus filhos, conduzindo-os na vida para ser homens de bem, continuando o desenvolvimento do progresso para a humanidade.

— As mães e os pais que conseguem manter a família na Terra dentro dos princípios deixados por nosso Mestre Jesus Cristo têm um grande galardão a receber aqui em seu retorno. O valor da missão na Terra não é contado pelo tamanho da obra a ser realizada, mas pela boa vontade e pelo empenho na realização da obra. Não há necessidade de ser grandiosa, o importante é que seja bem-feita.

— É como um camponês que, ao invés de plantar muitos pés de laranja, planta somente alguns e cuida muito bem deles, e esses dão as melhores laranjas, com as melhores sementes.

André falou:

— Eu ainda não tinha analisado o assunto dessa forma. Sei que na Terra tive oportunidade de fazer melhor, e poderia tê-lo feito. Sinto em meu coração que poderia ter contribuído mais.

— A vida era muito corrida e, às vezes, ao cuidar dos velhinhos, não queria ouvir suas lamentações, por pensar que meu tempo seria gasto com queixas inúteis. Agora penso que poderia ter feito melhor.

— O que eu achava inútil ouvir, para eles não era, mas sim um desabafo da sua alma que estava gritando, lutando para colocar para fora aquilo que estava engasgado dentro dela.

— Meu filho, você fez tudo o que podia fazer. Dentro da sua evolução espiritual, fez o melhor possível.

— Isso é o bastante. Ninguém dá mais do que tem.

Depois que dona Mariana comentou sobre outros tipos de atendimento que existiam na colônia espiritual, ela também acrescentou os parques de diversão que ali se encontram, onde os espíritos, ao retornar à colônia, depois de vários dias de trabalho, muitas vezes nas regiões umbralinas, podiam refazer suas energias. Lá, o verde, a água e a presença de vários animais contribuem muito para a recomposição das energias. A cidade é como um campo florido, com lindas flores plantadas em todas as praças.

Esther retomou a palavra, dizendo:

— Essas flores dão um colorido maravilhoso a todos os lugares por onde a gente passa.

— Esta cidade é lindíssima!

À medida que conversavam, podiam ver as imagens das escolas, praças e parques dos quais falavam, dentro da própria casa, que apareciam espalhadas por todo o ambiente. Era como se estivessem visitando aqueles locais. As cenas eram atualizadas, retratavam aquele exato momento. Era notável a evolução da cidade.

Naquele instante, Esther notou como sua mãe estava jovem. Não mudara nada desde a última vez que a vira, quando desencarnou, ainda muito jovem. Com aquele lindo sorriso nos lábios, dona Laura não parava de abraçar a filha. Poderíamos presenciar, na visão espiritual, duas luzes que se acendiam dentro do coração de ambas naquele momento de união. Aquelas luzes irradiavam como se fossem cristal, iluminando todo o ambiente.

Após aquele longo abraço, dona Laura chegou perto de André e o abraçou também, já que tinha por ele uma grande consideração, como se fosse seu filho. Naquele abraço, pudemos presenciar a mesma energia que ocorreu entre Laura e Esther.

Esse fenômeno sempre acontece com almas que têm muita afinidade e se reencontram, gerado pelo bem-estar espiritual que sentem. A alegria e a felicidade nos iluminam cada vez mais na nossa trajetória evolutiva.

CAPÍTULO 12 A HISTÓRIA DE UM GRANDE MÉDIUM: IRMÃO ALBERTO

André abraçou sua mãe, pois sentia uma imensa saudade dela. Lembrou-se de quando viveram encarnados na Terra. Sentiu-se como uma criança que a mãe embalava nos braços.

Depois dos cumprimentos de todos os familiares, uma grande surpresa estava por acontecer: iriam conhecer aquele que foi o grande responsável por sua reencarnação na Terra, o grande avalista deles. Vimos entrar um espírito iluminado, emanando uma luz fortíssima do peito, iluminando todos os presentes. André e Esther, recém-chegados, ficaram com os olhos embaçados com a luminosidade daquele majestoso ser que impressionava a todos com sua luz.

— Este é o senhor Alberto, falou dona Mariana, o grande responsável pelo trabalho que vocês dois desenvolveram na Terra. Esteve sempre presente auxiliando-os nas horas mais difíceis de suas vidas.

— Quando ele esteve na Terra reencarnado, pôde contribuir muito com a doutrina espírita, levando o espiritismo aos pequenos rincões espalhados pela zona rural, onde nada se sabia sobre o espiritismo.

— Foi o grande divulgador da doutrina espírita em uma região muito pobre e miserável.

— Muitos irmãos que ali se encontravam puderam receber consolo por meio de suas palavras, que eram os ensinamentos de Jesus vivenciados por ele em perfeita plenitude. Não media esforços para levar a palavra consoladora.

Alberto recebia intuição dos amigos espirituais para abrir um Culto Cristão no Lar em determinados lugares. Chegava e dialogava com as pessoas, mostrava suas propostas. Algumas vezes, foi rejeitado, mas, mesmo assim, não desanimou.

Vamos narrar um acontecimento para que vocês possam compreender o tamanho do esforço e da dedicação deste nosso irmão.

Certa vez, recebeu a incumbência de ir até uma fazenda e abrir o Culto Cristão no Lar, cujo objetivo era unir os trabalhadores do local um dia por semana e estudar as obras kardecistas da nossa querida doutrina espírita.

O dono da fazenda foi implacável com ele, dizendo que lá, em suas terras, jamais deixaria entrar ensinamentos desconhecidos, diferentes de tudo o que ele tinha aprendido na Igreja Católica. Nos fundos da propriedade havia uma roda-d'água que abastecia a fazenda. Alberto ficou na roda-d'água, por três dias, orando. Já saía de casa preparado, levando um embornal que continha todas as obras espíritas.

O fazendeiro, vendo o grande esforço daquele homem, teve seu coração tocado pela fé de Alberto e mandou chamá-lo. Quando Alberto apareceu em sua frente, o fazendeiro viu que ele era um homem simples e somente poderia fazer coisas boas, e pensou:

"Quem sabe, implantando essa reunião de oração em sua fazenda, isso poderia colaborar com a paz em meu próprio lar, que é completamente desarmonizado? Já não agüento mais tanta desarmonia entre meus filhos".

Pensando assim, disse para Alberto:

— Vou dar ao senhor a chave desse quartinho, onde poderá fazer uma limpeza e prepará-lo para fazer suas reuniões. Pode convidar os empregados da fazenda para participar, mas, por favor, não conte comigo.

Senhor Alberto agradeceu e disse:

— Meu filho, que Jesus o abençoe. Tenho certeza de que, por meio das preces, das nossas orações, as coisas vão melhorar muito em seu lar. Vejo que sua esposa é uma mulher muito doente e que precisa ser ajudada. Está influenciada por espíritos sofredores, que vêm até ela em busca de ajuda.

— Por isso tem essa dor de cabeça que não para. E a irritação e a falta de paciência da sua filha para com a própria mãe são, também, influência dos espíritos obsessores, que gostam de causar a infelicidade nas pessoas. E seu filho, que passa a noite gritando com pesadelos, traz espíritos perseguidores, de uma vida passada, que ele prejudicou.

— Como é que o senhor está sabendo disso tudo? Quem lhe contou isso?

Alberto respondeu:

— Meu filho, esses três dias que fiquei em prece, estava orando por seus familiares.

Os amigos espirituais me mandaram aqui para implantar essas reuniões com o objetivo de ajudar sua família.

— O senhor tem carta branca para fazer o que quiser.

Alberto permaneceu quinze dias se reunindo com as pessoas. Após esse tempo, o próprio fazendeiro assumiu a frente nas lições dos livros e nas explicações para seus familiares. Não demorou muito tempo e mais uma casa espírita foi fundada naquela região.

E nosso irmão saía para outros lados dando continuidade à divulgação. E assim ele implantou a doutrina espírita em mais de 140 localidades.

Essas reuniões sempre começavam às dezenove horas. Na primeira parte, era feita a leitura de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. A segunda parte era a comunicação dos espíritos, que sempre traziam uma mensagem para todos.

Irmão Alberto sempre se afastava do ambiente entre 19h30 e 19h40, indo para uma pequena sala ao lado. Deitava sobre a cama e, enquanto seu corpo físico repousava, seu espírito ia visitar aquelas localidades e se comunicava por intermédio de médiuns, deixando sua mensagem de consolo e conforto, sempre incentivando à continuação do trabalho.

Irmão Alberto tinha o poder da bicorporeidade, que significa que o espírito pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo.

Terminada a comunicação, ele voltava para seu corpo físico e, assim, os trabalhos continuavam até as vinte horas. O trabalho de passe era feito no próprio salão.

Alberto viveu e cumpriu sua missão no município de Tapiraí, em Minas Gerais.

Naquela época, o trem era o grande meio de transporte. Alberto recebia as pessoas que vinham de várias partes do Brasil em busca da cura espiritual e da cura física. Recebia pessoas com quadros de obsessão tão graves que, muitas vezes, precisavam ficar enjauladas no quarto. Algumas permaneciam lá por até dois meses, mas saíam curadas.

Todos os recursos financeiros que tinha foram gastos em favor dos sofredores.

Terminou sua vida na Terra passando por uma terrível enfermidade.

Mesmo acamado, as pessoas o buscavam pedindo ajuda.

Para melhor entendimento, vamos contar um pouco da trajetória desse grande médium.

Alberto Pinto Coelho (irmão Alberto), ao chegar de Portugal, vindo para o Brasil, precisamente para Minas Gerais, foi até a região da Serra da Canastra, que fica perto de onde nasce o Rio São Francisco, onde havia um garimpo. E ele, como um bom português, que conhecia muito de comércio, começou fazer um trabalho muito conhecido na época. Trabalhava como vendedor ambulante, vendendo bugigangas e produtos utilitários para todo o interior do Brasil. Esse tipo de comércio, na época, era chamado de mascate, atualmente é conhecido como vendedor ambulante.

No lombo do cavalo, ele levava roupas, utensílios domésticos e pessoais.

Trabalho difícil, mas ele conseguiu ganhar um bom dinheiro e passou a comprar e a revender animais. Transformou-se em um tropeiro, vendendo e fazendo catiras. Conheceu muitos fazendeiros e muita gente na região por causa de seu trabalho.

Apaixonou-se por uma linda jovem, filha de um fazendeiro bem-sucedido na região.

Não demorou muito tempo, e os dois se casaram. Na vida cotidiana, ele não parava em casa, já que seu trabalho era viajar, passando de fazenda em fazenda, principalmente na região de Vitortan, devido à grande quantidade de pessoas que ali residiam, tendo como referência um frigorífico onde, na época, matavam-se os animais que seriam transportados para outras cidades. Nessa localidade passava o trem de ferro todos os dias, e na parte da manhã e à tarde sempre estava carregado de pessoas.

O trem continha vários vagões, e era possível escolher a primeira ou segunda classe.

Esse era o único meio de transporte do lugar. Nessa época, o Brasil se locomovia sobre os trilhos arrastados pelas Marias-Fumaças, o trem de ferro tocado a vapor.

Alberto amava sua esposa profundamente, mas, como na vida de todo casal nem tudo são flores, existiam momentos de amargura e discussões, muitas vezes causados pelo ciúme, diferença de gênios ou por falta de paciência entre ambos.

Em uma discussão do casal, quando os nervos estavam à flor da pele, Alberto, sem pensar, deu um chute nas costas da sua esposa, que estava grávida de oito meses, e ela, virando-se, recebeu o chute em cheio na barriga. Naquele momento, sua barriga endureceu e ela começou a sangrar. Alberto, vendo o sangue descendo pelas pernas da esposa, desesperou-se, levando-a para a cama, tentando socorrê-la, mas a hemorragia se tornava cada vez mais intensa, até a perda de todo seu sangue, levando ao óbito mãe e filho.

Alberto ficou completamente desesperado diante da perda da esposa. Em situações como essas, pode acontecer uma reviravolta na vida de qualquer ser humano, como aconteceu na vida de Paulo de Tarso quando viu Jesus. E assim foi com Alberto, houve uma grandiosa transformação em sua vida depois desse triste acontecimento.

E um espírito apareceu e disse a ele:

— Alberto, a partir de agora você tem uma nova missão.

— Que missão? perguntou Alberto.

— Orar por todos os que virão em busca de ser curados por você. Você já tem o conhecimento da doutrina espírita e as obras da codificação. Transformará sua casa, aqui na cidade de Vitortan, em um centro espírita e atenderá todos os que vierem procurá-lo.

E Alberto entrou em oração, ficando três dias sozinho, lendo os livros da codificação e em constante prece. Começaram a chegar os doentes e obsediados. Quanto mais ele curava, mais pessoas chegavam. Alberto fez várias cabanas para abrigar os que vinham de longe e ficavam ali internados por cerca de trinta dias.

Ele deixava aqueles que estavam muito perturbados num quatinho, já que não tinha quem o ajudasse nessa tarefa. E não dispunha de recursos financeiros para desempenhar, com mais facilidade, sua missão com esses sofredores.

Os obsediados chegavam amarrados, e ele pedia que os soltassem e retirassem as cordas.

Concentrava-se, fazendo uma prece, e dava o diagnóstico, que geralmente era assim:

— O irmão tem de ficar aqui por cerca de trinta, quarenta ou sessenta dias para obter sua cura, para que eu possa orar por você.

Quando passavam os trinta dias, ele falava com o paciente:

— Esse foi somente o começo. Para que sua cura realmente aconteça, você tem de continuar orando pelos outros.

Vamos narrar um fato interessante que aconteceu com o senhor Brasilino, um homem recém-casado que começou a ter uma crise. Quando ia dormir, seu coração disparava, sendo obrigado a sentar-se na cama por alguns minutos, às vezes até por horas, até a crise passar. Tinha medo de se deitar e não acordar mais. Levaram-no à cidade de Ibiá para procurar o médico.

O doutor lhe disse:

— Seu coração está por um fio. Você não tem um ano de vida. Se o senhor seguir as orientações corretamente e fizer a dieta direitinho, poderá viver por um ano. Do jeito que seu quadro está avançado, é um caso irreversível.

Chegando à cidade de Pratinha, um amigo lhe recomendou:

— Brasilino, vá a Vitortan, na casa do senhor Alberto, que ele vai curá-lo. Pegaram o misto (nome do trem de ferro que carregava passageiros) e desceram na estação. Demoraram a chegar à casa de Alberto em razão do crítico estado de saúde de Brasilino.

Chegando à casinha à beira da linha, Brasilino cumprimentou Alberto, que foi logo se concentrando e dizendo:

— Brasilino, sua missão aqui é de trinta dias para melhorar. Não importa o que deixou para trás, deixe tudo por lá. Começaremos agora a orar por você.

Marcou no papel aquele dia. Alberto orava para ele e para os outros que chegavam.

As pessoas vinham amarradas e estrebuchando. Alberto impunha suas mãos sobre elas e os espíritos saíam imediatamente. As cabanas aumentavam para abrigar a todos. Irmão Alberto tinha uma única e surrada calça, que ia rasgando e ele a amarrava com palhas de milho.

Quando completou trinta dias, Brasilino falou:

— Alberto, faz trinta dias que estou aqui.

Ele abaixou a cabeça e disse:

— Realmente, venceu hoje o prazo de trinta dias, mas você ainda está com o problema.

— Você melhorou um pouco. Ao chegar em casa, em Pratinha, faça um rancho ao lado de sua casa, com as paredes de madeira, e ore para as pessoas que te procurarem. Na medida em que os outros forem melhorando, você vai melhorar também. Sua missão é essa: ajudar os outros. Na medida em que for auxiliando os outros, será ajudado também. Essa era a receita que ele dava a todos os que ajudava.

Assim começou a missão de Brasilino. As pessoas o procuravam a qualquer hora do dia.

Às vezes, estava no trabalho e tinha de parar para atender as pessoas. Ele conseguiu formar várias casas de oração, e muitas foram transformadas em centros espíritas. Passado um ano que ele estava curado, foi ao médico da cidade de Ibiá.

O médico, ao examiná-lo, perguntou:

— Que remédio o senhor tomou?

— Não tomei nenhum remédio, doutor!

— Como não, seu coração está perfeito! Para ter uma recuperação assim, deve ter tomado um remédio muito bom!

E Brasilino respondeu:

— Foi o melhor remédio que alguém poderia tomar: o amor ao próximo.

Assim, Brasilino foi para Campos Altos, recebeu o conselho de um amigo e fundou o Grupo Espírita Allan Kardec, e depois disso viveu por muitos anos.

Vamos relatar um fato, até o momento, desconhecido. Trata-se de uma cura que nosso irmão Alberto proporcionou a uma família bastante humilde da cidade de Medeiros.

Irmão Alberto havia curado uma loucura que parecia incurável!

Havia uma criança com o nome de José dos Reis, mais conhecido por Deca, que não conseguia dormir dentro de casa, apenas em cima do telhado de sua casa, e uivava como um cachorro doido.

Às vezes, até latia como um.

Deca estava se transformando em um animal. Por fim, ele não entrava mais em casa, passava todo o tempo uivando e latindo em cima do telhado e não se alimentava. Ficamos muito preocupados com aquela situação, até que uma pessoa iluminada falou com sua mãe:

— Aurora, você tem de levar seu filho lá no senhor Alberto, senão ele morrerá. Ele está louco!

Assim, Maria Piedade, sua irmã, e Aurora, sua mãe, saíram a pé da região de Medeiros e foram para a cidade de Tapiraí, onde morava Alberto.

Tiveram de levar o Deca amarrado, para que ele não pudesse correr para o mato.

Pois, se isso acontecesse, não conseguiriam pegá-lo, já que parecia mesmo um animal.

Chegando à casa de Alberto, ele, observando nosso irmão, disse:

— Ele terá de ficar aqui, dona Aurora, para que eu possa rezar para ele, pedindo a Deus a cura para vosso filho. A senhora trouxe as roupas dele?

— Sim, senhor. Trouxemos algumas coisas!

— Pode ficar tranquila, dona Aurora, que cuidarei dele. Daqui a três meses a senhora poderá buscá-lo.

— E colocou-o junto com outros perturbados que estavam internados lá.

Havia muitas casinhas, todas cobertas de sapé, as paredes de madeira e o chão de terra batida.

Em cada uma delas ficavam de dois a quatro pacientes. Os pacientes mais agressivos permaneciam trancados, como se estivessem em uma jaula de madeira, toda amarrada, para que não fugissem dali.

Havia muitos voluntários que ajudavam Alberto nessa linda e sublime missão de amor, já que eram muitos os pacientes e sempre chegavam mais.

Já haviam sido internadas mais de cem pessoas. Os mais agressivos ficavam isolados e, muitas vezes, amarrados, até melhorarem um pouco. Eram tão perturbados que faziam suas necessidades no chão e, se ninguém limpasse rápido, eles comiam suas próprias fezes. Eram pessoas que estavam em extremo grau de loucura.

Durante esses três meses em que Deca ficou internado, toda semana Maria Piedade e Aurora iam visitá-lo.

Sempre conversavam com ele, mas nosso irmão Deca nem sabia onde estava. Era como se seu espírito tivesse saído do corpo e um animal passasse a se manifestar.

Sabemos que um animal não pode se manifestar no corpo de um ser humano.

Entendemos que um espírito atrasado pode fazer uso dessas condições. Foi exatamente isso o que aconteceu com ele.

Deca não se lembrava de nada. Durante todo o tempo em que ficou internado em tratamento espiritual, não sabia o que estava acontecendo. Somente se recordava de que estava dormindo e que havia despertado em uma daquelas casinhas.

Viu várias pessoas e perguntou a um dos enfermeiros:

— Que lugar é este? O que estou fazendo aqui? Os enfermeiros o levaram até Alberto e ele falou:

— Meu filho, agora você pode ir embora, já está curado!

Irmão Alberto contou-lhe que estava em tratamento havia três meses, mas, para Deca, os três meses representavam três dias. Ele só se lembrava dos últimos três dias. Viu muitas pessoas chegar amarradas e gritando, e o senhor Alberto mandar soltá-las e conversar com elas. Ele falava com os espíritos que obsediavam aquelas pessoas.

Ele os doutrinava, perguntando por que estavam nervosos. Mandava-os se acalmar e dizia que cuidaria deles, e que naquele hospital recuperariam a memória espiritual e entenderiam que não pertenciam mais a este mundo. Dava a todos muitos conselhos e tirava-lhes as cordas, dizendo que a espiritualidade estava tomando conta deles. Ao serem soltas as cordas, esses irmãos ficavam quietos, tranquilos, sem se movimentar, como se tivessem sido medicados.

Era extremamente extraordinário todo aquele trabalho, que era feito com muito amor e dedicação!

A comida era feita em enormes panelas de cobre, material muito utilizado naquela época.

O movimento era intenso e, muitas vezes, havia mais de quatrocentas pessoas espalhadas pelo grande quintal. Todos os que iam em busca da cura saíam curados.

Alberto era uma pessoa abençoada! Salvou a vida de muitos irmãos que estavam perdidos, em busca da cura espiritual.

Irmão Alberto nunca cobrou nada de ninguém, as pessoas o ajudavam porque queriam.

Sozinho, ele não teria condições de atender todas as pessoas que o procuravam todos os dias.

Para encerrar esses comentários, vamos pedir aos amigos espirituais, principalmente aos que trouxeram para nós esta obra, que resgata as memórias desse grande homem, irmão Alberto, ao nosso irmão

Ernesto, para que falem um pouco sobre a questão da obsessão, pois muitas pessoas passam por processos obsessivos. Há casos de pessoas encarnadas que possuem ligação com espíritos inferiores e pedem a eles para prejudicar alguém.

Como muitas vezes as pessoas não estão preparadas espiritualmente, não têm fé em Deus, não cultivam o hábito da oração e têm a sensibilidade aflorada, tornam-se presas fáceis dos espíritos sofredores.

Foi isso o que aconteceu com José dos Reis, o Deca.

Deca estava na lavoura de café trabalhando na colheita, e alguém furou o saco de café e o culpou por isso.

Sebastião acusou Deca, e assim começou uma intriga. Só que Sebastião era um homem envolvido com espíritos das trevas, e sempre procurava prejudicar os outros. Ele conseguia conversar com esses espíritos inferiores por meio da sua vidência, e pedia a eles que perturbassem as pessoas.

Em troca, ele lhes oferecia bebidas e outras coisas de que esses espíritos inferiores gostavam.

Foi isso o que aconteceu com Deca, que estava sofrendo uma grande obsessão, possuído por um espírito inferior que se apresentava como um animal.

É interessante observar que muitos espíritos que passaram pela escravidão chegam ao mundo espiritual e não conseguem se libertar dessa condição, pois, muitas vezes, os próprios encarnados não deixam.

Continuam escravizando-os, colocando-os para trabalhar em seu favor, fazendo mal ao semelhante e a si mesmos. Foram escravos a vida toda e, por obediência, executam esses trabalhos.

Não podemos escravizar esses espíritos porque, ao despertarmos no mundo espiritual, seremos cobrados por eles e passaremos a ser seus escravos também. É a Lei de Causa e Efeito! Para sermos felizes e termos uma consciência tranquila, não temos outro caminho a seguir a não ser os ensinamentos de Jesus: fazer o bem a qualquer pessoa, auxiliando e amparando todos os que nos procuram e jamais perder uma oportunidade de ser caridosos.

Alberto estava para viver um grande momento de provação: ele foi preso.

Aquela multidão era atraída em busca de cura, e vinham pessoas de várias cidades da região, que chegavam nos trens. Essas pessoas começaram a incomodar um vizinho, pois, para chegarem à casa de Alberto, tinham de passar na porta de um fazendeiro que ficava muito incomodado com aquela multidão. E assim denunciou-o à polícia, que veio prendê-lo. Quando os policiais chegaram, dando-lhe voz de prisão, Alberto estava começando a fazer uma prece, e disse:

— Vou somente terminar a prece e me entrego a vocês.

A casa estava bastante cheia, e todos ali presentes disseram:

— Nós iremos para a prisão com o senhor Alberto.

Assim, encheram dois vagões do trem e seguiram para Bambuí.

O delegado que tomou o depoimento de Alberto ficou muito emocionado com o que ouviu.

Assim Alberto disse:

— "Fui preso e perseguido por essa doutrina. Falo com o senhor, de coração para coração, que minha função é curar os doentes, consolar os desesperados, dar pão a quem tem fome, dar roupa a quem está nu, curar as feridas daqueles que têm os pés em chagas e aliviar as dores dos sofredores.

— Se o que faço for pecado, se é contra a lei dos homens, o senhor me desculpe, mas vou continuar fazendo, pois foi o que o Mestre Jesus fez um dia, e procuro seguir seus passos e seus caminhos.

— Reconheço que ele acabou sendo crucificado. Se fazer o bem for crime perante os homens, sou prisioneiro, estou muito longe do meu Mestre, que um dia deu a vida em favor da humanidade, com os braços abertos pregados na cruz. Aqui estou à disposição do senhor, faça da minha vida o que quiser, já que estou diante da lei, pois aqui o senhor é autoridade máxima, e estou aqui para respeitá-lo.

Eu continuarei trabalhando até o último dia de minha vida física na Terra".

O delegado ficou surpreso ao ver tantas pessoas em volta da delegacia e, para resolver o problema, mandou chamar um deputado que morava na cidade. Era para Alberto ficar preso por trinta dias, mas, diante da pressão da população, o deputado mandou soltá-lo e legalizou a documentação da casa espírita, e assim a casa foi registrada. Senhor Alberto continuou seu trabalho até o último dia de sua vida. Hoje, Pratinha, uma das cidades em que Alberto implantou o espiritismo, de acordo com o levantamento do IBGE de 2012, é a cidade que tem mais espíritas no estado de Minas Gerais.

Assim, ele terminou sua vida física na Terra, uma vida inteira dedicada aos semelhantes e necessitados

de consolo espiritual. Foi enterrado como indigente e recebido no plano maior, por seus amigos, com uma grande festa em homenagem ao trabalho realizado na Terra.

Sabemos que Alberto incentivou a fundação de centros espíritas nas cidades de Bambuí, Medeiros, Tapiraí, Campos Altos, Pratinha, São Roque de Minas, Serra da Canastra e em muitas outras.

Foi o grande responsável pela divulgação do espiritismo nessas localidades.

CAPITULO 13 A OPORTUNIDADE DA COLHEITA

André e Esther agradeceram, do fundo do coração, a ajuda que aquele espírito iluminado lhes dera para que pudessem cumprir sua missão na Terra. Sentiam que entre todos ali presentes existia uma grande afinidade.

Alberto, então, começou a falar:

— Meus filhos, nossa afinidade não começou aqui, mas em terras distantes, no Velho Mundo, onde deveríamos trabalhar em prol do crescimento do cristianismo, vivenciando e divulgando os ensinamentos de Jesus. Mas na bela França não fomos felizes. Ao invés de ajudar, atrapalhamos muito, porque levamos a discórdia e a desunião aos cristãos que ali se encontravam com o grande objetivo da mudança. Causamos infelicidade a muitos.

— Utilizamos a religião para enriquecer, aproveitamos da fraqueza daqueles pobres coitados, que não conheciam a palavra de Deus. Ao invés de utilizar a religião para esclarecer, a usamos para confundir a mente das pessoas. Implantamos dogmas que levam o homem às visões materiais, que não libertam o espírito para as questões espirituais. Causamos infelicidade a muitas famílias. Em nome do cristianismo, martirizamos muitos.

— Com as Cruzadas e as Guerras Santas, fizemos muitos prisioneiros, que tiveram a vida ceifada pela espada, sem piedade. E agora, nas terras brasileiras, com a chegada do Consolador, tivemos a oportunidade de viver nas bênçãos de Jesus e refazer tudo aquilo que um dia destruímos.

— Todos os que, um dia, bateram a nossa porta pedindo ajuda foram aqueles que um dia fizemos sofrer com enorme crueldade. Agora devolvemos a eles pequenas migalhas de afeto e amor.

— Por isso, meus queridos filhos, não pensem que a vida de ambos na Terra foi um gesto de caridade.

— Podemos dizer que foi um resgate para com aqueles que um dia prejudicamos tanto.

— Agora vocês tiveram a oportunidade de se redimir com eles.

— Querido benfeitor, que tanto nos ajudou na caminhada evolutiva, eu amava profundamente e considerava como filhas do coração todas aquelas crianças que criei. Sentia que tinha um compromisso muito grande com elas, de conduzi-las na vida. Graças a Deus, consegui encaminhar todas.

— Sim, Esther, minha filha, reconheço seu valor. A sua dedicação foi muito importante para a felicidade delas, mas agradeça a Deus a bênção da reencarnação e o esquecimento do passado, pois, se não fosse assim, não teria condições de se redimir com todos.

— Às vezes, prejudicamos não somente os nossos inimigos, mas também os nossos amigos, quando os levamos para o caminho do erro. Muitas de suas filhas, que hoje ama profundamente, foram suas amigas do passado, com quem teve grande afinidade. Mas, um dia, levou-as ao erro e à exploração por meio da prostituição. Com o seu incentivo, viraram grandes professoras na arte de enganar as pessoas com falsas promessas, oferecendo àqueles que as procuravam amor e dedicação. Por trás de todas essas promessas, existia somente uma grande fachada, uma grande crueldade.

— Muitas famílias foram destruídas com essas falsas promessas. Enquanto os homens gastavam com elas grandes quantidades em dinheiro, as famílias deles eram prejudicadas. Isso os levou à total miséria e à destruição de um lar que vivia equilibradamente. Tudo isso por causa da sedução dessas mulheres, que foram incentivadas por você, com o objetivo de enriquecer cada vez mais, sem piedade de ninguém.

— O importante era conquistar e ter mais poder do que os bens materiais podem nos dar e que, muitas vezes, se transformam na nossa maior prisão na Terra.

— Por isso podemos dizer que "tudo que na Terra plantarmos, na Terra colheremos".

— André, meu filho, você também cometeu vários erros. Todos esses irmãos que o procuraram precisando de abrigo são do tempo das Cruzadas. Você, com sua espada, não teve dó nem piedade,

ceifando a vida deles. Agora veio com o papel de redimir-se, convivendo com eles e os auxiliando, ajudando-os a quitar consigo mesmos débitos que traziam de vidas distantes, causados pela falta de amor e por imperfeições morais.

— Quando foi rompido seu vínculo com esses irmãos, eles foram convidados a retornar à pátria espiritual, após seu resgate na Terra. No tempo certo, foram conduzidos a sua vida de origem.

— Terminado esse tempo de compromissos foram vencidos pelo amor, começando ali uma grande afinidade entre vocês, com o objetivo de, a partir de agora, reinar o amor universal, que faz parte da grande família que nunca perece, mas que cresce cada vez mais. Esse crescimento é o grande objetivo da humanidade. Quando o mundo estiver regenerado, somente a família universal vai permanecer na Terra.

— Esses compromissos serão quebrados por meio da convivência e dos resgates, causados pelas sombras que ainda existem dentro de nós. Mas quando a nossa luz se acender, vamos nos iluminando, e com ela iluminaremos os caminhos da evolução para o crescimento de um mundo melhor, onde todas as almas possam viver em plenitude. E todos seguirão aquele grande ensinamento do nosso Mestre Jesus:

"Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Um dia, esse amor estará dentro de todos nós e não viveremos mais com aparências falsas, mas sim com vivências espirituais.

Esther perguntou:

— Irmão Alberto, há uma coisa que ainda não consegui entender. Foi muito difícil viver longe de André.

— Muitas vezes, fui consolada por aquelas meninas e, nos momentos de profunda tristeza e saudade, elas me davam forças. Por que não pude realizar minha missão na Terra ao lado de André?

Irmão Alberto se aquietou e olhou para os dois. Ele fez com que eles tivessem lembranças dos anos em que viveram juntos e da forma egoísta como viveram, esquecendo-se do próximo.

— Agora conseguiram perceber que o reencontro de vocês causou mais alegria para vocês do que o bem-estar daqueles que ainda continuavam na caminhada evolutiva com vocês na Terra!

— Lembrem que, aos poucos, vocês foram se esquecendo dos compromissos espirituais e passando a aproveitar a vida viajando? Não é que as viagens não pudessem ser realizadas, pois os momentos de lazer são importantes na vida de todos nós, mas devem vir depois que cumprimos nossos deveres espirituais. Não podemos colocar o lazer à frente dos nossos compromissos.

— Não vamos questionar, mas somente observar o que aconteceu com ambos em vidas passadas.

— Vamos fazer uma viagem no tempo através das suas lembranças, que estão gravadas em seu perispírito. Mostrarei a vocês o que deveria ser feito e não foi, o tempo perdido de sessenta anos vivendo na Terra juntos com o objetivo de realizar o trabalho de auxílio ao próximo.

— Meus queridos filhos do coração, quero dizer-lhes que o sofrimento causado pelo afastamento de ambos, provocado pela avó de Esther, dona Shirley, foi em razão do cumprimento da Lei de Causa e Efeito.

— A espiritualidade esperou o tempo certo para que ela pudesse ser usada como instrumento.

— Na última encarnação, ela agiu com o objetivo de proteger a neta, e não por perseguição.

— Ela estava influenciada por seu subconsciente, que trazia, do ano 1700, época das Cruzadas, uma grande decepção, um processo que violentou o seu livre-arbítrio.

Depois de subir e descer as grandes ladeiras, estreitas vielas e becos, passando por pequenas plantações, pastos e chiqueiros, na grande favela da Rocinha, nome este dado justamente por seu caráter rural, chegaram, finalmente, à casa do falsificador. Bateram à porta e Baiano logo atendeu com um ar de entusiasmo.

— Entrem, fiquem à vontade.

— Baianinho, esta é a dona Shirley. Ela está precisando de um serviço seu.

— Em que posso ajudá-la, madame?

— Gostaria que escrevesse uma carta para mim!

— Na verdade, a madame está querendo que eu falsifique uma carta, correto?

— E isso mesmo, Baianinho.

— Olha, senhora, eu cobro por páginas.

— Dinheiro não é o problema, o que importa é que quero perfeição no trabalho e, principalmente, o sigilo absoluto dos envolvidos.

— Dona Shirley, sou especialista no assunto, já executei vários trabalhos como este, e ninguém nunca

reclamou. O silêncio é a chave mestra dos negócios.

Em seguida, Shirley enfiou a mão na bolsa, tirou a carta e mostrou para ele, que a olhou prestando bastante atenção nos mínimos detalhes, e disse:

— Esta é uma das letras mais difíceis que já peguei até hoje. Precisarei de, no mínimo, quinze dias para treinar esse tipo de letra. Parece até letra de doutor.

— Realmente, a letra de minha neta é difícil de falsificar. Mas acho o tempo para começar a realizar o meu plano muito longo. Não pode ser antes desse prazo?

— Dona Shirley, o grau de dificuldade do trabalho é grande, portanto, o valor a ser cobrado será bem expressivo. Tentarei fazer tudo no menor tempo possível.

— Quanto custará seu trabalho?

— Cobrarei da senhora dez mil cruzeiros por uma página desta carta. Se a senhora quiser duas páginas, eu faço por quinze mil cruzeiros. Se forem quatro páginas, posso cobrar vinte mil cruzeiros.

Dona Shirley foi bem direta com Baianinho:

— Não se preocupe com a quantidade de páginas, nem com o que você vai cobrar de mim.

— Pagarei o que for, mas quero sigilo absoluto e perfeição no serviço. Vou escrever tudo o que é para você colocar na carta. Você vai somente imitar a letra e transcrever.

Baianinho entendeu o que ela queria especificamente: modificar o conteúdo das cartas com a mesma letra da carta original.

— Está combinado, dona Shirley. Só preciso de um sinal como parte do pagamento; pelo menos mil cruzeiros.

Ela abriu a bolsa, pegou dois mil cruzeiros e deixou-os em cima da mesinha destruída pela ação do tempo.

— Dê-me uma caneta e um papel para que eu possa escrever.

Baianinho, rapidamente, providenciou tudo e disse:

— A senhora pode ficar tranquila para pensar no que vai escrever na carta. Ricardo e eu vamos para a cozinha, para que possa ficar mais à vontade.

Assim ela começou a escrever:

"Meu grande amor!

Infelizmente, não estamos mais morando no Rio de Janeiro. Tivemos de mudar às pressas para que vovó pudesse ficar mais próxima de suas fazendas.

Agora, estamos morando aqui em Goiás, em um lugar muito bonito.

Você nem imagina como é belo. Poderá, um dia, vir morar conosco.

Aqui vamos realizar todos os nossos sonhos de constituir a nossa família.

O Rio de Janeiro é uma cidade muito bonita, mas aqui é muito melhor.

Não é uma cidade tão grande, mas tem tudo de que preciso, e a escola me parece muito boa.

Vovó teve de apressar a nossa viagem porque suas coisas aqui estavam abandonadas.

As pessoas que tomavam conta para ela mudaram para outra cidade.

Por isso tivemos de sair imediatamente da capital carioca. Mas tenho certeza, meu amor, de que quando você vier aqui me visitar gostará muito deste lugar.

Vou terminar deixando um abraço e mil beijos para você. Até breve.

Escreverei novamente.

Espero ansiosa por sua resposta.

De sua eterna amada, Esther."

Dona Shirley terminou de escrever a carta e a entregou para Baianinho. Ele olhou a carta por várias vezes e falou:

— Para fazer esta aqui terei de cobrar da senhora pelo menos cinco mil cruzeiros.

— Vou lhe dar dez mil cruzeiros para você fazer bem-feito e me entregar o mais rápido possível.

— Três dias é um prazo bom para a senhora?

— Está ótimo.

Despediram-se e dona Shirley, juntamente com Ricardo, retornou passando por aquele extenso caminho.

Conversavam, entre um fôlego e outro das íngremes ladeiras, sobre o plano que armavam:

— Ricardo, daqui a três dias, Baianinho entregará a carta. Quero saber se dá para você viajar no domingo.

— Claro que sim, dona Shirley, no domingo bem cedo pegarei o ônibus.

— Vou lhe dar cinquenta mil cruzeiros na ocasião, e os outros cinquenta mil te darei assim que voltar.

— Dona Shirley, para quem enviarei a carta?

— Mandarei para outro endereço que já estará no próprio envelope. A pessoa que vai receber a carta mandará a resposta para um endereço lá da sua cidade.

— Entendi, dona Shirley.

— Você vai ganhar cem mil cruzeiros para fazer isso para mim. Estou lhe pagando bem.

— Não é por sua viagem, nem pelos trinta dias que você vai ficar lá. Noventa por cento do que estou lhe oferecendo é pelo seu silêncio, para que fique com a boca fechada, pois, se revelar esse nosso segredo, corro o risco de morrer.

— Pode ficar sossegada que farei o serviço. A senhora está me pagando muito bem e, além do mais, nada disso me interessa, não tenho o que contar para ninguém.

— Ricardo, você tem a cabeça no lugar, pois realmente não tem nada a ver com o que está contido na carta, o que interessa é cada um fazer o que foi combinado. E, a propósito, deverá ficar três dias sem sair de casa.

— Dona Shirley, preciso trabalhar, meu aluguel está vencendo.

Nesse momento, dona Shirley fez uma pausa na caminhada, abriu a bolsa e lhe deu a quantia de mil cruzeiros.

— Com esse dinheiro você pagará pelo menos um ano de moradia nesse casebre que você chama de casa. Ricardo guardou o dinheiro e falou:

— Não se preocupe, dona Shirley, que ficarei quieto em casa, esperando por suas ordens

Assim, ela se despediu, depois da extensa caminhada pela favela, e foi embora para casa toda feliz, agradecendo a Deus por estar conseguindo realizar o seu sonho.

Sabemos que existem pessoas que agradecem a Deus até pela maldade que fazem.

O conhecimento que o ser humano tem de Deus ainda é muito limitado. Ah! Se Deus nos ouvisse, realmente, e atendesse todos os nossos pedidos, tudo seria mais difícil para nós, porque, muitas vezes, o que pedimos nos traz muito sofrimento. Quando pedimos para fazer o mal aos outros, estamos fazendo o mal para nós mesmos. Ainda não compreendemos a Lei de Causa e Efeito, em que tudo o que fazemos de bem ou de mal retorna para nós mesmos. Por isso temos de fazer somente o bem.

Dona Shirley chegou em sua casa muito feliz. Esther achou estranho ver sua avó tão alegre e perguntou:

— Vovó, qual é o motivo de tanta felicidade?

— Foi o encontro que tive com amigos do passado, que há muito tempo não via.

— Que bom, vovó, é muito importante encontrar os nossos amigos. É tão ruim ficar longe de quem a gente ama. A senhora não imagina como estou sofrendo longe de André.

Naquele momento, o semblante de dona Shirley se fechou. Deu um sorriso disfarçado e subiu para o quarto. Esther ficou com aquela imagem na cabeça. Achou estranha a maneira pela qual sua avó a tratou e o fato de ter emudecido de repente, quando ela falou no nome de André, e pensou:

"Meu Deus, existe uma barreira muito grande entre minha avó e André. Deu para perceber claramente que ela não gosta dele".

Passados os três dias combinados pelo falsificador, dona Shirley saiu de casa bem cedo, deixando a neta dormindo, trancada em casa. Desta vez, nem avisou que sairia e, muito menos, para onde iria.

Chegando à favela da Rocinha, subiu o morro e foi procurar Ricardo, que já estava à sua espera.

Os dois saíram juntos e foram à casa do Baianinho. Chegando lá, o documento já estava pronto.

Shirley olhou a carta e viu que realmente estava idêntica à original. Era impossível alguém desconfiar que fosse uma cópia. Ficou satisfeítíssima. Como já tinha efetuado o pagamento com antecedência, rapidamente foi embora da casa daquele criminoso. E seguiu para a casa de Ricardo.

— Ricardo, está tudo pronto. Coloque a carta no envelope e anote o remetente e o endereço de algum conhecido da sua cidade, porque somente assim poderá ter acesso à resposta a esta carta.

— Receba, agora, parte do seu dinheiro e, se quiser viajar hoje mesmo, é melhor ainda.

— Daqui a trinta dias, você voltará trazendo as cartas que vai receber durante esse tempo.

— Se, por acaso, o destinatário não responder à carta, não poderá voltar. Deverá ficar por lá até a carta chegar. Eu preciso muito da resposta a essa carta.

Ricardo, então, começou a se preparar para a viagem. Separou algumas peças de roupa e guardou a carta bem no fundo da mala, já que era uma coisa muito importante. Precisava ser atencioso, porque aquilo era um trabalho, e ele necessitava muito do dinheiro. E viajou para Araguaína.

Enquanto isso, em São Paulo, André estava muito preocupado com a demora da resposta à carta que havia enviado à sua amada Esther. Quanto tempo tinha se passado desde a última carta!

O que teria acontecido? Ele não sabia o que fazer. O jeito era esperar mais um pouco.

Eles haviam combinado que, quando recebessem a carta, responderiam imediatamente.

André conversava muito com o senhor Joaquim a respeito de Esther. Eles passavam horas e horas falando sobre ela, e André sempre comentava sobre a longa espera da carta, que não chegava, e por isso estava muito preocupado.

O senhor Joaquim tentava acalmar o jovem.

— Tenha calma, André, pois ela vai responder. Talvez essa demora seja pela falta de tempo para escrever ou, talvez, esteja aguardando surgir alguma novidade para lhe contar. Não se preocupe e espere com calma, pois a carta vai chegar.

— O serviço de cartas, às vezes, também demora para entregar as correspondências.

— Nem sempre uma carta chega com o mesmo tempo que a outra, algumas demoram mais.

— Se em trinta dias não receber a resposta, envie outra.

Os dias foram passando, e André aguardava ansioso a resposta de sua amada. Os trinta dias haviam se passado e nada de carta. Foi, então, falar com o amigo:

— Senhor Joaquim, já se passaram muitos dias, vou escrever outra carta.

— Tenha um pouco de tolerância e aguarde por mais uns cinco dias.

Assim, André esperou mais cinco dias. Antes que esse prazo acabasse, André recebeu a carta de Esther.

Achou muito estranho, pois a carta vinha de outro estado. Ficou pensando:

“Como ela mudou sem me falar nada, meu Deus! Por que mudou assim tão rápido?

Então foi por isso que a carta demorou tanto”! André começou a ler a carta e ficou mais preocupado ainda com a explicação.

Quando terminou de ler, notou que realmente seu grande amor não morava mais no Rio de Janeiro, mas sim em Goiás. No início, ficou um pouco triste, mas depois pensou: "Será que é mais fácil ir para Goiás que para o Rio de Janeiro?"

Procurou saber com os amigos a que distância estava de Goiás, e descobriu que seu amor estava muito distante dele, e que isso tornava ainda mais difícil o reencontro entre os dois, tanto pela distância como por serem menores de idade e não poderem viajar sozinhos.

"Meu Senhor, dê-me forças para aceitar esta situação, que cada dia fica mais difícil e triste.

Quanto mais o tempo passa, mais estamos nos distanciando."

Quando a saudade apertava, André pegava a foto de Esther e ficava olhando, imaginando como ela estaria naquele momento, o que estaria sentindo.

A separação não diminuía seu sentimento, e a saudade aumentava cada vez mais.

O amor entre os dois era realmente sincero. Quando esse sentimento é verdadeiro, não há espaço para a falsidade. Com o coração partido de dor e saudade, André escreveu para sua amada as seguintes palavras:

"Meu amor,

Você nem imagina a falta que sinto de você! Escrevo com o coração doendo, sentindo a distância cada vez maior entre nós. Mesmo morando em outra cidade, sinto você aqui bem perto de mim.

Sua presença não sai do meu pensamento, e essa saudade machuca.

Graças ao amor de Deus, estou tendo forças para suportar a falta que me você me faz. Tenho um pai que me ama muito, e posso compartilhá-lo com ele a minha dor e saudade. Não sei se sua avó compartilha esses sentimentos com você.

Gostaria de saber como está passando. Não quero que sofra. Sabemos que a Terra é um mundo de provas e expiações, e tenho certeza de que estamos passando por uma provação. Desejo que essa prova não se torne uma expiação e que, um dia, o mais próximo possível, possamos realizar nossos sonhos.

Querida, te amo demais, você é tudo para mim.

Um beijo e um forte abraço do seu grande amor, que nunca te esquecerá, André."

Naquele espaço de tempo, Esther estava muito preocupada por não ter recebido a carta de André.

Já havia se passado mais de um mês desde a última carta, e ficava pensando que alguma coisa tivesse acontecido para que ele não a respondesse.

Às vezes, conversava com sua avó e comentava sobre a ausência das cartas.

— Calma, minha neta, não se preocupe, pode ser atraso do serviço de postagem, isso sempre acontece.

— Espere mais um pouco, com calma e paciência, pois tenho certeza de que a carta chegará.

Shirley, no seu íntimo, tinha consciência de tudo o que estava acontecendo, já que fora ela mesma quem interceptara a carta antes que chegasse às mãos de sua neta, escondendo-a em um lugar seguro para que Esther não a encontrasse.

Esther tomou uma decisão, em meio à angústia da espera do contato do amado:

— Vovó, não vou esperar mais, escreverei uma carta para André e postarei hoje mesmo.

— Não dá mais para esperar. Mesmo que ele não escreva para mim, vou continuar escrevendo, não posso perder o contato com ele. Alguma coisa deve ter acontecido. Meu coração está dizendo que algo de muito ruim aconteceu, e saiu correndo para o quarto e foi escrever para o amor da sua vida.

Esther e sua avó saíram para fazer a postagem da carta. Ela mesma endereçara a carta, e sua avó efetuara o pagamento do selo.

Shirley e Esther retornaram para casa. Shirley arranjou uma desculpa para Esther e saiu, sem que a moça desconfiasse de nada. Saiu sem dizer para onde iria.

Shirley voltou ao serviço de postagem e apresentou o recibo da carta que a neta enviara para o namorado. O balconista atendeu-a, e dona Shirley pediu a ele que lhe devolvesse a carta, pois tinha de corrigi-la. Disse ao funcionário que iria fazer as alterações na carta, juntá-la a outros documentos e que mandaria em um envelope maior.

O funcionário do Correio, atendendo a seu pedido, pegou a carta e a devolveu. Ela foi a uma loja ao lado, comprou um envelope maior e anotou o novo endereço.

Dona Shirley mandou a carta para o endereço da fazenda de seu filho, doutor Luís.

Fizera tudo premeditado, pois sabia que a fazenda já havia sido vendida. Assim, jamais André receberia aquela carta. Quem a recebesse simplesmente a jogaria no lixo, até porque dentro do envelope não tinha nada escrito.

A carta que Esther escreveu, ela guardou junto com suas coisas pessoais em seu quarto.

Esther tinha tanto respeito pela avó, que não entrava no seu quarto. Chegava somente até a porta, mas não entrava.

As duas não tinham muita intimidade. A avó não dava chance para a neta se aproximar, em razão de sua grande introspecção. Aquele silêncio incomodava muito a garota, porque não sabia o que poderia estar acontecendo por trás daquele grande silêncio.

Após esses acontecimentos, dona Shirley ficou muito preocupada com a neta.

Pensou bastante e lembrou-se do Baianinho, que poderia ajudá-la novamente falsificando outra carta.

Então teria, agora, a missão de falsificar uma carta imitando a letra de André. Não havia outro jeito.

Ela iria escrever o que gostaria que sua neta recebesse dele.

Já era alta madrugada quando começou a escrever, dizendo assim:

"Querida Esther, foi muito bom o tempo em que estive junto de ti, foi uma ótima experiência para mim. Mas agora, que estamos distantes por mais de dois meses, tenho notado que nosso amor não é tão grande como pensei. Realmente eu te amo muito, mas tenho por você um sentimento fraternal.

Sinto-a como se fosse minha irmã. Acontece que conheci uma moça aqui da cidade e vi que meu sentimento em relação a ela é muito diferente daquele que sentia por você.

Não sei se é porque fomos criados juntos, como irmãos, talvez tenha sido isso que fez com que eu criasse essa fantasia de te amar como um homem ama uma mulher. Mas agora, que estou gostando dessa moça, você nem imagina como é diferente o que eu sinto.

Não sei se me entenderá, isso pode confundir a sua cabecinha. No entanto, não posso continuar enganando você, não tenho condições de ter você como minha esposa, porque não posso me casar com uma pessoa que amo como se fosse minha irmã.

Não se pode casar com a irmã, nem com a mãe.

Esse sentimento fraternal só descobri agora.

Até então, eu não tinha vivenciado um relacionamento íntimo com nenhuma mulher.

Esta é a primeira.

E isso preencheu o meu coração. Amo muito essa moça e vou morar com ela.

Ela tem 18 anos, não é uma criança impedida como você.

Ela é maior de idade e podemos ficar juntos.

Mesmo assim, todos os dias, em minhas orações, estarei orando por você, pedindo a Deus que proteja você e sua avó. Seja uma boa menina e obedeça a ela, que só quer o melhor para você porque a ama demais e não quer vê-la sofrer. Eu também não quero que sofra.

Desejo que seja muito feliz como estou sendo agora, tendo essa experiência com quem eu tanto amo. Procure um bom rapaz aí, no Rio de Janeiro, para que possa namorar.

O que aconteceu conosco foi uma fantasia de criança. Você sabe que, quando somos crianças, pensamos de forma diferente.

Quando crescemos, os pensamentos mudam. Desejo-lhe toda a felicidade do mundo, e que encontre alguém que possa lhe dar todo o amor que eu não posso.

Minha amada também mandou um grande abraço para você e disse que a achou muito bonita quando viu sua foto.

Caso queira continuar escrevendo para mim, pode escrever.

Gostaria muito de continuar recebendo notícias suas. Vou ficar muito feliz quando souber que encontrou alguém que preenche essa falta que sente de mim.

Tenho certeza de que vai encontrar seu amor em breve. Não é bom que continue iludida comigo. Continue estudando os livros, pois isso vai ajudá-la muito.

Não deixe de estudar, porque seu futuro está no seu conhecimento.

Despeço-me desejando-lhe toda a sorte do mundo. Não esqueça que estou sempre orando por você, em prol da sua felicidade. E Deus não se esquece de ninguém.

'Um grande beijo do seu amigo, André.'

O dia já havia amanhecido quando dona Shirley terminou de escrever a carta. Saiu bem cedo de casa, na maior felicidade, e foi até a favela da Rocinha, à procura do Baianinho.

O falsificador leu a carta e brincou com ela:

— O que está fazendo com sua neta! Não tem pena dela! Que trabalho sujo, isso não executarei.

— Você um criminoso, já fez uma carta e poderá fazer outra também.

— Tudo bem, madame, mas com uma condição, cobrarei da senhora uma quantia exorbitante: cinquenta mil cruzeiros.

— Que é isso! Você esta sob efeito de algum medicamento ou bebida? A carta anterior, que você mesmo falou que apresentava dificuldade, custou dez mil cruzeiros!

— Mas isso que a senhora está fazendo com sua neta é um crime. É como se estivesse envenenando esses dois jovens. Só faria um serviço sujo desse por muito dinheiro.

Shirley, não encontrando outra saída, por saber que já estava nas mãos de um bandido, concordou.

— Tudo bem, já que estou em suas mãos, pode fazer. Quando fica pronto?

— Depois de amanhã, a senhora pode vir pegar. Mas traga o dinheiro, do contrário não vai ter a carta, nem essa, nem outra, caso a madame precise.

Dona Shirley, com o coração carregado de ódio, saiu da casa de Baianinho e foi direto ao banco.

Pedi ao administrador de finanças a quantia de cinquenta mil cruzeiros. O funcionário do banco disse-lhe que havia um procedimento de praxe. Ela teria de fazer uma reserva, pois não tinha todo aquele dinheiro disponível.

— Mas, como a senhora é uma grande cliente, posso arrumar esse dinheiro até amanhã às 14 horas. No dia seguinte, ela pegou o dinheiro e foi à favela levar para o Baianinho. Quando chegou, ele já estava esperando por ela. Alegre, ele entregou os papéis nas mãos dela e disse que poderia conferir e pagar-lhe. Ela olhou tudo com muito cuidado e viu que realmente era uma falsificação perfeita.

Era quase impossível descobrir que não era a letra de André.

Alegre e realizada, dona Shirley pegou a carta, colocou-a dentro de um envelope, efetuou o pagamento e foi embora da favela. Enquanto descia o morro, demonstrava uma satisfação inenarrável.

Para Shirley, aquela maldade tinha sabor de vitória.

Existem pessoas que se sentem felizes fazendo o mal, e até chegam a pensar que estão fazendo o melhor. É comum vermos pessoas que escravizam outras pensando que as estão ajudando a se livrar de um problema. Na verdade, estão atrapalhando, causando um mal maior.

Esquecemos que não devemos interferir na vida do outro achando que podemos escolher o que é melhor ou pior. Cada um possui o seu livre-arbítrio, e cada um está caminhando para a evolução.

Para aqueles que amam, o sentimento vem por meio da inspiração dos amigos espirituais, que trabalham em favor do progresso, da caridade e da fraternidade. Esses pensamentos têm tanta força que são capazes de realizar grandes prodígios.

Aqueles que só pensam em maldade também recebem, por intuição, os pensamentos dos espíritos zombeteiros e perversos, que não querem ver o bem da humanidade, pois trabalham em favor do mal.

Eles ficam felizes ao ver o sofrimento alheio. E cabe a cada um responder por seus atos.

Toda plantação gera uma colheita.

"E assim, caro leitor, desenrolou-se esse fato, entre tantos outros, que afastou por quarenta e sete anos André e Esther, que haviam vivido várias encarnações juntos.

CAPÍTULO 14 DESCOBRINDO OS ERROS DO PASSADO

Como se fosse um filme, nosso irmão começou a mostrar para André e Esther o porquê desse grande afastamento, a Lei de Causa e Efeito.

Em encarnação passada, André, que se chamava Eduardo, conheceu Esther, que se chamava Gabriela. Sua mãe a chamava, carinhosamente, de Gabi. Eduardo ficou completamente apaixonado por Gabriela, uma jovem de vinte e cinco anos, muito atraente, e entre os dois existia grande afinidade, pois já haviam convivido em muitas encarnações anteriores, apertando os laços de afinidade, ora como irmãos, pais e filhos e muitas vezes como marido e mulher. Eles voltaram a se reencontrar e, desta vez, era o momento de cada um cumprir seu destino de forma diferente, tendo por objetivo beneficiar a humanidade com os conhecimentos que traziam em relação à espiritualidade. Eram espíritos maduros e em condições de ser discípulos de Jesus. Mas, infelizmente, estavam envolvidos na questão da Inquisição (nessa época, Gabriela era uma freira muito bonita, que ajudava na Igreja que Eduardo frequentava com a família). Quando os dois se encontraram, Gabriela foi logo puxando conversa com Eduardo.

— Que família bonita o senhor tem!

— Irmã, não precisa me chamar de senhor, chame-me de você, não sou tão velho assim!

— Desculpe-me por tê-lo chamado de senhor! Por ser pai de muitos filhos, julguei mais confortável chamá-lo assim. Seus filhos são lindos.

— Esta aqui é minha esposa.

— Muito prazer! Sou Gabriela, e qual é seu nome?

— O prazer é todo meu. Meu nome é Ana.

— Dona Ana, a senhora está de parabéns! Além de ter muitos filhos bonitos, seu marido também é muito simpático e inteligente.

— Obrigada, Gabriela, você é muito gentil. Realmente sou uma mulher muito feliz, meus filhos são meus tesouros. Não tenho pai nem mãe, e meus irmãos foram todos assassinados. Minha família sofreu muito

com as Cruzadas. Meus pais não tinham simpatia pela Igreja e, por isso, todos foram martirizados.

— Agora as únicas coisas que tenho na vida são meus filhos e meu marido.

— Eu gostaria de conhecer melhor a senhora e sua família. Já que meu mestre está viajando e só retorna daqui a uma semana, poderia lhe fazer uma visita. O nosso objetivo aqui é cuidar do manicômio e também aproveitar para ter maior contato com as famílias, para que possamos ajudar, de alguma forma, no que for possível.

— Será um enorme prazer recebê-la em nossa casa! disse Ana.

Em seguida, Eduardo também disse:

— As portas de nossa casa estarão abertas para recebê-la. Quando quiser nos visitar, basta falar e venho aqui buscá-la. É muito fácil, a cidade é muito pequena. Moramos no centro da cidade, em uma casa grande, um sobrado amarelo.

Antes, porém, que ele terminasse de fazer a descrição da casa, Gabi comentou:

— Eu já vi essa casa e a achei muito linda, só fiquei com medo dos cachorros, que são vários e enormes, não é mesmo?

— Eu adoro cachorros. Tenho muitos em casa e também nas fazendas. É o maior amigo do homem. Muitas vezes, empresto alguns para o pessoal das Cruzadas. Também colaboro com a doação de alimentos, ajudo da melhor forma possível.

— Que coisa bonita que vocês fazem! Poderemos, então, marcar uma visita, já que amanhã estou de folga. O senhor poderia vir me pegar aqui?

— Tudo bem. Venho te pegar mais cedo para que almoce conosco.

Combinaram tudo e, no dia seguinte, perto das oito horas da manhã, lá estava Eduardo no portão da casa dos fundos da Igreja, onde ficavam algumas freiras que colaboravam no manicômio, ajudando aqueles que tinham problemas mentais. Muitos, com mediunidade de premonição, tinham sonhos reveladores, de terror. Nessa época, essas pessoas eram consideradas loucas.

A esposa de Eduardo tinha muitos sonhos e algumas visões, fatos esses constatados no próprio lar, com relação aos filhos. Tudo o que ela sonhava acontecia. Seu marido não via isso como uma coisa boa, e sim influência demoníaca.

Ana sempre contava para Eduardo seus sonhos e as premonições que tinha, e que realmente aconteciam. Eduardo, que gostava muito de sua esposa e precisava dela para cuidar dos filhos, não falava nada na Igreja, porque, se contasse para o padre, ela seria levada à Inquisição e seria presa ou até assassinada, considerada uma bruxa. Ana tinha o extraordinário dom de cura. Quando os filhos adoeciam, ela sabia manipular as ervas, orava e suas preces eram atendidas. Muitas vezes, os filhos eram curados com sua fé e pelo poder magnético que possuía. De vez em quando, apareciam pessoas levando crianças para ela benzer. Ela fazia os benzimentos escondidos, porque, se a Igreja descobrisse, ela poderia ser sacrificada. A freira Gabriela passou o dia todo na casa daquela família. Eduardo mostrou a ela o pomar, os animais, o conforto daquela casa, apresentando-a aos empregados.

Gabriela, muito educada e amável, brincou bastante com os filhos do casal, fazendo nascer ali o início de uma grande amizade com pais e filhos. Ana, confiando no seu carinho e respeitando a mais nova amiga, pensava: "Que alma boa ela tem, por estar dedicando sua vida a Jesus, se afastando do casamento para viver uma vida celibatária!"

No mesmo dia, ao retornar à casa paroquial, Gabriela disse a Eduardo:

— Desça comigo, venha conhecer a instituição.

— Você já veio aqui alguma vez?

— Ele respondeu: Não.

— Não gosto de ter muito contato com pessoas perturbadas. Não tenho paciência para lidar com essas coisas.

— Então entre um pouquinho na minha casa, a única perturbada que pode ter aqui sou somente eu.

Depois de recuar um pouco, Eduardo acabou aceitando e entraram na casa de Gabriela.

— Você mora aqui sozinha?

— Sim.

— No momento, estou morando sozinha, sou a única freira na cidade. Na verdade, minha estadia aqui era para ser somente uma visita, mas, como tenho conhecimento na área da medicina, estou consultando

e medicando os doentes. Estou trabalhando no hospital, e não fazendo serviços para a Igreja, já que tenho mais afinidade com os doentes do que com a Igreja.

— Mas como você, sendo uma freira, não tem afinidade com a Igreja?

— Venha cá, meu amigo, vamos nos sentar aqui. Pegando na mão de Eduardo, ela o levou para seu quarto, onde tinha uma cama de casal muito bonita e o mandou se sentar ali.

Ele se sentou e continuaram conversando sobre o mesmo assunto de antes, quando ela dizia que não concordava com o que a Igreja fazia.

— Acho que as pessoas precisam ter liberdade de pensamento. Cada um deve seguir a religião que escolher. Nem todos são obrigados a ser cristãos. Jesus não obrigou ninguém a segui-Lo, apenas convidou a todos, sem forçar ninguém. Assim, penso que a Igreja está equivocada, e não concordo com as Cruzadas.

— É verdade, mas, se não lutarmos em favor do nosso ideal, a Igreja vai perder o poder.

— Se observarmos por aí, o movimento revolucionário do protestantismo vem crescendo muito, podendo se tornar uma grande ameaça para a Igreja Católica Apostólica Romana.

Mudando de assunto bruscamente, ela perguntou a Eduardo:

— O que você achou do meu quarto?

— Muito bonito, disse ele. Ela continuou:

— Só o quarto que é bonito?

— Você também é muito bonita.

— Você também é muito bonito.

Naquele momento, Eduardo abraçou e beijou Gabriela, e naquele dia começaram um relacionamento.

Gabriela ia sempre visitá-lo em sua casa, junto da esposa e dos filhos. Muitas vezes, ele ia para a fazenda e a convidava para ir com ele, com a desculpa de trazer doações para o hospital.

Os filhos de Eduardo já estavam rapazinhos, e os dois amantes começaram a planejar.

Já que o sonho dela era morar naquela linda mansão, Eduardo mandou os filhos estudar em colégios de padres, e encaminhou a esposa para o manicômio, para fazer um tratamento, alegando que ela tinha problemas mentais, que aquelas previsões que ela fazia não eram normais, e sim coisas de quem tinha problemas mentais. Na verdade, a maior preocupação dele era inventar qualquer desculpa, porque, se falasse que ela tinha o dom de curar, seria considerada bruxa, podendo ser queimada viva.

Como ele tinha muito carinho por ela, por ser a mãe de seus filhos, jamais deixaria isso acontecer.

Por essa razão, inventou uma loucura e chamou os guardas que trabalhavam no hospital para buscá-la.

Ao ser colocada em uma camisa de força, Ana ficou muito nervosa porque não era louca.

Era dotada de muitos conhecimentos e estava completamente de posse de seus poderes mentais, plenamente lúcida. Estava sendo levada à força, vítima de um plano programado entre seu marido e a freira Gabriela, para ser retirada de vez de seu lar e ser internada, para que a freira pudesse ficar livre e ir morar com ele na mansão do casal.

Assim foi feito. Internaram Ana no hospital, subornando os enfermeiros e aplicando-lhe remédios que existiam na época. Aprisionaram-na em uma cela, como se fosse uma pessoa violenta.

Eduardo levou a esposa para esse hospital e nunca mais foi visitá-la. Os filhos, confinados nas escolas, também não recebiam a visita do pai, e o que chegava para eles era a notícia de que a mãe estava inconsciente e não reconhecia ninguém, completamente louca. Assim, afastaram Ana definitivamente de seus quatro filhos. Não demorou muito, e ela veio a falecer de tanta tristeza, por perder sua liberdade sem ter direito à escolha. Nessa situação humilhante e triste, Ana passou a recusar os alimentos, e somente tomava água. Em poucos meses, desencarnou. Para Eduardo foi um alívio, pois os dois amantes estavam livres e poderiam viver tranquilamente. Ana perdeu a confiança em seu marido, único ser vivente no mundo que restava para protegê-la em sua doença, na alegria e também na tristeza.

Amava-o e respeitava-o totalmente. Era uma mulher muito caseira, uma mãe que se preocupava com os filhos. Mas o que aconteceu, nessa época, foi muito triste.

Durante muitos anos os dois viveram em paz, sem sentir nenhuma influência.

Os filhos de Eduardo se formaram e os dois continuaram trabalhando juntos, se casaram e tiveram outros filhos.

André, que nessa época chamava Eduardo, deu uma fazenda para cada filho.

Todos constituíram uma família e viviam dignamente.

Gabriela abandonou a Igreja e a vida religiosa, deixando de ser freira, e passou a viver somente para amar seu marido. A afinidade entre os dois não existia somente pelo poder do sexo, energia criadora que realmente era muito forte entre ambos, mas também por um amor do passado que os unia.

Eram laços muito profundos, e viveram mais de vinte anos juntos, até que a morte veio e os separou.

Chegando ao mundo espiritual, ambos reconheceram o tamanho do erro que haviam praticado.

A Ana daquela época, era a avó de Esther, dona Shirley, que, ao desencarnar, não os perseguiu por ter ficado alienada naquele hospital por vários anos. Demorou muito para reconhecer que desencarnara.

Assim, fizemos toda a preparação necessária para que ela reencarnasse no mesmo círculo familiar, como avó daquela que lhe causou tanto sofrimento.

Nessa encarnação em que André foi Eduardo, ele teve a oportunidade de conviver com seu neto, que, na verdade, era a reencarnação da esposa que ele levava para o manicômio.

Após sua desencarnação, Ana ficou em tratamento por dois anos, que foi o tempo suficiente para que o filho mais velho se casasse. Um ano depois, ela reencarnou como neto de Eduardo.

Todos observavam que o menino não tinha nenhuma afinidade com o avô nem com a avó.

O menino não gostava deles de forma alguma, pois trazia essa marca do passado e não conseguiu perdoar, já que a reencarnação foi muito rápida.

CAPÍTULO 15 AS CONSEQUÊNCIAS DOS NOSSOS ERROS!

Assim, vocês, nesta atual encarnação, tiveram o tempo concedido pela espiritualidade para cumprir sua missão. Na verdade, dona Shirley foi apenas um instrumento. Um dia, vocês a afastaram de seus próprios filhos. Se ela tivesse sido afastada somente do marido, aceitaria. Se tivesse sido colocada como empregada da casa, teria a capacidade de aceitar. Mas perdoá-los por ter sido afastada dos filhos era muito difícil, pois os amava profundamente.

Naquela época, viver num manicômio era muito pior que viver preso em uma cadeia da atualidade.

A Lei de Causa e Efeito foi cumprida.

— Meu amigo e companheiro Alberto, disse André, que loucura eu fiz! Imagine como essa pobre mulher deve ter sofrido! Eu a levei para o manicômio com a consciência em perfeita atividade, saiu à força de seu próprio lar, de uma hora para outra, sem nenhuma explicação!

Esther, em profundo desespero, também fez seu desabafo:

— Como fui malvada em seduzi-lo e por não reconhecer aquela mulher como uma mãe!

— Não tive compaixão ao transformar uma pessoa inocente em uma pessoa doente!

— Sinto-me responsável por sua morte, a dor que sinto agora é profunda, ao ouvi-lo relatando esses fatos, vejo as cenas como num filme em imagens reais.

— Às vezes, eu passava no quarto e pela grade eu a via sentada com a cabeça baixa e ainda perguntava se estava tudo bem, se ela não queria comer ou tomar um copo de leite. Tentava me desculpar, como se eu não fosse a verdadeira culpada por ela estar ali. Mas ela nada respondia. No fundo, eu sabia que o que ela estava sentindo, era a dor de ter sido tirada do lar e afastada do marido e dos filhos.

— A saudade que sentia não era somente dos filhos, mas também do conforto que tinha em seu lar.

— Enfim, eu não sabia o que era o sentimento de uma mãe e não compreendia a dor que uma mãe sente ao ser afastada dos filhos. Hoje reconheço que sua morte foi de tristeza, e fico imaginando o que passava na cabeça dela, vendo tudo e tendo de ficar calada. Eu via e observava tudo, sabia que ela estava em plena consciência e que não tinha nenhuma doença que pudesse levá-la para o manicômio.

— O que ela fazia, eu não considerava crime: curar as pessoas e prever os acontecimentos.

— Para mim, essas pessoas eram abençoadas por Deus, e não amaldiçoadas, como a Igreja pregava.

— Não era influência do demônio. Mesmo vendo aquilo com bons olhos, não tive compaixão, por medo de perder o homem que eu amava profundamente. O ciúme e a inveja me levaram a carregar esse crime.

— Quando eu ficava chorando e triste no canto, com saudade de André, vovó passava perto de mim, olhava, mas não falava nada. No fundo, ela sabia o tamanho do meu sofrimento, sofrimento esse que ela sentiu na própria pele. Inconscientemente, ela estava sendo instrumento da Lei de Causa e Efeito.

— Eu consegui afastá-la de seus filhos por três meses, até a sua desencarnação, e ela afastou André de mim por quarenta e sete anos.

— Tenho certeza de que a dor que ela sentiu nesses três meses, afastada de seus filhos e marido, foi muito maior que a minha.

— Não cheguei à loucura nem cometi o suicídio porque eu tinha as jovens, as crianças do orfanato, que me alegravam. Essa foi a razão da minha vida durante esse tempo longe de André.

— Mas ela não tinha liberdade dentro da prisão, não podia fazer nada, a não ser esperar pela morte.

— Reconheço que eu tinha de passar por isso para saber o tamanho da dor que uma pessoa saudável sente vivendo como prisioneira. Fui prisioneira de minha avó, e descobri isso após a desencarnação dela.

— Hoje, aqui na vida espiritual, agradeço a Deus por saber o motivo de ter passado por aquela provação.

— Estou feliz por ter quitado mais um débito na contabilidade divina.

Nesse ponto, Ernesto interferiu e disse:

— Filha, nem todos estão preparados para conhecer o passado, pois, se pudéssemos ver tudo o que já fizemos, enlouqueceríamos. O importante, agora, é recomeçar pensando no futuro, que será muito favorável para você, pois conviverá novamente com sua avó, desta vez no papel de sogra.

— Sabemos que a sogra é muito ligada ao filho.

— Que você possa tirar muito proveito dessa nova vida. Sabemos que ela tem o coração muito grande, mas o sentimento de preservação da vida e o apego aos bens materiais poderão causar sofrimento para ela nessa próxima encarnação. Mas ela aprenderá muito com você, com seu desprendimento.

— Por isso, agradeça a Deus a oportunidade de ter resgatado um grande débito com sua avó, que um dia tanto te prejudicou, cobrando da contabilidade divina uma dívida que você tinha com ela em uma encarnação passada. A espiritualidade esperou você se preparar espiritualmente para quitar esse débito.

— Até para isso Deus nos dá condições de nos preparar. A misericórdia divina está sempre presente em nossa vida. Ai de nós se ela não existisse! A humanidade não consegue perceber por não ter uma visão espiritual.

— A vida na Terra é uma verdadeira prisão, onde as limitações não deixam o espírito atuar plenamente com seu potencial de raciocínio, e, quando ele deixa a vida física, é considerado um pássaro que sai de uma gaiola e encontra a liberdade. Muitos estão tão viciados em ficar presos que não conseguem alçar voo, sendo necessário retornar à prisão para adquirir mais experiência na vida física.

— É por isso que, para alguns, a reencarnação acontece com mais frequência, enquanto que outros vivem no mundo espiritual por um tempo maior. Esses são espíritos mais preparados e que têm condições de receber aprendizados e servir.

— Eu agradeço a Jesus e ao nosso Pai Celestial a oportunidade de estarmos juntos novamente, disse Esther muito emocionada.

André também falou:

— Eu agradeço pelo retorno com minha ex-mulher. Se eu pudesse, gostaria de um dia recompensá-la por todo o mal que lhe fiz.

— André, você já está recompensando só em reconhecer seu erro e por ter perdoado tudo o que ela fez com vocês. A dor de vocês é muito grande, porque aquele que mais ama, mais sofre quando se ofende.

— Agora vocês terão a oportunidade de estar sempre próximos dela. É muito bom saber que vocês compreenderam o motivo de tudo o que passaram. Mas tem outros fatos a ser narrados, e eu que estava com vocês:

— No ano de 1500, fizemos a pior loucura de nossa vida e causamos enorme sofrimento a muitas pessoas.

— Na época da revolução de Lutero, lutamos contra ele e os camponeses que o acompanhavam.

Lutero criou um grande exército, e nós nos unimos ao exército das Cruzadas. Milhares de camponeses tiveram a vida ceifada. A perseguição, na época do protestantismo, foi uma guerra que destruiu milhares de pessoas. O sangue de muitos inocentes foi derramado por nós, e agora estamos juntos com o objetivo de reconstruir a paz, já que um dia causamos tanta dor. Fizemos enormes escândalos, mas, como disse Jesus: *"Ai do mundo, por causa dos escândalos. Porque é necessário que sucedam escândalos, mas ai daquele homem por quem vem o escândalo. Ora, se a tua mão, ou o teu pé, te escandaliza, corta-o e lança-o fora de ti. Melhor te é entrar na vida manco ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, ser lançado no fogo do inferno."*

Melhor te é entrar na vida manco ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, ser lançado no fogo do inferno."

— E isso foi o que deveríamos ter feito. Cheguei ao fim da vida física na cegueira e sofri amargamente vivendo na escuridão.

— Como soldados nas Cruzadas, fizemos muitos prisioneiros e os prendemos nas cavernas escuras, onde não sabiam se era noite ou dia, e muitos morriam de fome e sede. Deus teve misericórdia de mim, e só passei pela prova da cegueira. Tive liberdade porque, com os conhecimentos do consolador, mesmo cego, nada impedia minha visão espiritual. Foi essa visão que eu tanto valorizei.

— O que pude fazer pela doutrina, fiz com amor e fervor. No fundo da minha consciência, algo me cobrava, me chamando à luta. Não dava ouvidos às difamações.

— Projetaremos as imagens da encarnação anterior de vocês. Vamos observar o encontro dos dois pela primeira vez.

Esther e André começaram a ver uma cena muito agradável e de muita satisfação.

Viram-se dentro de uma grande sala cheia de gente. Era uma corrida de cavalos, e todos faziam suas apostas. Naquele espaço de muita alegria, os dois se olharam pela primeira vez.

Nesse olhar, o fogo da paixão veio à tona, começando, assim, um relacionamento.

Os dois vinham de famílias abastadas, eram filhos únicos e de pais desprendidos, que não calculavam a quantidade de dinheiro que repassavam aos filhos. Tinham tudo o que queriam com seus pais.

A palavra "não" era rara para esses dois jovens.

Muitas vezes, os maiores erros dos filhos decorrem da educação dada pelos pais, que não tiveram coragem de chamar-lhes a atenção. O lar que falta amor, compreensão e bom senso é uma porta aberta para a entrada do egoísmo. O egoísmo, quando chega, traz dois amigos: o orgulho e a vaidade.

Como estavam com o coração aberto ao comodismo, cederam espaço a esses sentimentos, que os acompanharam por toda a vida. Viviam no meio do luxo, frequentando festas da alta sociedade.

Com pouco tempo de namoro, resolveram se casar, e foram morar em uma luxuosa mansão na cidade de São Paulo. Nunca passaram por nenhuma dificuldade. Contavam com vários funcionários somente para servi-los.

Realmente viviam uma vida de rei e rainha, e essa vida farta os cegou para as questões espirituais.

A oportunidade que Deus lhes dera era somente uma forma de utilizar esses recursos em favor daqueles mais necessitados.

Em pouco tempo, depois que se casaram, perderam os pais, e a herança das duas famílias se juntou.

Tinham, sob sua responsabilidade, mais de cem funcionários, que trabalhavam nas fazendas.

Para não terem nenhuma preocupação nem ocupação, já que a vida de ambos era somente gozar o que possuíam, sem produzir, venderam as fazendas e aplicaram o dinheiro em títulos do Tesouro americano.

Até nisso foram egoístas, porque, se tivessem aplicado no Brasil, pelo menos estariam ajudando um país pobre, onde a fome assolava a população. Assim esse dinheiro teria sido mais bem aproveitado.

Mas, buscando uma segurança maior, aplicaram no Tesouro americano, passando a viver como turistas no próprio país. Viajaram e conheceram os pontos turísticos mais interessantes que o Brasil tinha a oferecer. Depois viajaram sem destino.

Conheceram vários continentes. Viveram somente gastando o dinheiro herdado de seus pais.

Não pensavam em assumir nenhuma responsabilidade. Evitaram, de todas as formas, a chegada de filhos que, no caso de Esther, teriam de ser adotivos, já que nascera infértil.

Vocês tiveram muitas oportunidades de receber filhos adotivos. Muitas mães os procuraram para dá-los em adoção, pois não tinham condições de cuidar deles. E o que vocês faziam?

Recomendavam que levassem as crianças para o orfanato de irmã Tereza. Às vezes, passavam por lá e faziam algumas doações para a caridosa irmã. Achavam que isso era o bastante.

Esqueciam-se que o amor fraterno, o contato com a criança, enriquece a nossa vida.

Esther, você se lembra de quando a irmã Tereza chegava trazendo nos braços uma linda criança e te entregava dizendo:

— Veja, Esther, como se parece com você? Olha como é linda!

E você respondia:

— Realmente, irmã, é muito bonita, mas não tenho paciência para lidar com crianças nem tempo.

— Aqui, com a senhora, será muito mais bem atendida, mais bem cuidada, porque a senhora tem o coração muito grande, é uma grande mãe. Eu não me vejo carregando uma criança nos braços, mas

pode contar comigo, que ajudarei no que for possível.

Nessa encarnação, Esther se chamava Clotilde e André, Leonardo. Irmã Tereza não desanimava, sempre que precisava de ajuda, esperava o casal chegar de viagem para buscar as doações, e nessa peregrinação sempre levava uma criança diferente e falava-lhes da importância de ter um filho, mas os dois sempre arrumavam uma desculpa para não assumir nenhuma responsabilidade.

Diziam que tinham medo e que seria difícil, porque viajavam muito e uma criança atrapalharia.

E, para se livrarem da pressão da irmã Tereza, colocavam uma boa quantia em dinheiro nas mãos da freira, que ia embora alegre e satisfeita.

Mas ela sempre insistia, e vocês nunca quiseram dividir seu amor com aqueles que mais precisavam, pensando que isso interferiria no relacionamento de vocês.

Nas cenas que passavam, viam a irmã Tereza chegando e colocando o filho nos braços de Esther, e ela o devolvendo.

— Hoje reconheço meu erro, e sei que tudo o que passei na última encarnação foi por merecimento.

— E se não estive em situações mais críticas, foi em razão da misericórdia divina.

— Sei que tudo o que passei foi muito pouco diante do desprezo que tive por aquelas crianças.

— Pois é, minha filha, muitas daquelas crianças já tinham vínculos com vocês. Mas não se preocupe, você as recebeu, corrigiu e educou. Hoje vivem na Terra, são casadas e têm uma família excepcional, baseada no exemplo que você deixou para elas, como mãe extremosa.

— Para você ver como, às vezes, o sofrimento nos chama à responsabilidade. Enquanto está tudo bem conosco, não nos preocupamos com o próximo. Somente quem sofre é capaz de reconhecer a dor alheia.

— Não podemos esquecer que as facilidades impedem o homem de adquirir a responsabilidade.

— Tudo que vem fácil é menos valorizado. O filho que recebe tudo do pai sem nenhum esforço, não valorizará o que o pai lhe deu de presente. Somente quem lutou com esforço e dedicação sabe como é difícil adquirir bens materiais.

— Mas como o grande objetivo dos dois era somente desfrutar dos bens materiais, esqueceram-se do compromisso com as pessoas que trabalhavam nas fazendas.

Marina interrompeu a conversa e disse:

— Meus filhos, na encarnação passada vocês tiveram grandes oportunidades de ajudar o próximo, mas, infelizmente, não conseguiram. É bom lembrar que herdaram dos seus pais seis fazendas.

— Nessas fazendas existiam, sob a proteção dos seus pais, cem famílias que ali trabalhavam com o objetivo de defender o pão de cada dia.

— Vocês poderiam ter continuado o trabalho com eles e ajudado os filhos deles. Tinham condições de fazer o melhor. Mas, infelizmente, para não terem nenhuma preocupação com funcionários nem problemas com as fazendas, preferiram vender tudo. Investiram essa grande fortuna e passaram a ter rendimentos seguros de uma fonte segura.

— Vocês esqueceram do nosso país, que passava por grandes provações na época.

— O investimento desse dinheiro aqui no Brasil seria muito importante. Vocês ficaram com os olhos fechados no grande egoísmo e na ociosidade, pensando somente em vocês.

— E agora, meus filhos, o que vocês podem nos dizer sobre isso?

Na medida em que aquela triste história ia sendo narrada, André e Esther acompanhavam os acontecimentos em sua visão mental. Visualizando aquela trajetória de desilusão, perceberam que a situação confortável e o dinheiro que possuíam não ajudaram em nada no seu progresso espiritual.

Viveram na Terra como se fossem apenas turistas e esqueceram-se das responsabilidades, pois cada um de nós tem um trabalho a fazer. Deus, quando nos dá a oportunidade da reencarnação, define tarefas para que possamos cumpri-las.

Esther ficou pensando e disse:

— Então foi por isso que não pude conviver com André nessa vida, porque poderíamos repetir os mesmos equívocos do passado.

Alberto olhou para ela e disse:

— Sim, minha filha, o afastamento de vocês foi importante para o crescimento espiritual de ambos.

— Tenho muito medo do meu regresso à vida física, temo falhar mais uma vez, falou André.

— Mas, ainda assim, gostaria de voltar vivendo ao lado de Esther, mesmo se faltassem, para nós,

condições financeiras para a sobrevivência da família. Esse seria o ponto de equilíbrio que não nos deixaria cair. Observamos o nosso passado e, muitas vezes, vimos como o dinheiro nos cegou diante das necessidades do mundo.

Alberto disse com um sorriso:

— André, meu filho, você está completamente certo, mas temos uma tarefa para os dois.

— Realmente, vão reencarnar passando pela provação da pobreza, sem oportunidade de alcançar recursos financeiros, por mais que queiram. A vida de vocês vai ser uma constante luta pela sobrevivência.

— Mas, como o nosso Brasil está recebendo a grande responsabilidade de levar o consolador a várias partes do mundo, temos levado brasileiros para outras regiões para iniciarem o trabalho de divulgação da doutrina espírita dentro dos moldes brasileiros: Deus, Jesus e caridade. A bandeira de Ismael.

CAPÍTULO 16 A NOVA OPORTUNIDADE!

— Já temos uma programação reencarnatória para vocês. Se a aceitarem, tenho certeza de que terão oportunidade de dar um grande salto na sua própria evolução e ajudarão não somente a vocês mesmos, mas também a esse pequeno país.

— Esse pequeno país? perguntou Esther.

— Sim, minha filha, respondeu Alberto.

— Será que não teremos mérito para reencarnar em nosso Brasil?

— Minha filha, mérito têm sim, mas a melhor oportunidade de crescimento espiritual para vocês, no momento, não seria no Brasil.

— Já tivemos uma reunião com os tutores espirituais responsáveis pelo trabalho de abrigar os espíritos em outras terras que não são brasileiras. Dentro dessa incumbência, já encaminhamos também a sua avó.

— Vovó?

— Sim, ela vai reencarnar nesse país. Lá, ela será a mãe de André.

André falou:

— Mas ela não gostava de mim!

— Gostava sim, mas estava equivocada. Desempenhando o papel de proteger a neta, cometeu aquelas loucuras. Mas será uma boa mãe.

— Dona Shirley já se comprometeu a voltar à Terra e ser a mãe de André, só que, desta vez, será esposa do doutor Luís, a quem já providenciamos o processo de reencarnação.

— Dona Laura, a mãe de Esther, desta vez, vai reencarnar como homem, e terá como esposa Marina, a mãe de André na última encarnação, e os dois receberão Esther como filha mais velha.

— Terão o grande compromisso de receber oito filhos no lar.

— Será uma família de dez pessoas que vai passar por extrema pobreza e encontrará muitas dificuldades para sobreviver. Estarão livres do impulso da ambição, da preguiça e do comodismo.

— Terão uma ardente luta com muito esforço, muita fé em Deus e muita dedicação para vencer em busca da própria sobrevivência.

Esther perguntou:

— Meu irmão, será que estamos preparados para um trabalho tão árduo como esse, com tanto sacrifício?

— Sim. Você se encontrará com André em plena adolescência e, em pouco tempo, se casarão e terão o compromisso de receber dez filhos.

— Esses são os filhos do calvário, aqueles com os quais vocês ainda não se ajustaram, que se encontram na erraticidade esperando o momento certo para reencarnar. Serão filhos rebeldes e terão o grande papel de educá-los. São espíritos que, diante das leis divinas, foram desviados por vocês do caminho certo, tendo sido levados à perdição.

— Agora terão a missão de educá-los no bom caminho, no amor, na fraternidade e no perdão.

André falou:

— Irmão Alberto, julgava já ter quitado meus débitos com todos ao executar esse trabalho na Terra.

— Quem dera, meu filho, que fosse tão fácil assim. Estamos errando há milênios, e somente há poucos

anos estamos procurando acertar. Dentro da nossa evolução, precisamos viver por algumas centenas de anos para que possamos reparar os erros cometidos.

— A reencarnação, meu filho, é o pagamento de uma prestação de um empréstimo que foi dividido em centenas de vezes. Cada vez que vivenciamos as provações na Terra e conseguimos vencê-las, quitamos uma parcela. Não podemos nos esquecer que são muitas parcelas.

Esther falou:

— Senhor Alberto, estou muito curiosa, que país é esse em que vamos reencarnar?

— Minha filha, é um país que está recebendo muita ajuda dos brasileiros, e isso os favorecerá muito.

— Lá, terão contato, ainda muito cedo, com o consolador prometido, por meio das obras de Kardec.

— Faremos de tudo para que isso chegue às suas mãos, e tenho certeza de que, ao recebê-lo, serão os divulgadores desses ensinamentos nesse pequeno país.

— Que bom, pois, por meio das obras de Kardec, terei muita facilidade para compreender o motivo do meu sofrimento. Isso vai nos ajudar bastante, disse Esther.

André também comentou:

— Pelo menos temos uma boa coisa a nosso favor. Alberto, então, revelou:

— O país em que vocês vão reencarnar é o Haiti.

— Haiti, meu Deus!

Foi tão engraçada a forma como disseram isso que todos ali presentes não conseguiram manter o equilíbrio, começaram a rir, achando muito engraçado o susto que levaram com a revelação de que iriam reencarnar no Haiti.

Após alguns segundos de alegria, André ficou um pouco sem graça e perguntou ao irmão Alberto:

— Quer dizer que estamos sendo deportados do nosso próprio país?

— Meus filhos, vocês não são obrigados a renascer nesse país, podemos adiar a reencarnação, fazer uma nova programação. Mas tenho certeza absoluta de que para o crescimento espiritual de vocês, o melhor lugar para reencarnarem é no Haiti. Deus sempre nos coloca nos melhores lugares para o nosso crescimento espiritual.

— Lá, encontrarão dificuldades que lhes darão substância para poderem vencer juntos no trabalho de sacrifícios, mas, mesmo assim, estaremos sempre junto de vocês. Não terão oportunidade de abandonar os filhos nem de se esquecer de suas ocupações. As dificuldades não darão tréguas.

— Com a mente bastante ocupada com os problemas sociais do país onde estarão vivendo e com os próprios familiares, vão esquecer com facilidade as lembranças desta vida em que viveram somente no comodismo. Terão muitas facilidades para se libertarem de grandes vícios, como o orgulho, o egoísmo e a vaidade.

— Na última encarnação, vocês superaram muitos desses defeitos, mas bastou se encontrarem na Terra, mesmo que por pouco tempo, para se afastarem dos trabalhos sociais da Casa Espírita, vivendo somente para si mesmos. O que podemos dizer de alguém que só pensa em si mesmo e se esquece dos seus compromissos, das provações do próximo?

André falou:

— Somos pessoas egoístas. Sei que tenho de lutar para destruir esse grande monstro que tenho, ainda, em meu coração.

Alberto continuou:

— Lá, no Haiti, vocês terão condições de fundar uma Casa Espírita e divulgar a doutrina para nossos irmãos que ali vivem com muito sofrimento, um país em que a miséria, as enfermidades de toda ordem se fazem presentes. Todas essas calamidades assolam, sem piedade, seus habitantes e, além disso, no momento atual o país que está atravessando uma guerra civil.

— Irmão Alberto, sei que estamos diante de grande provação. Qual é a razão de esse país para passar por provações tão dolorosas? perguntou Esther.

— Essa provação é o resultado dos muitos anos de escravidão nesse país. O Haiti abriga grande parte dos nazistas, que ali se encontram reencarnados.

— Três milhões de haitianos sobrevivem abaixo da linha da pobreza, com menos de três reais por dia.

— Os haitianos convivem com o lixo, e os esgotos correm a céu aberto. O caos domina a paisagem.

— A antiga colônia francesa foi a primeira a ser descoberta por Cristóvão Colombo.

— A ilha foi batizada de Espanhola. O nome Haiti, ou terra das altas montanhas, veio dos índios aruá.

— Depois de duzentos anos de domínio espanhol, o lado ocidental da ilha foi conquistado pelos franceses, que trouxeram milhares de escravos africanos para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar.

— No fim do século 18, os escravos se transformaram na maior parte da população haitiana.

— Cansados da opressão francesa, declararam a independência.

— Mas, para o povo haitiano, a rebelião não se transformou em liberdade nem em independência.

— Vários ditadores se revezaram no poder durante o governo do médico François Duvalier e seu filho Baby Doc. Mais de trinta mil pessoas foram assassinadas e, atualmente, o país vive uma guerra civil.

— Há corpos estirados nas ruas por todos os lados.

— Sabemos que, brevemente, a situação do Haiti estará normalizada, mas é um país ainda muito sujeito a grandes calamidades públicas, e que passará por muitos desastres naturais. Muitas vidas serão ceifadas por desencarnação em massa. Mas ali habita um povo forte, acostumado a passar por provações.

— O país vai receber apoio de todo o planeta, e isso fará com que fique muito fácil a entrada do consolador.

— Por enquanto, meus filhos, vocês vão para conhecer mais de perto a cultura dos haitianos.

— Ficarão na Colônia Espiritual Alvorecer, situada sobre a capital do Haiti.

— Meus filhos, a luta para criar e educar dez filhos não será fácil num país onde somente haverá emprego em um campo enorme que começa a ser cultivado. Muito cedo, antes de vocês se casarem, terão a oportunidade de conhecer o espiritismo. Na cidade de Porto Príncipe existe uma pequena Casa e um trabalho desenvolvido na área da evangelização, fundada por brasileiros. A família de vocês já está ligada a essa Casa, e vocês terão a grande oportunidade de nascer numa família espírita, sendo evangelizados desde cedo. Receberão doações dos brasileiros por meio dessa Casa abençoada, que tem o papel de distribuir ajuda aos necessitados.

— Depois de casados, continuarão levando o Evangelho, a doutrina consoladora, a um país necessitado.

— Mesmo assim, as dificuldades sempre estarão no caminho de vocês.

— Além da luta para criar dez filhos com o suor do trabalho, ainda terão o compromisso de ajudar nas obras sociais da casa espírita, na evangelização e na divulgação e difusão da doutrina espírita no país.

— Estamos preparando grande quantidade de espíritos que reencarnarão com essa missão.

— É uma Terra fértil para receber o espiritismo dentro dos moldes kardecistas. Em razão da situação que o país está vivendo, o espiritismo encontrará terreno fértil para germinar, nascer crescer e se multiplicar.

— O momento é de agradecer a Deus por esta oportunidade. Tenho certeza, meus filhos, que, apesar das dificuldades, vocês serão muito felizes, porque estarão ao lado um do outro e junto de seus filhos, que terão a obrigação de ajudá-los.

— Não será fácil, porque vocês terão como filhos espíritos recalcitrantes no erro.

— Mas, diante das dificuldades, terão sabedoria e compreensão para educá-los. E eles vão aprender com vocês a humildade, o amor e a fraternidade.

— Tenho certeza de que será uma família muito feliz.

— Lembremos, meus filhos, que a maior parte dos haitianos é formada por ex-soldados que trazem muita experiência em lutas de guerra.

— Ex-soldados? Como assim?

- Foram soldados de Hitler, nazistas do exército vermelho que tinham experiência em lutar para atacar seu inimigo.

— Agora, encarnados no Haiti, terão uma batalha a travar: a luta pela própria sobrevivência.

— Em breve, passarão por um processo de desencarnação coletiva, pois muitos deles, ainda que tenham conhecido o sofrimento, não conseguiram melhorar seus vícios, fazendo parte de quadrilhas e criando forças contra o governo. Outros se envolveram com a política e se tornaram corruptos e exploradores, e nem mesmo com o sofrimento conseguiram a transformação. Todos vão desencarnar nesse terrível cataclismo que vai ocorrer no país. Será um terremoto que causará milhares de mortes, e todos terão seus corpos mutilados. Ao desencarnar, esses espíritos não encontrarão mais abrigo no Brasil, ou nem mesmo neste mundo. Serão deportados para mundos inferiores. No terremoto desencarnarão, também, muitas pessoas de bem, mas que têm o compromisso de passar por essa provação para ficar quites com a Lei de Causa e Efeito. Pessoas de vários países que lá se encontram trabalhando em organizações ou ONGs,

missionários que têm o objetivo de levar auxílio àquele povo necessitado.

— Nessa desencarnação em massa, esses espíritos vão colaborar no socorro aos que estão preparados para ser socorridos e que permanecerão na Terra. Quanto aos deportados, assim que desencarnarem serão encaminhados aos mundos inferiores. Esses já têm um caminho a seguir, não há mais retorno à Terra, pois tudo o que o planeta pôde oferecer a eles, para transformá-los, foi recusado.

— Quando um aluno é expulso da escola, o pai procura outra escola para matriculá-lo, para que possa começar uma nova vida.

— Deus age dessa mesma forma com seus filhos, oferecendo um novo mundo, mesmo que seja primitivo, onde tudo esteja iniciando. Para o espírito rebelde, é o melhor lugar para evoluir, onde errará menos e a luta pela sobrevivência será mais severa. Em mundos assim, o homem vive numa época primitiva.

— Esses planetas podem estar atrasados por vinte mil anos em relação à Terra.

— Nessa altura, André, disse Ernesto, os que serão seus pais já estão encarnados no Haiti, ainda recém-nascidos. Eles passarão por calamidades, mas a vida deles será preservada, assim como a dos pais deles.

— No momento do abalo, não estarão na cidade de Porto Príncipe, mas em abrigos, morando em barracos de lona, longe do grande terremoto que vai assolar o país e que está para chegar.

— Quanto aos que moram em casas, estão sujeitos a passar pelo processo mais difícil, enfrentando o terrível abalo da Terra.

— Estamos trabalhando em uma equipe enorme, que já está se preparando para receber os recém-desencarnados na Colônia Alvorecer, que fica situada nas dimensões espirituais da cidade de Porto Príncipe. É como se estivéssemos montando um grande acampamento à espera de uma multidão que chegará da Terra. Estamos estruturando a colônia e enviando muitos espíritos brasileiros, e também de outras partes do mundo, com o mesmo objetivo de prestar socorro quando ocorrer o grande abalo sísmico.

E Ernesto perguntou:

— Alberto, deu tudo certo?

— Sim, Ernesto!

— André e Esther, vocês estão de acordo?

— Estamos animados em cumprir nossa tarefa na Terra.

— Vamos ao salão de esclarecimento para ouvir uma palestra sobre a Colônia Alvorecer.

Caminhamos por alguns bosques até chegar a um lindo coreto no meio da natureza, e tivemos a oportunidade de ouvir a palestra de um instrutor da colônia.

Fiquei muito surpreso com os esclarecimentos do instrutor e, principalmente, com a organização daquela colônia. A história do fundador da colônia muito me comoveu.

Aos nove anos de idade já se tornara professor muito dedicado aos seus alunos.

Até o momento, já conhecia muito da história de nosso mentor maior, Eurípedes Barsanulfo.

Tivemos a oportunidade de rever sua trajetória na Terra, desde o nascimento até a desencarnação, por meio de filmes que foram gravados no cosmo. Para todos os que estavam na colônia, era como se tivéssemos alcançado grande prêmio. Realmente, era um exemplo de amor, dedicação e trabalho.

Durante sua vida na Terra deixou muitos ensinamentos.

Ernesto, lendo meus pensamentos, disse:

— Realmente, André, esta colônia está recebendo uma nova missão em razão do êxito alcançado por nosso benfeitor Tio Eurípedes. Estamos preparando espíritos vindos de várias colônias espirituais do Brasil para fazer cursos preparativos a fim de reencarnar em outros países, que precisam ser preparados para receber o Consolador.

— Estamos trabalhando com a missão de levar espíritos para reencarnar em todos os países e continentes do mundo. Quando o Evangelho estiver levando os ensinamentos de Jesus para os quatro cantos do mundo, o mundo será muito melhor para viver e temos certeza de que a atmosfera crística estará mais próxima da Terra. Os homens terão maior sintonia com o Criador. Assim, a Terra alcançará o limiar do mundo de regeneração. Esse é o papel da doutrina espírita.

— Os princípios espíritas fazem parte das leis naturais, pois são frações de ensinamentos da lei.

— O homem tem conhecimento desses princípios, que um dia serão a lei do homem na Terra, quando o planeta passar à condição Mundo de Regeneração. Quanto mais o homem evolui, mais suas leis se

aproximam das leis de Deus. É um processo natural, que ocorre em todos os mundos que estão passando por transformação.

— Quando o progresso chega à Terra, primeiro passou pelo mundo espiritual. Muitos ficam admirados com o avanço tecnológico que o planeta está vivendo. Outros se admiram com as grandes instituições de caridade que trabalham em favor do próximo, com as ONGs que levam auxílio, com sinceridade e dedicação, aos necessitados, atuando em várias partes do mundo. Mas todos esses espíritos, antes de reencarnar para assumir essa missão na Terra, foram preparados em cidades espirituais como esta aqui e, mesmo encarnados, têm acesso aos seus arquivos do período em que passaram por essas dimensões, e todos são muito bem amparados por seus mentores espirituais.

— Para nós, que estudamos nesta grande escola, o maior exemplo foi deixado pelo próprio fundador, que uma vez por ano vem aqui nos visitar. Nesse momento podemos ouvir seus ensinamentos para os colocar em prática no decorrer do ano.

Esther ficou emocionada ao ouvir os relatos do instrutor Ernesto e por terem visto as cenas dos arquivos da vida missionária de Tio Eurípedes, como é chamado por todos na colônia.

Muitos tinham acesso às suas reencarnações passadas, o que dependia muito da evolução de cada um.

Muitos estavam ali de passagem, apenas se preparando para uma nova reencarnação na Terra.

Outros já se encontravam na condição de instrutores. Os samaritanos e instrutores tinham acesso, não somente a essa vida de Eurípedes, mas a outras que marcaram o seu caminho evolutivo.

Esses acessos davam mais entusiasmo para que continuassem no trabalho com mais fervor e dedicação.

— Vocês terão um prazo de adaptação às origens africanas. O Haiti tem uma cultura muito diferente da brasileira, e vocês terão oportunidade de aprender muito. O período de preparação leva certo tempo, e o país estará muito melhor quando vocês encarnarem. Não passarão por tantas provações, como ocorre atualmente, mas nascerão em um país completamente destruído geologicamente.

— Terão a incumbência de ajudar na reconstrução do país. Muitos brasileiros reencarnarão nesse país com o objetivo de alavancar o progresso espiritual dos haitianos.

— Lembrem-se, meus filhos, que atualmente muitos espíritos estão sendo despejados da Terra, como um inquilino que não pagou o aluguel, e indo para mundos inferiores. A Terra está passando por uma grande transformação moral e intelectual. Aqueles que não conseguirem acompanhar o progresso, não poderão mais continuar aqui.

— Olhem, meus filhos, o que está acontecendo com vocês é a bênção de Deus, dando-lhes a oportunidade de reencarnar todos juntos. A diferença é que estarão nascendo em outro país.

— É mais difícil para os que estão encarnando em um país desconhecido, com pessoas com as quais não tiveram convivência.

— Mais difícil, ainda, é para os que estão encarnando no seio dos seus grandes inimigos.

— No caso de vocês, terão uma família de espíritos afins, que já estão reencarnando.

— Terão facilidade para vencer as dificuldades.

— As provações e os conflitos familiares não vão afetar o seu lar. As provações no lar são o ponto de destruição de qualquer família. É onde estão os grandes conflitos da humanidade.

— Feliz daquele que consegue estar em um lar equilibrado, ao lado de espíritos afins.

Esther falou:

— Realmente, eu observei que essa é uma grande oportunidade para todos nós, um grande ponto de apoio. Quando um começar a cair, o outro vem e o segura. Tenho certeza de que, mesmo em um país pobre, um dos mais pobres do mundo, nós seremos muito felizes.

Alberto falou:

— Sim, minha filha, é nessas terras que aprendemos a dividir o pão como Jesus dividiu na ceia com os apóstolos.

— É nesses momentos que aprendemos a renunciar em favor dos que mais sofrem.

— Lembrem-se dos grandes missionários que passaram pela Terra.

— Vejam a madre Teresa de Calcutá, que passava pelas ruas recolhendo homens que estavam vivendo um grande sofrimento, pois aqueles que para os indianos não tinham mais cura eram jogados no lixo.

— Madre Teresa os recolhia e cuidava deles. Muitos dos que foram recolhidos no lixo se recuperaram.

— Sempre foi assim: onde há dor e o sofrimento, o amor está por perto, porque Jesus veio para os

sofredores. Os doentes é que precisam de médico. Assim Ele disse: Sabemos que há doentes da alma e doentes do corpo físico, mas a verdadeira enfermidade se encontra na alma, esta é que tem de ser curada.

— Convivendo com o sofrimento dos outros, despertamos o nosso coração para o verdadeiro amor.

— O mundo é uma grande escola, e feliz daquele que procura saber viver com alegria e motivação.

— É como o Sol que sempre vem clarear mais um dia que chega. Uma esperança de mais uma oportunidade a ser encontrada na vida. O amor é um campo florido e, quando murcha uma flor, aparecem outras ainda mais bonitas.

— Assim, também, tem de ser o nosso coração, precisa estar sempre irradiando luz para os que sofrem no mundo da amargura e da tristeza da decepção.

— Irmão Alberto, perguntou André, quando estaremos de partida para a nova pátria?

— Daqui a dois meses.

— Esse tempo é o bastante para os preparativos da viagem. Enquanto isso, receberão a presença do instrutor Ernesto, que virá mostrar a colônia espiritual para vocês. Daqui a dois meses, voltarei para providenciar a partida para a Colônia Espiritual Alvorecer. Vocês ficarão encantados com as belezas que o lugar possui.

Depois daquelas explicações, irmão Alberto se despediu de todos e se retirou.

CAPÍTULO 17

TEMPO DE RECOMEÇAR

Aquela noite foi de muita expectativa para André, pois, pôde refletir bastante sobre a ida deles para outro país. Estava muito ansioso para conhecer o Haiti e a Colônia Espiritual Alvorecer.

No dia seguinte, Ernesto chegou e cumprimentou a todos com muito carinho e disse:

— Levarei vocês para conhecerem os vários setores de evolução que o homem estuda na Terra.

— Buscaremos, nessas universidades, oportunidades de nos aperfeiçoar cada vez mais, para que quando reencarnarmos, dentro do campo do aprendizado da nossa missão, seja mais fácil acertar.

— O médium que vai ser um grande missionário na Terra, que reencarna com essa missão de exercer sua faculdade em favor do próximo, desenvolve aqui sua sensibilidade espiritual por meio das intuições, para que, quando estiver reencarnado, tenha facilidade para estar em sintonia com os bons espíritos e executar um bom trabalho.

— Assim também ocorre com o professor, o engenheiro, o administrador, o administrador de cidades ou de países, os políticos. Todos eles fazem seu curso aqui, com o objetivo de acertar. Sabemos que o acerto não é fácil, mas, pelo menos, eles são preparados.

Depois de conversarem bastante, entraram no prédio da universidade. Ficaram surpresos ao ver o tamanho dos edifícios, a quantidade de espíritos que frequentavam os cursos e a imensa beleza do lugar. Saíam de um prédio e entravam em outro. Entre um edifício e outro havia grandes jardins floridos, muitas fontes luminosas, águas cristalinas que jorravam de pequenas cachoeiras, criadas pelos instrutores da cidade, sendo que algumas alcançavam 20 metros de altura, onde as águas cristalinas batiam e formavam uma pequena nuvem. Era uma beleza inigualável.

Naquele lugar, o verde e a água eram abundantes. A beleza exuberante das flores não poderia ser comparada à da Terra.

Eles tiveram a oportunidade de ver grande parte da universidade e conhecer vários setores de atividade intelectual e moral, duas partes que caminham juntas na área do aprendizado.

Ernesto falou:

— Meus filhos, em nível de aprendizado, de avanços tecnológicos, esse campo universitário é o maior, mas temos vários outros setores aqui, e cada um tem o objetivo de libertar as criaturas.

— Temos o setor de reparação.

André interrompeu, perguntando:

— Como assim, setor de reparação?

— É onde os espíritos que trouxeram grandes faltas da Terra assumem um novo compromisso de reparação dos seus débitos.

— Aqui se preparam, juntamente com seus próprios algozes, com quem terão uma convivência longa na

Terra, e isso requer a presença de muitos trabalhadores, porque há muitas lamentações e reclamações, pois todos exigem seus direitos. É como uma família que se desfez e é necessário refazê-la.

— Ninguém faz mal a um desconhecido. Geralmente, quando fazemos mal a alguém, já o conhecemos.
— Ninguém é inimigo de quem nunca viu. A maior parte das inimizades ocorre entre os que, um dia, se amaram.

— Para nós, espíritos imperfeitos, o amor e o ódio andam muito próximos. Olhando a vida na Terra do plano espiritual, podemos até achar muito fácil acertar. Mas, para os que lá habitam, que passaram pela prova do esquecimento do passado, é muito difícil.

Entramos naquele enorme edifício onde se encontravam, participando dos estudos, mais de cem famílias. Visitamos algumas salas. Cada sala era um grupo de familiares que ouviam palestras.

Pudemos ouvir algumas palavras dos instrutores que nos chamaram a atenção:

— Na vida em família, todos têm de renunciar em favor de um bem maior, que é a boa convivência.

— Se um não respeitar o espaço do outro, surgirão sérios problemas na família. Conselho não é gritaria nem ameaças. É preciso ter paciência, falar na hora certa, com educação e respeito, com amor e compaixão, sem agressões verbais. É necessário muito diálogo.

— Há famílias que se comprometeram com a educação dos filhos. Em vez de corrigi-los pelos erros que cometiam, ofereciam presentes se parassem de errar ou se fossem bem nas provas.

— Há pais que compraram os filhos com guloseimas e brinquedos, quando o correto seria o diálogo, pois a educação é fundamental para as crianças. A moral é necessária para todos. O aprendizado somente serve para aquele que o possui, é importante para quem aprende.

— Muitos pais enganam os filhos com falsas promessas ou ameaças que nunca serão cumpridas, nas quais as crianças já não acreditam mais. Os pais perdem a moral de educá-los porque só pregam mentiras e ameaças. É impossível, para esse filho, compreender esse tipo aprendizado.

— Os pais que estão estudando aqui, ao retornarem à Terra, terão nova concepção de educação.

— Estão aprendendo a ser filhos, para depois entrarem em outro curso no qual aprenderão a ser pais.

— Assim, terão êxito quando estiverem novamente vivendo em família.

— Esther, no momento atual, a maior preocupação aos pais é atingir melhores condições financeiras para dar maior conforto aos filhos. Buscam o crescimento na área profissional, dedicando-se a cursos superiores para atingir uma confortável situação financeira e deixar uma boa herança para que os filhos não passem por dificuldades. Hoje em dia, essa é a maior preocupação da maioria das famílias.

— Mas isso está mudando. Ao adentrarmos o terceiro milênio, a maior preocupação dos pais será a condução dos filhos no bom caminho, no conhecimento moral, sendo que este último é o maior crescimento intelectual.

— A família gastará mais tempo com a educação dos filhos do que na luta para a sua manutenção.

— Todos saberão que um filho educado nos princípios cristãos será o melhor candidato a entrar numa empresa e um bom funcionário. Atualmente, já existem empresas que, nas entrevistas, valorizam muito a parte moral do candidato. Para muitas delas, isso vale mais que a parte intelectual.

— De que adianta uma pessoa ter grandes conhecimentos, ser um bom profissional, mas não ter educação, cuidado com as palavras e não respeitar ninguém?

— A empresa viverá em constante conflito, porque esse profissional poderá trazer maior conforto financeiro para a empresa, mas, por outro lado, será o grande causador de discórdia no relacionamento com os companheiros. Esses requisitos na área comportamental, no terceiro milênio, serão muito importantes para os que buscarem um trabalho.

— Todos nós teremos de buscar o equilíbrio moral, pois, somente por meio dele, vamos ter condições suficientes para fazer um mundo melhor, com uma humanidade mais justa, combatendo as grandes calamidades que atualmente assolam o planeta Terra, como o desequilíbrio na área sexual, que ocasiona muitos crimes, e o aumento ao uso aos entorpecentes e das drogas ilícitas.

— Para os homens que já atingiram a moral, tudo isso não terá mais nenhum valor.

— Não é que elas desaparecerão da Terra, pois fazem parte da natureza, mas o homem não dependerá mais delas para ser feliz, porque o bem-estar que vem do coração, por meio do conhecimento das questões espirituais, dará força ao homem para não entrar em processos depressivos.

— Quem vivência os ensinamentos de Jesus, respeitando o próximo, ajudando seu irmão a se levantar, é

feliz. Quem ama e conhece o verdadeiro amor não entra em depressão nem em estado de tristeza.

— Aceita a vida agradecendo a Deus por todos os momentos, sejam eles bons ou ruins.

— Quem ama e tem uma vida conduzida pelos ensinamentos cristãos não passará por necessidades, porque o próprio Cristo disse: "Buscai o reino do céu e o resto virá por acréscimo". Sendo assim, ele terá seus méritos.

— Assim analisando, com o investimento da família na educação e o desenvolvimento tecnológico do planeta, o homem terá mais tempo para investirem seus filhos. Entenderá que não poderá deixá-los diante do computador ou de veículos de comunicação recebendo influências de um mundo no qual o desequilíbrio se espalha.

— O filho, antes de ganhar um computador, terá de ser preparado para lidar com ele, e saberá o que é certo ou errado. Não viverá na fantasia, mas sim na realidade.

— Os pais terão mais tempo para estar com os filhos. Chegará o momento em que essa correria do dia a dia atual que a humanidade está vivendo chegará ao fim. Toda euforia dura pouco, e tudo que vem com equilíbrio é eterno, como as leis de Deus, e o homem um dia aprenderá a lidar com isso.

— Os espíritos que estão reencarnando na Terra já saem daqui preparados, e os que não conseguem se adequar ao desenvolvimento do planeta, na área da moral, perderão a sintonia e serão levados a viver em mundos compatíveis sua evolução.

— Os tempos estão chegando. Deus sempre nos dá uma nova oportunidade, e a Terra está vivendo um momento de transição. É um processo natural. A transformação de um mundo, que passa de um estágio para outro. Por isso o Cristo disse "Há muitas moradas na casa de meu pai". Moradas para seus filhos não faltarão.

— Esse diálogo envolve todos da família, dos mais velhos aos mais novos. Podemos dialogar até com aqueles que estão para chegar, que ainda se encontram no ventre da mãe. O diálogo com eles é muito importante, pois nessa fase o espírito está receptivo e pode nos entender melhor. As nossas palavras, os nossos sentimentos e até os nossos pensamentos, tudo influi no desenvolvimento dessa criança.

— Hoje, as escolas da Terra orientam os educadores que bater não educa a criança, e pode traumatizá-la.

— O correto é manter um diálogo com elas, com amor e carinho. Explicar que nem tudo o que ela quer está ao alcance dos pais. Não fazer falsas promessas, porque o filho não se esquece do que lhe foi prometido.

— Os espíritos que vão reencarnar na Terra estudam essas lições aqui para que, ao chegarem lá, dêem o exemplo de uma boa família. As famílias do terceiro milênio estão estudando muito o lado social do convívio com seus familiares. Esse processo de reeducação vai mudar rapidamente o nosso planeta, porque existem escolas como esta em todas as colônias espirituais.

— A grande preocupação da espiritualidade, hoje em dia, dentro dos processos reencarnatórios, é com a educação da família, para que seus membros possam melhorar o convívio no lar. Os espíritos que estão renascendo na Terra têm grande capacidade intelectual, mas pouco conhecimento moral.

— Agora é necessário abordar o conhecimento moral, porque somente a solidariedade, o amor, o dever e o conhecimento das causas vão proporcionar o entendimento nessas famílias. Muitas coisas que os pais não tinham coragem de dialogar com os filhos, agora, no terceiro milênio, terão coragem de falar francamente com seus rebentos. Exemplo disso são as doenças sexuais que podem ser adquiridas e os malefícios das drogas.

— Muitas vezes, os pais não falam sobre a sexualidade nem sobre as drogas em casa, criando um tabu sobre o assunto. Mas os filhos descobrem até mesmo na porta da escola.

— Nos dias de hoje, as crianças de três, quatro anos já são instruídas a não receber tudo o que as pessoas lhes oferecerem. Elas já têm conhecimento do que é certo ou errado. Basta que as ensinemos com sabedoria, exemplos e falando na sua própria linguagem.

— A presença do pai e da mãe no lar, junto com os filhos, é muito importante. Os filhos só mentem para os pais que os amedrontam. Os pais que são sinceros com seus filhos cultivam a confiança recíproca.

— E o filho se sente seguro ao contar a eles tudo o que acontece em sua vida. Ele tem o pai como um grande amigo, não como um carrasco, que, ao descobrir qualquer coisa errada, ao invés de dialogar, prefere lhe dar uma surra. Fazendo isso, pensa que o filho vai ter medo e, tendo medo, vai deixar de fazer as coisas erradas. Mas isso não acontece. Escondidos dos pais, os filhos fazem coisas terríveis.

— Não veem os pais como um amigos, mas como adversários.

— Estas são as escolas da família, disse Ernesto.

— Estas famílias já estão prontas para voltar à Terra e ter uma nova vida, em condições muito melhores, com seus próprios filhos.

— Senhor Ernesto, tenho notado uma diferença aqui. Não vejo mais aquelas famílias enormes que via quando estive na Terra, de oito a doze filhos! Já vi família com até vinte filhos! falou Esther.

— Aqui, as famílias são pequenas, de dois, três, quatro. São poucas as que passam de quatro filhos.

— Gostaria de saber por que houve essa modificação tão radical em tão pouco tempo.

— Minha filha, além das famílias que estão aqui, algumas têm mais filhos. Você pode observar aquele grupo que está lá na frente, nas últimas poltronas, eles têm oito filhos. Naquela do outro lado, eles têm seis. Na que está na porta de saída, quatro. Essas que estão aqui, mais próximas a nós, têm dois, três.

— Mas nossa maior dificuldade é que, muitas vezes, preparamos uma quantidade suficiente para que a família possa receber. E ao chegar à Terra, elas fecham a porta de entrada dos processos da reencarnação, evitando ter filhos, adiando para bem mais tarde. Até que chega um momento em que a pessoa já está com a idade tão avançada que não tem mais condições de ter a quantidade de filhos que foi programada aqui. Poucos ainda cumprem o compromisso assumido, mas sempre deixam alguns para trás.

— Então temos de fazer uma nova programação, tentando encaixar esses filhos dentro da família, como netos, sobrinhos e assim por diante.

— Então quer dizer, senhor Ernesto, que desde aqui de cima nós começamos a errar? perguntou Esther.

— Não, minha filha, todos vão à Terra com boas intenções, ninguém sai daqui pensando em deixar alguém para trás. Sai pensando em levar todos e realizar tudo o que foi programado, principalmente em nível de educação. Mas, chegando à Terra, entra o processo de esquecimento dos compromissos assumidos aqui no mundo espiritual. Com a luta do dia a dia pela sobrevivência, que não é tão fácil assim, fica muito forte o materialismo.

— Esse é um esforço de grande trabalho material. Nas grandes empresas, você tem de ser não somente bom, a concorrência exige que seja sempre o melhor. Entrando nessa corrida, já que o mundo não para, os compromissos assumidos aqui no mundo espiritual são esquecidos, e os filhos ficam por último.

— Dentro desse grupo, aquelas famílias que vão com uma condição financeira melhor são as que menos conseguem cumprir a missão. As que vão passando pela prova da pobreza, conseguem maior êxito, porque começam o processo de procriação mais cedo.

André, que ouvia tudo calado, perguntou:

— Senhor Ernesto, como nossos ouvidos são tapados quando chegamos à Terra? Não conseguimos ouvir as questões espirituais!

— É, meu filho, não somente os ouvidos, mas os olhos também. Muitas vezes, os que estão vinculados aos bens materiais não conseguem levantar o olhar, já que olhando para cima veem que estão sob o comando de um ser superior, que é Deus. Para baixo também não olham, porque, se olharem, verão seus irmãos necessitados.

— A riqueza, meus filhos, é uma grande prova, que pode nos levar à cegueira da alma.

— Mas existem ricos que nem parecem que o são, pois conseguem usar seus bens em favor de todos os que estão sob sua responsabilidade. A riqueza é uma prova muito difícil, porque desperta ciúme, ambição e inveja. E, assim, a vida na Terra passa a ser uma prisão.

— Aqui temos uma visão geral do que vai acontecer conosco, porque estamos em liberdade, fora da influência da matéria.

— Todas essas famílias que vocês estão vendo aqui, fazendo sua programação de reencarnação, vão à Terra com o compromisso de ter uma vida religiosa. Muitas delas vão reencarnar em outros países, com o objetivo de levar o consolador prometido.

— Há pessoas que vão com a missão no catolicismo, no evangelismo e também no espiritismo, que são as três maiores religiões em nosso Brasil. No terceiro milênio, o homem terá maior compromisso com sua própria religião. O grande preconceito que existe entre elas, aos poucos, desaparecerá.

— As verdades serão esclarecidas. Não terá mais lugar para a falsidade e a mentira.

— O trabalho ecumênico em prol da proteção do planeta fará a união de todas as religiões do mundo com um só objetivo, que é a estabilidade do bem-estar da humanidade.

- Com o avanço da ciência, descobrindo os princípios básicos da doutrina, em pouco tempo ela estará em todas as religiões. Não haverá lugar para doutrinas comodistas e individualistas.
- A união entre todas as religiões do mundo vai prevalecer. O mundo de provas e expiações já não será o mesmo. Estamos entrando em um mundo de regeneração, onde o bem superará o mal.
- A grande pressão que a Terra está sofrendo hoje, com a influência das trevas, é transitória.
- Um novo sol está chegando, e as trevas desaparecerão com a claridade do sol de um novo dia.
- É a esperança de dias melhores. As trevas não poderão viver aqui e sumirão naturalmente, como os processos da natureza. Tudo acontece na hora certa, no momento certo.
- Nada está estagnado, tudo está em evolução.
- Se olharmos pelo lado espiritual, podemos observar que a transição já está acontecendo.
- Casas como essas de preparação de reencarnação, com reconciliação entre famílias, núcleos educandários, onde os espíritos se educam para voltar à Terra com um nível de convivência melhor, isso está se espalhando pelo mundo todo.
- Estamos vivendo um processo de regeneração, que só falta chegar à Terra. Espíritos de outros mundos mais evoluídos estão chegando para ajudar na regeneração e reencarnando na própria Terra para o desenvolvimento do progresso moral e intelectual.
- Por outro lado, temos espíritos, aqui, que estão sendo deportados para mundos inferiores, e isso já ocorre há muito tempo. Atualmente, o número de espíritos é muito maior. Eles estão fazendo essa viagem mais ostensivamente. O planeta está passando por uma seleção, e aqueles que não conseguirem atingir um grau de progresso suficiente para ficar, serão convidados a ir para mundos de acordo com seu grau de evolução.

CAPÍTULO 18 A BÊNÇÃO DO RECOMEÇO

No prazo de dois meses, nossos personagens tiveram oportunidade de conhecer vários setores da colônia. O setor que recebe os desencarnados, as enfermarias, os hospitais-escolas, onde os espíritos aprendem a se transformar em novos trabalhadores para atender as casas transitórias vinculadas à colônia e os núcleos hospitalares.

Tiveram, também, a oportunidade de conhecer alguns setores onde ficam irmãos que passam por situações calamitosas. Nesses locais, ficam internados espíritos que trazem fixados em suas mentes casos de loucura e são internados em lugares separados, porque não podem nem conseguem conviver com os que já estão em melhores condições. André notou, nessas repartições, a paciência e a tolerância dos enfermeiros. Os pacientes gesticulavam e reclamavam o tempo todo, sempre falavam a mesma coisa, como se fosse uma música que não parasse de repetir, como se fosse um disco arranhado.

Os irmãos que trabalhavam no atendimento usavam passes magnéticos e transfusões de energia para recuperar os espíritos obsediados, muitas vezes por si mesmos ou por seus familiares que ficaram na Terra, que não paravam de falar neles e continuavam cobrando suas presenças. Isso os fazia enlouquecer no mundo espiritual.

Era possível presenciar muitas lamentações daqueles que não conseguiram cumprir sua tarefa como pai, os que não conseguiram cumprir sua tarefa no campo da política, que falharam no campo religioso, ou alguns médiuns que não conseguiram cumprir sua missão, espíritos que se acomodaram na Terra, na sua vida familiar, esquecendo os compromissos assumidos perante a mediunidade e os trabalhos que deveriam ser desenvolvidos na Casa Espírita. Ali existiam lamentações de todas as ordens.

Pastores falidos que tinham a missão de conduzir um rebanho para a divulgação do cristianismo e, chegando à Terra, ficaram cegos diante dos interesses materiais.

Naquele grande complexo, era possível presenciar de tudo. Tudo o que imaginássemos encontraríamos lá: mães que faliram no casamento, mulheres que tinham o abençoado papel de serem mães, mas ficaram o tempo todo evitando os filhos para não estragar seus corpos.

Ali se lamentavam por não terem recebido seus filhos, por não terem cumprido o que prometeram. Presenciaram, também, tristes lamentações de médiuns que tinham o compromisso de divulgar a doutrina espírita, de ser um exemplo, mas que fizeram mau uso da mediunidade.

Eram dotados da mediunidade de cura e tinham o objetivo de ajudar aqueles que os procuravam, mas acabaram vivendo de doações e presentes. Quando ajudavam alguém, cobravam altos valores por essas curas. Viveram da mediunidade.

Outros tinham o compromisso de cuidar do bem-estar do movimento espírita entre os fraternistas e seus próprios irmãos de ideal, radicalizando o movimento. Ao invés de elogiar, estavam sempre contestando, incentivando rituais na Casa Espírita, fazendo-se de Kardec e, às vezes, até dizendo que ele estava ultrapassado.

Esses médiuns nunca estudaram as obras de Kardec profundamente nem as obras do Chico Xavier, que é a continuação do espiritismo. Obras essas que a humanidade gastará mais de 200 anos de progresso para compreender.

A própria ciência materialista tem descoberto muitas coisas que a doutrina espírita já nos revela desde 1857. Esses médiuns individualistas pregavam que a doutrina estava ultrapassada.

Despertavam no mundo dos espíritos como loucos, porque a própria consciência os cobrava, já que ela é o grande tribunal do espírito.

Aqueles que conseguiram, enquanto estiveram na Terra, estudar e vivenciar as obras de Kardec, sentindo Jesus no coração, chegam aqui em situações de alegria.

É muito doloroso, mas, infelizmente, ainda existem muitos irmãos na Terra, seguidores de religiões, causando os mesmos problemas que levaram esses irmãos a passar pelo que estão passando.

Mas Deus dará novas oportunidades a eles para recomeçar, e em melhores condições.

Após o tratamento deles nessa ala de lamentações, serão levados para as escolas de educação moral e intelectual. Nessas escolas receberão ensinamentos muito importantes para seu crescimento espiritual.

E voltarão à Terra com a mesma missão. Assim, terão melhores condições de acertar.

Nem sempre as pessoas acertam, muitos são recalcitrantes, mas Deus nunca deixa de nos dar novas oportunidades de reparar os nossos erros fazendo o bem, que é a melhor forma de quitar nossas dívidas, seguindo o grande ensinamento de Jesus: "Amarás uns aos outros como eu vos amei".

Para amar o nosso próximo, temos de, primeiramente amar a nós mesmos.

Compreender as nossas dificuldades e, assim, entender que, infelizmente, somos espíritos que se encontram em evolução, sujeitos a cair.

A grande dificuldade que eles encontram no tratamento é o exercício do autoperdão.

A lamentação, em si, é prejudicial, mas a lamentação com a reparação é produtiva.

Ao voltar à Terra em condições diferentes, terão uma grande oportunidade de acerto.

Não vamos dizer que todos acertarão 100%, mas temos certeza de que o melhor será feito por eles.

Dentro da lei do progresso, estamos sempre melhorando, mesmo que seja aos poucos, porque, ao chegar à Terra, nossa própria consciência nos cobrará, mesmo que intuitivamente. Não nos lembraremos de nada que aconteceu, mas teremos uma grande preocupação em não perder tempo, estaremos sempre dispostos a ajudar.

Ernesto retomou a palavra e disse:

— Olhem, meus filhos, grande parte das pessoas que se encontram na Terra realizando um trabalho social com muita dedicação faz isso não somente por amor, mas pela consciência culpada por um ato infeliz em uma vida passada.

Após várias explicações do nosso irmão, André e Esther tiveram oportunidade de visitar outras escolas. Uma delas chamou muito a atenção de André: era uma escola onde se encontravam crianças com idade de três a sete anos. Elas, ali, passavam pelo aprendizado como as crianças na Terra, vivenciando a infância.

Muito curioso, André perguntou:

— Meu irmão Ernesto, por que esses espíritos continuam vivendo como se fossem crianças e ainda estivessem na Terra, vivenciando a infância em nível de desenvolvimento?

— São crianças que desencarnaram na Terra na fase da infância, muitas com três, quatro meses de idade.

— Por isso é necessário chegar aqui e continuar vivenciando o tempo de infância. A infância é um tempo de grande aprendizado para o espírito, seja na Terra ou aqui, no mundo espiritual.

— O processo de reencarnação é muito importante para todos nós. No momento em que o espírito se prepara para reencarnar, ele passa pelo esquecimento do passado, que é uma grande bênção de Deus.

— Com isso se torna mais fácil reparar nossos erros na convivência com nossos adversários que se encontram a caminho, muitas vezes, em nossos próprios lares.

— Voltando à pátria espiritual, trazemos o esquecimento do passado, e o espírito tem a grande oportunidade de crescer naturalmente, como se estivesse vivendo na Terra.

— Aos poucos, vai se lembrando do seu passado, de acordo com os ensinamentos recebidos aqui.

— Veja o trabalho dessas crianças, como é importante o nosso convívio com elas!

— Há grupos aqui que têm a missão de cantar e levar alegria aos pavilhões onde há muita tristeza e lamentação.

Esther falou:

— Aqui tem de tudo, não é?

— Sim, minha filha, disse Ernesto. A Terra é uma cópia do mundo espiritual. Tudo o que há na Terra, há aqui no mundo espiritual, só que aqui a perfeição é muito maior. Não esqueçam de que estamos em uma colônia espiritual bem próxima da Terra. Sabemos que existem outras colônias em condições bem melhores que a nossa.

Esther falou:

— Quem me dera que na Terra tivesse uma organização tão perfeita como a que existe aqui.

— O mundo seria outro.

- Minha filha, aqui nos encontramos em condições de regeneração, principalmente na parte dos trabalhadores.

— Um dia tudo isso chegará à Terra, e será em breve, porque o progresso não para.

E, assim, continuaram a conhecer aquela linda colônia espiritual. Puderam presenciar a chegada de várias equipes que retornavam da crosta terrestre trazendo irmãos recém-desencarnados.

Puderam presenciar o trabalho maravilhoso que é feito naquela colmeia que não parava, era constante o movimento de chegada e saída de equipes em busca de outros espíritos nas regiões mais difíceis da Terra.

Infelizmente, dois meses se passaram rapidamente. Nesse pouco tempo, André e Esther tiveram a oportunidade de conhecer quase toda a colônia e as repartições que lhes chamaram a atenção e serviram de aprendizado para a nova missão que deveriam executar na Terra.

A reunião final deveria ser o reencontro com os amigos e administradores da colônia, que trabalhavam na área da programação reencarnatória, principalmente com as equipes de espíritos que teriam a missão de reencarnar em outros países.

Entre todas aquelas famílias, estavam as de André e Esther. Eram mais de cem pessoas que assumiram o compromisso de reencarnar em outro país.

Podíamos sentir no coração de todos a grande alegria que expressavam. Eles estavam recebendo aquela missão com muita alegria, mas com o coração um pouco afoito e sempre pedindo a Deus e aos benfeitores espirituais muita proteção para que não caíssem naquela nova empreitada.

Assim, foi feita uma grande festa de despedida, entre abraços, cumprimentos e desejos de felicidade.

Tiveram tempo suficiente para conversar com todos e puderam até trocar algumas ideias, sugestões, já que cada um podia multiplicar e ser multiplicador dos valores espirituais.

Após algumas horas, apareceu Alberto, aquele irmão querido e tão iluminado por sua própria luz, preenchendo o coração de todos com palavras de incentivo, dizendo:

— Meus queridos irmãos, nosso Mestre Jesus, quando esteve na Terra, disse para seus apóstolos:

"Ide pregar o meu Evangelho. Ide de dois em dois em todas as terras. Eu estarei convosco por todos os lados".

— Assim, seus apóstolos receberam a incumbência de uma nova missão: divulgar a boa nova para aqueles que não a conheciam. Assim eu também falarei com todos vós: ide com Jesus para as novas terras que vão habitar, os novos povos que vão conhecer. Lá, estaremos sempre ao lado de todos para que a doutrina do consolador possa nascer e crescer nos locais onde a necessidade se faz presente".

— Uma palavra nova, novos conhecimentos do cristianismo redivivo, em que o verdadeiro amor prospera na seara de Jesus.

— Vocês terão o papel de desbravadores, abrindo as estradas por onde alguém um dia passará e receberá o conforto espiritual, o agradecimento daqueles que virão depois, que serão beneficiados pelos caminhos

abertos por vós.

— Vocês terão, de nossa parte, o carinho e o amparo, nunca os deixaremos sozinhos.

— Talvez nem todos, nessa missão, colham frutos, pois esses virão depois. Lembrem-se de que o papel do semeador é semear a semente dada por Jesus. Todas as que forem semeadas nascerão.

— Não se esqueçam de trabalhar em vosso coração o amor, a fraternidade e a humildade.

— Assim, vencerão todas as dificuldades que terão de enfrentar pela vida. Ergam a bandeira da caridade, como o espiritismo nos ensina, que é: "fora da caridade não há salvação".

— A caridade não tem nacionalidade e está à disposição de todos os que queiram praticá-la.

— Nas horas de dificuldade, lembrem-se de Jesus, que sempre enviava um de seus discípulos.

— Nós sempre estaremos ao lado de vocês.

— Vão com Deus!

Assim, aquela linda reunião foi encerrada com uma prece de agradecimento pela oportunidade que todos ali estavam recebendo de ser multiplicadores dos ensinamentos de Jesus. A prece foi proferida por nosso irmão Ernesto:

"Senhor Jesus, mestre da caridade e do amor, nós te agradecemos por esses momentos felizes em que pudemos reunir mais de cem irmãos abnegados e responsáveis para executar uma grande missão em outras terras que não são as brasileiras, com o objetivo de levar a semente do consolador redivivo, implantada pelo Senhor nas terras brasileiras, juntamente com a caridade, a fraternidade e o amor universal.

Aqui estamos com os braços abertos esperando a Tua bênção, Tua proteção. Proteja-nos, Senhor, nessa nova caminhada. Sabemos que esses irmãos encontrarão muitos obstáculos pela frente, mas, por maiores que sejam, não representarão um milésimo das ingratidões que o Senhor recebeu quando esteve na Terra. Assim nos deu o exemplo de amor e paz, de perdão e renúncia em favor das nossas imperfeições, tão imensas diante da Tua evolução espiritual.

Abençoa-os, Senhor, nessa nova missão de levar o teu Evangelho redivivo na pureza e na simplicidade. Fortalece-nos na fé e na união, e seremos sempre gratos a tudo o que o Senhor fez e continua fazendo por nós, que somos espíritos decaídos.

Precisamos muito do amparo das falanges espirituais que vivem sob seu comando.

Queremos nos transformar em instrumentos para te servir. Que seja feita a Tua vontade em todo momento, em qualquer situação, para que possamos ser instrumentos dignos de receber a Tua bênção e a Tua proteção. Que as nossas mãos sejam instrumentos da Tua vontade para servir, e que a Tua vontade seja também a nossa. Que o teu amor esteja em nós. Que sejamos multiplicadores desses valores espirituais".

Terminada a prece, houve a despedida dos familiares. Saiu um grupo de cem espíritos, cada um com uma tarefa definida, para viver em vários países da Terra com o objetivo de levar a mensagem do consolador prometido. Eles seriam os fundadores da doutrina espírita em terras que não conheciam. Em algumas dessas localidades, onde a doutrina já esteja implantada, eles serão multiplicadores e encontrarão um terreno fértil, mais fácil de semear.

Todos se despediram abraçando-se fraternalmente. Estavam emocionadíssimos e as lágrimas caíam abundantemente. Eram lágrimas de alegria e gratidão por saberem que estavam iniciando uma missão na Terra, que poderia fazê-los dar um salto na sua evolução espiritual. Não ia ser fácil, mas contariam com o amparo de mais de quinhentos espíritos superiores que os acompanhariam às dimensões espirituais com o objetivo de protegê-los, para que pudessem e cumprir sua missão.

Eles não estarão sozinhos nessa tarefa, mas sob a proteção dos irmãos que têm experiência em divulgar o consolador prometido e que assumiram a incumbência de auxiliá-los.

Todos teriam a mediunidade bastante a florada para facilitar o contato com esses irmãos abnegados, que serão seus protetores.

Assim foram divididos os grupos em várias caravanas e eles seguiram radiantes para a redentora missão. Cada um levando no coração a grande esperança de deixar muitos vícios para trás.

Um novo horizonte se abria para eles: a bênção do recomeço!

FIM

RECOMEÇO

Quando o teu próprio trabalho te pareça impossível.

Quando a dificuldade e o sofrimento te surjam a cada passo.

Quando te sintas à porta de extremo cansaço.

Quando a crítica de vários amigos te incitem ao abatimento e à solidão.

Quando adversários de teus ideais e tarefas te apontem por vítima do azar.

Quando as sombras em torno se te afigurem mais densas.

Quando companheiros de ontem te acreditem incapaz a fim de assumir compromissos novos.

Quando te inclines à tristeza e à solidão.

Levanta-te, trabalha e segue adiante.

Quando tudo reponte no caminho das horas, não te desanimes, porque terás chegado ao dia de mais servir e recomeçar.

